



VANESSA GOULART BRANCO

PALAVRAS EM P-E-D-A-Ç-O-S

Passo Fundo, março de 2021

VANESSA GOULART BRANCO

PALAVRAS EM P-E-D-A-Ç-O-S

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Letras, sob a orientação da Profa. Dra. Patrícia da Silva Valério.

Passo Fundo

2021

CIP – Catalogação na Publicação

B816p Branco, Vanessa Goulart
Palavras em p-e-d-a-ç-o-s [recurso eletrônico] / Vanessa
Goulart Branco. – 2021.
1MB ; PDF.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia da Silva Valério.
Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de
Passo Fundo, 2021.

1. Palavras e expressões. 2. Vocalização. 3. Linguística.
4. Língua portuguesa - Ortografia e soletração. 5. Saussure,
Ferdinand de, 1857-1913. I. Valério, Patrícia da Silva,
orientadora. II. Título.

CDU: 801

Catalogação: Bibliotecária Jucelei Rodrigues Domingues - CRB 10/1569

*Ao Fabricio, meu grande amor, que partiu
desta vida, mas nunca do meu coração.*

*À minha amiga Evelise. Quando eu achei
que não poderia mais viver, ela achou que
eu poderia ser Mestre.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida, pelas oportunidades e pelas boas pessoas que colocou em meu caminho.

À minha orientadora, Profa. Dra. Patrícia da Silva Valério, por ter me dado a mão e me encorajado a seguir, na vida e no Mestrado. Obrigada pelo acompanhamento contínuo e pelos ensinamentos, mas, sobretudo, pela sua sensibilidade e gentileza. Agradeço por acreditar em mim (mesmo não me conhecendo) e por perceber que, além de lágrimas, eu poderia oferecer a minha dedicação.

Aos meus pais, Marta e Enori; Miriam e João. Toda a minha força vem de vocês. Obrigada por tudo!

À minha irmã, Vania, e ao meu cunhado, Kenner, pelo encorajamento e cuidado de sempre.

Agradeço a todas as minhas amigas e amigos pelo carinho e apoio, especialmente à Aline, pela dose diária de incentivo.

À minha parceira de trabalho, de estudo, de viagem e de vida, Evelise. As nossas aventuras de Lages a Passo Fundo ficarão na memória. Obrigada por não desistir de mim.

A toda equipe da Secretaria Municipal de Educação de Lages/SC, Ivana, Cadu, Andressa, Simone e Édison, e de maneira muito especial ao NEEP: Evelise, Cristina, Luciane, Cristian, Rafael (2019); Aline, Alisson, Gustavo e Sonia (2020).

A todos os professores do PPGL/UPF pela acolhida e pelos saberes compartilhados.

Aos meus colegas de Mestrado, que, mesmo não sabendo, tiveram papel fundamental na minha permanência e continuidade no curso.

Às professoras que compõem a banca de avaliação, Dra. Marlete Diedrich e Dra. Luiza Milano, agradeço pela disponibilidade, pelo carinho e pelos ensinamentos. Agradeço, ainda, a cada uma, por motivos diferentes: à professora Marlete pelas excelentes aulas ministradas e pelo incentivo na escrita deste tema; e à professora Luiza pela acolhida no grupo de leitura em voz alta do *CLG* e pelas magníficas contribuições a cada quinta-feira de estudo.

Meus sinceros agradecimentos a todos.

RESUMO

Esta pesquisa trata da expressão vocal de palavras, tendo como base a perspectiva da segmentação. O estudo parte da observação do modo como os estudantes operam com a língua durante a vocalização de palavras segmentadas em um concurso municipal realizado na cidade de Lages/SC, no ano de 2019. A investigação justifica-se pela tentativa de analisar os aspectos linguísticos do referido concurso dentro de uma perspectiva saussuriana, com o objetivo de compreender a relação entre o processo de vocalização e a segmentação de palavras, levando-se em consideração os fenômenos linguísticos envolvidos nesse processo. Sendo assim, este trabalho parte da reflexão acerca dos principais conceitos saussurianos, a saber: linguagem, língua e fala; signo linguístico (valor, arbitrariedade e linearidade); delimitação das unidades; analogia; fonologia; e escrita, com propósito de dar conta da análise do objeto de estudo. Desse modo, a pesquisa caracteriza-se metodologicamente como exploratória, bibliográfica e qualitativa, uma vez que está baseada numa revisão bibliográfica e na análise de trechos de gravações durante a final do concurso de soletração. Para tanto, foram selecionadas dezoito cenas nas quais se observou a solicitação feita pelos estudantes para a repetição da palavra, o significado ou a aplicação na frase; a entonação; a vocalização de determinados fonemas; a sequência das letras soletradas; e a expressão facial ou corporal durante a vocalização. Apresenta-se, portanto, a análise e a descrição das cenas sob a luz de conceitos teóricos advindos do pensamento de Saussure. A análise mostra que a vocalização de palavras segmentadas decorre de um processo de operações complexas dos estudantes com a língua em busca de sentido(s), por isso não se trata de um processo mecânico de memorização ou mero exercício de expressão de figuras vocais.

Palavras-chave: Vocalização. Soletração. Segmentação. Saussure. Sentido.

ABSTRACT

This research deals with the vocal expression of words, based on the segmentation perspective. The study starts from the observation of the way students operate with the language during the vocalization of segmented words in a municipal contest held in the city of Lages/SC, in 2019. The investigation is justified by the attempt to analyze the linguistic aspects of said contest within a Saussurian perspective, with the aim of understanding the relationship between the process of vocalization and the segmentation of words, taking into account the linguistic phenomena involved in this process. Therefore, this work starts from the reflection about the main Saussurian concepts, namely: language, language and speech; linguistic sign (value, arbitrariness and linearity); delimitation of units; analogy; phonology; and written, in order to account for the analysis of the object of study. In this way, the research is methodologically characterized as exploratory, bibliographic and qualitative, since it is based on a bibliographic review and on the analysis of excerpts from recordings during the final spelling bee. For that, eighteen scenes were selected in which the request made by the students for the repetition of the word, the meaning or application in the sentence; the intonation; the vocalization of certain phonemes; the sequence of the spelled letters; and the facial or body expression during vocalization were observed. Therefore, the analysis and description of the scenes are presented in the light of theoretical concepts arising from Saussure's thought. The analysis shows that the vocalization of segmented words results from a process of complex operations of students with the language in search of meaning(s), so it is not a mechanical process of memorization or mere exercise of expression of vocal figures.

Keywords: Vocalization. Spelling. Segmentation. Saussure. Sense.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 PONTO DE PARTIDA: A SOLETRAÇÃO E O LUGAR DE SAUSSURE NESTA PESQUISA	12
2.1 POR QUE SAUSSURE?	12
2.2 A LINGUÍSTICA DE SAUSSURE HOJE	13
2.3 SOLETRAÇÃO <i>VERSUS</i> VOCALIZAÇÃO	18
2.4 O CONCURSO DE SOLETRAÇÃO – <i>SOLETRANDO</i>	21
3 A LINGUÍSTICA COMO HERANÇA SAUSSURIANA	27
3.1 LINGUAGEM, LÍNGUA, FALA	27
3.2 SIGNO	32
3.2.1 Valor	36
3.2.2 Arbitrariedade	40
3.2.3 Linearidade	44
3.3 DELIMITAÇÃO DAS UNIDADES LINGUÍSTICAS	46
3.4 ANALOGIA.....	52
3.5 FONOLOGIA.....	56
3.6 ESCRITA	60
4 S-O-L-E-T-R-A-N-D-O: UMA ANÁLISE SOBRE A VOCALIZAÇÃO DE PALAVRAS SEGMENTADAS	64
4.1 CARACTERIZAÇÃO METODOLÓGICA E O CONTEXTO DE PESQUISA	64
4.2 CONSIDERAÇÕES PARA ANÁLISE	66
4.2.1 Pode repetir, por favor?	69
4.2.2 Aplicação na frase	71
4.2.3 Portento?	72
4.2.4 Definição, por favor!	74
4.2.5 “Leite[i] quente[i] dói o dente[i]”	76
4.2.6 U ou L, T ou D, AM ou ÃO?	77
4.2.7. Para bom entendedor...	79
4.2.8. Cáqui ou caqui?	81
4.3 DISCUSSÃO DA ANÁLISE	82
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	90

APÊNDICES	93
APÊNDICE A – Quadro 1	93
APÊNDICE B – Quadro 2.....	97
ANEXOS	102
ANEXO A – Regulamento	102
ANEXO B – Banco de Palavras	106
ANEXO C – Conto (Categoria 1).....	115
ANEXO D – Conto (Categoria 2).....	119

1 INTRODUÇÃO

Estudar a língua é lançar o olhar, por vários ângulos, àquilo que nos é naturalmente conhecido e curiosamente desconhecido, ao mesmo tempo. Pensamos *pela* língua, lemos *pela* língua, falamos *pela* língua. É ela que nos permite organizar o pensamento; é ela que permite que nos comuniquemos.

Propomo-nos, nesta dissertação, a uma reflexão acerca do estudo da expressão vocal como produção de sentido das palavras. E por falar em sentido, foi em busca dele que ingressei neste curso de Mestrado. E não me refiro ao sentido das palavras, me refiro a um sentido para a vida.

Não foi um motivo feliz que me fez alçar novos voos. Muito pelo contrário. Após uma perda muito significativa, decidi que era preciso tomar outro rumo. Decidi preencher o tempo com o estudo, com a pesquisa; e foi esse impulso que me fez chegar aqui; eu, aos pedaços, estudando as palavras, *em p-e-d-a-ç-o-s*.

No entanto, ao ingressar no curso, ainda não tinha em mente um possível tema para a pesquisa. Porém, cursando uma das disciplinas do programa, reencontrei Saussure, e o objeto de estudo, então, se revelou.

A temática veio à tona a partir da minha atuação como professora de Língua Portuguesa e também como coordenadora dessa disciplina pela Secretaria Municipal da Educação de Lages/SC. Lendo os textos de Saussure, pude relacioná-los ao projeto de soletração que estava sendo implantado nesse município; e, por consequência, pude avaliar como essas ações estiveram presentes durante a minha trajetória profissional.

Desde que iniciei minha atuação, como docente na escola pública, percebi que a utilização de atividades lúdicas e/ou competitivas eram bons recursos para estimular a aprendizagem dos estudantes. O exercício da soletração estava entre essas atividades, cujo desenvolvimento e resultados eram sempre muito positivos. Coincidentemente, ao assumir a coordenação da disciplina na Secretaria Municipal, fui provocada pelo diretor de ensino (que também é professor de Língua Portuguesa) a desenvolver o “Soletrando” em nível municipal, haja vista que esse professor já havia participado, anos antes, de um quadro televisivo transmitido nacionalmente.

O concurso que motivou a realização desta pesquisa aconteceu no ano de 2019, mesmo ano do meu ingresso no Mestrado, e superou as expectativas de toda

comunidade escolar pelo engajamento e dedicação dos alunos e professores. Embora a rede municipal de ensino de Lages/SC realize, anualmente, um concurso de produção textual, intitulado “Olimpíada Lageana de Língua Portuguesa”, obtendo alta adesão e resultados bastante positivos, o concurso de soletração trouxe um ânimo diferente aos alunos, por ser uma competição mais dinâmica do que a produção de textos.

Contudo, durante todo o processo de realização do concurso, questionei a mim mesma, por diversas vezes, qual seria, realmente, o resultado de todo o trabalho desenvolvido, já que algumas pessoas consideravam a ação apenas como “recreativa” ou um mero trabalho “mecânico”.

Entretanto, diversos aspectos puderam ser observados durante a realização das etapas do concurso, e que chamaram a atenção pela maneira como os estudantes colocavam a língua em funcionamento. A partir do meu ingresso no PPGL, assistindo às aulas, pude perceber mais atentamente esses aspectos, que se revelavam por outros ângulos na medida em que eu passava de ‘coordenadora’ a ‘pesquisadora’, fazendo surgirem, então, alguns questionamentos diante desse processo. É preciso atribuir sentido a uma palavra para poder segmentá-la? Soletrar é decorar? A soletração, vista comumente como um processo mecânico, pode contribuir para a construção do sentido das palavras? Assim, sobrevieram as inquietações que dão existência a esta dissertação, a qual está vinculada à linha de pesquisa “Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso”.

Sabemos que a prática da soletração, como forma de disputa entre os alunos, não é novidade nas salas de aula. Muitos professores desenvolvem corriqueiramente essa atividade com seus estudantes; porém, o diferencial no concurso realizado, além da maior abrangência (municipal), foi conjugar leituras à soletração. Desse modo, para que os estudantes pudessem se preparar para o concurso, foi disponibilizado, previamente, um banco de palavras, dividido em duas categorias (6º/7º e 8º/9º) e separado em níveis “fácil”, “intermediário” e “difícil”, elaborado pelos professores de Língua Portuguesa durante um encontro de formação promovido pela Secretaria da Educação. Além disso, para a etapa final, foram selecionados dois contos: “*As mãos de meu filho*”, de Érico Veríssimo, e “*O homem que sabia javanês*”, de Lima Barreto, a fim de que os alunos estudassem no período do recesso escolar, pois as palavras sorteadas para a soletração seriam retiradas desses textos.

A competição ocorreu de abril a agosto, do ano de 2019, entre as turmas de 6º a 9º anos do Ensino Fundamental, e todas as escolas municipais que possuíam essas turmas participaram. O concurso¹ contou com a participação de dezoito escolas e envolveu cerca de três mil estudantes.

Mais do que premiar os vencedores, o concurso de soletração objetivava ampliar o vocabulário dos estudantes, aprimorar a pronúncia e a escrita das palavras e incentivar hábitos de leitura. Além disso, a proposição feita aos alunos, ao soletrar palavras, era a percepção de que cada letra, cada sinal (acento, hífen, cedilha, til) exercem funções importantes no sistema linguístico, uma vez que os elementos mínimos das palavras estão impregnados de uma significação, ultrapassando, assim, a mecanicidade.

Diferentemente dos objetivos do concurso, esta pesquisa volta o olhar para um aspecto envolvido na vocalização. Desse modo, a presente dissertação justifica-se pela tentativa de analisar os aspectos linguísticos do referido “Concurso de Soletração” dentro de uma perspectiva saussuriana. Para tanto, é nosso objetivo compreender a relação entre o processo de vocalização (expressão oral) e a segmentação da palavra.

É importante ressaltar que não são os aspectos de ensino que permeiam esta investigação. Nosso olhar está voltado às questões linguísticas (delimitação e vocalização) da soletração, sob a ótica saussuriana. A aprendizagem ou os fatores psicológicos, envolvidos nesse processo, também poderiam ser alvos desta pesquisa; contudo, escolhemos nos dedicar ao funcionamento da língua durante a vocalização de palavras segmentadas.

Nesse sentido, este trabalho é composto por quatro capítulos, sendo este o primeiro, introdutório; o segundo, onde há a apresentação da teoria e do concurso; o terceiro é o capítulo teórico que embasa a análise que realizamos no quarto capítulo.

Logo, o segundo capítulo versa sobre a justificativa da teoria que fundamenta esta pesquisa; aborda a relevância dos estudos saussurianos ainda nos dias de hoje; apresenta as discussões concernentes à soletração/vocalização e orienta o leitor acerca da realização do concurso supracitado, detalhando as etapas, as regras e o andamento.

¹ O próximo capítulo detalhará como ocorreu o concurso, em todas as suas etapas.

O terceiro capítulo traz os conceitos fundantes da teoria saussuriana, abordando elementos como: linguagem, língua e fala; signo linguístico (valor, arbitrariedade e linearidade); delimitação das unidades; analogia; fonologia; escrita. Tais conceitos integram esta pesquisa visando embasar a concepção de língua como objeto de estudo da linguística e porque dão conta de uma análise da significação a partir do estudo dos signos, sejam eles representados pela vocalização ou pela escrita.

Por fim, o último capítulo apresenta a análise de alguns trechos da transmissão da final do concurso de soletração, visando observar aspectos como: quais os casos em que o aluno ‘pergunta’ em vez de pronunciar a palavra sorteada; em quais situações o aluno solicita os recursos de ‘repetição, significado, aplicação na frase’; o que levou o aluno a vocalizar a palavra com um determinado som e soletrar com outro. Esses e outros fatores serão descritos e analisados conforme a teoria mencionada.

Sendo assim, a pesquisa aqui apresentada caracteriza-se metodologicamente como exploratória, bibliográfica e qualitativa, uma vez que está baseada numa revisão bibliográfica e na análise de imagens gravadas na etapa da final do concurso *Soletrando*, disponíveis na internet (redes sociais da Prefeitura e da Secretaria Municipal da Educação de Lages/SC).

Em remate, o estudo ora apresentado tem como intuito responder às indagações já colocadas, numa tentativa de compreendermos como se dá a apropriação de sentido das palavras, mesmo que em p-e-d-a-ç-o-s.

2 PONTO DE PARTIDA: A SOLETRAÇÃO E O LUGAR DE SAUSSURE NESTA PESQUISA

Na busca de respostas às perguntas que nos inquietam nesta investigação, dentre elas, e talvez a principal: “é preciso atribuir sentido a uma palavra para poder segmentá-la?”, é importante que justifiquemos a escolha pela teoria saussuriana e, também, que expliquemos por que um concurso de soletração é o objeto desta pesquisa, marcando, assim, nosso ponto de partida.

Dessa forma, este capítulo apresentará o teórico que embasa esta investigação, justificará tal escolha e tecerá uma breve reflexão acerca da teoria nos dias atuais.

Além disso, é função deste capítulo apresentar o conceito de soletração e refletir acerca da utilização desse método no ambiente escolar. Por outro lado, também nos cabe, neste espaço, traçar os limites desta pesquisa, cujo enfoque não é o da educação, mas sim o do funcionamento da língua durante a vocalização de palavras segmentadas, sob o ponto de vista da teoria saussuriana.

Por fim, este capítulo apresentará o Concurso de Soletração – *Soletrando*, onde, quando e como ocorreu, a fim de apresentarmos o que compreendemos como ponto de interseção entre a soletração, a vocalização e o sentido.

2.1 POR QUE SAUSSURE?

Neste estudo que tem a língua como objeto, não seria outro, senão Ferdinand Mongin de Saussure (1857-1913), a nos dar o suporte teórico do qual necessitamos, por meio do *Curso de Linguística Geral*², escrito pela ótica de Bally e Sechehaye³.

² Doravante, as referências ao *Curso de Linguística Geral* serão indicadas por *CLG*.

³ Como se sabe, o *Curso de linguística geral* não foi escrito por Saussure, mas por Charles Bally (1865-1947) e Albert Sechehaye (1870-1946), professores da Universidade de Genebra e colegas de Saussure, com a colaboração de Albert Riedlinger (1882-1978), este último tendo assistido a dois dos três cursos de linguística geral, diferentemente de Bally e Sechehaye, que, em função de suas atividades docentes, não puderam estar presentes em nenhum desses cursos. Saussure tornou-se célebre aos 21 anos, graças à publicação de sua *Dissertação sobre o sistema primitivo das vogais nas línguas indo-europeias*. Trata-se de um trabalho em linguística histórica, nada tendo sido publicado em vida sobre a linguística geral (CRUZ, 2016, p. 26).

A discussão sobre a originalidade dos textos de Saussure não é foco deste estudo, nem pretendemos aprofundar a reflexão a respeito desse assunto. Contudo, faz-se necessário tecer essas primeiras informações para contextualizar a teoria.

Milner (1987, p. 32) disse que “toda linguística é por definição saussuriana”. O *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure⁴, é ainda o texto mais universalmente proposto aos estudantes, e não seria à toa tal proposição. O *Curso* é, há mais de cem anos, o manual mais lido por aqueles que se dedicam aos estudos linguísticos; e, acreditando na sua legitimidade e importância, é que este trabalho parte de tal autor e teoria.

O *CLG* segue sendo atualmente um texto a ser lido. Mas não apenas. Ele pode, sem dúvida, cumprir o papel de um primeiro acesso ao pensamento extremamente rico, rigoroso, mas não menos hesitante, inacabado, que diz respeito não somente à linguagem humana, mas, também e sobretudo, à própria prática do linguista em sua difícil tarefa cotidiana de tentar apreender esse objeto particularmente heteróclito que é a linguagem humana (CRUZ, 2016, p. 48).

Dessa forma, o estudo aqui apresentado está baseado no *CLG* e também em outros textos e obras dessa leitura decorrentes, para que tenhamos o embasamento teórico necessário ao que tal trabalho propõe, isto é, refletir sobre a soletração, sob o ponto de vista da linguística saussuriana.

Assim, o capítulo três apresentará as bases do pensamento saussuriano que vêm ao encontro desta pesquisa; enquanto este capítulo destina-se a apresentar os nós desta investigação e o ponto de partida do nosso estudo, bem como a definir o conceito de soletração.

Antes disso, queremos mostrar a importância dos estudos de Saussure na atualidade: o homem que existiu para que a linguística existisse. É o que faremos na próxima seção.

2.2 A LINGUÍSTICA DE SAUSSURE HOJE

Qualquer pessoa que se aventure a estudar os fenômenos linguísticos se deparará com as ideias de Ferdinand de Saussure e, por consequência, com o

⁴ Durante o Curso de Graduação em Letras, tive um contato bastante superficial com a teoria saussuriana. Já no Mestrado, pude rever e aprofundar os ensinamentos do linguista de Genebra, o que me fez decidir pela pesquisa partindo de sua teoria para pensar sobre questões de língua que estão presentes no Concurso de Soletração apresentado neste capítulo.

Curso de Linguística Geral. Em que pesem os questionamentos sobre a autoria do livro, nem o leitor mais desatento deixará de tomar conhecimento de que a obra foi escrita por colegas de Saussure, que sequer participaram da integralidade do curso ministrado, como anunciamos anteriormente.

O que faz, então, que o *CLG* seja (ainda) tão lido e estudado nos dias de hoje?

A essa pergunta desdobram-se várias possibilidades de respostas, que tentaremos compilar, brevemente, nas próximas linhas.

Faraco (2016, p. 11) nos diz que:

O *CLG*, que tanto impacto viria a ter no pensamento do século XX, tem, portanto, esses problemas de origem. Não foi escrito por Saussure (embora seja sempre referido a ele), nem teve, claro, sua aprovação. Seus organizadores e redatores não estiveram presentes nos cursos e dependeram, para coligir o texto, de cadernos de alunos. O *CLG*, atribuído a Saussure é, na verdade, um texto de terceira mão. Essa complexa questão autoral e epistemológica, contudo, só foi devidamente problematizada quarenta anos depois de sua publicação (embora já apontada por Meillet na resenha que escreveu em 1916).

Não se pode negar que somente um texto da envergadura do *CLG* poderia “sobreviver” a tantas críticas e discussões em torno de sua legitimidade. As teorias escritas nele são de extrema importância para os estudos linguísticos, do passado e da atualidade, o que se pode comprovar com o centenário de existência da obra, cuja leitura é obrigatória em diversos cursos — atuais — que se dedicam ao estudo da língua.

Há, evidentemente, posições contrárias a tal importância que é dada, ainda na atualidade, ao *CLG*. Alguns linguistas contemporâneos defendem o abandono da obra; outros, por sua vez, sugerem a leitura com muita parcimônia, sempre comparada a outras obras.

O que nos vale nesta investigação, porém, é a importância que, até mesmo nos dias de hoje, é conferida ao *CLG* e a Saussure.

A ideia de que haveria ruptura entre Saussure e a linguística que se faz atualmente tem sido cada vez mais posta em xeque — apesar, é verdade, de ainda ser amplamente veiculada em muitos cursos e manuais de introdução à linguística —, de modo que não parece absurdo perguntar sobre os interesses de um retorno à linguística de Saussure hoje (FARACO, 2016, p. 25-26).

Importante pensar nessa “ruptura” (se é que houve) entre Saussure e a linguística atual. Muito do que se trata como barreira em relação ao *CLG*, mais parece uma tentativa de desviar daquilo que realmente importa: o estudo da linguagem.

Além do *CLG*, outras obras ligadas a Saussure também propõem diversas reflexões acerca do pensamento linguístico do autor.

[...] Falar sobre Ferdinand de Saussure, hoje em dia, é tarefa complexa. E tal complexidade decorre, em grande medida, do vasto número de fontes disponíveis para pesquisa que incluem desde o próprio *Curso de linguística geral* até obras escritas e publicadas por Ferdinand de Saussure; fontes manuscritas de Saussure (publicadas ou não); cartas de Saussure (pessoais e profissionais); anotações de alunos de Saussure; cartas de alunos; edições críticas do *CLG*; *Anagramas* (publicados ou não), entre outras (FIORIN; FLORES; BARBISAN, 2017, p. 12).

As discussões acerca de um Saussure ilídimo trazem à tona a necessidade de um pensamento reconhecidamente saussuriano. Movidos por essa ideia, Simon Bouquet e Rudolf Engler publicam, então, os *Escritos de Linguística Geral*⁵, que seriam a grande revelação das ideias autênticas do mestre genebrino. A obra está ancorada nos manuscritos de Saussure, que foram encontrados em sua residência em 1996, tempos depois de sua morte.

Bouquet reconhece que Bally e Sechehaye realizaram uma síntese magistral da reflexão saussuriana, mas admite que a obra oferece um reflexo deformado do pensamento que pretende divulgar. Acrescenta ainda que o pensamento de Saussure sobre a linguística geral teria, durante muito tempo, permanecido nas sombras (CRUZ, 2016).

Essas afirmações levaram Bouquet a reconhecer apenas os *ELG* como obra autêntica do linguista genebrino, pois, segundo o que pensava “a publicação dos textos originais mostraria, então, o suposto verdadeiro Saussure e dissiparia muitos mal-entendidos produzidos ao longo do século XX” (CRUZ, 2016, p. 27).

⁵ Lançado, originalmente, em 2002 sob o título de *Écrits de Linguistique Générale (ELG)*, a obra é um compilado dos manuscritos saussurianos “descobertos” em 1996, organizados e editados por Simon Bouquet (1954) e Rudolf Engler (1930-2003), que promete ser uma edição mais “fiel” ao pensamento do linguista. A obra ganhou sua tradução para o português em 2004 (RIBEIRO, 2019).

Contudo, a visão de Bouquet não representaria o pensamento de todos aqueles que se dedicam aos estudos da língua, incluindo seu próprio colega, Engler⁶, como podemos observar no texto de Cruz (2016, p. 27-28):

Essa posição que pretende fazer do CLG um apócrifo, ao mesmo tempo em que parece atribuir essa mudança de representação que se opera em torno da figura de Saussure à descoberta das fontes manuscritas está, contudo, longe de ser consensual. Engler, por exemplo, que, inclusive edita juntamente com Bouquet os *Escritos de linguística geral (ELG)*, tem uma posição bastante diferente. “Eu não penso, ele afirma, “que estudos posteriores baseados em edições ‘cronológicas’ tenham feito grandes progressos, a ponto de as novas interpretações serem tão díspares” (Engler, 2004:56).

Acontece, porém, que tanto o *CLG* quanto os *ELG* têm sua importância na esfera dos estudos linguísticos. Alguns diriam que uma obra complementa a outra, que é necessário ler o *Curso* com o apoio dos *Escritos*. Ou seja, uma obra não está tão distante assim da outra. Não há que se pensar no abandono do *CLG* em detrimento de obras mais recentes, pelo simples argumento de que o primeiro acesso ao pensamento saussuriano (levando-se em conta aqui o *CLG*) está ultrapassado. Nesse sentido, Cruz (2016, p. 28) nos provoca à seguinte reflexão:

O leitor pode estar se perguntando sobre a relevância de um possível interesse pelo *Curso de linguística geral* como primeiro acesso ao pensamento de Saussure hoje; afinal, se temos à nossa disposição textos oriundos da própria mão do linguista, por que ainda ler o *Curso*? [...] Em primeiro lugar, é preciso considerar que os textos originais apresentam uma desvantagem importante em relação ao *Curso*, embora a recíproca seja igualmente verdadeira. Diríamos que o *CLG* tem e que falta aos textos originais é a organicidade: as ideias de Saussure nos manuscritos se apresentam sob a forma de fragmentos ou textos lacunares [...].

Há quem diga que os *ELG* foram organizados com base no *CLG*, já que não se tinha, nos manuscritos, uma ordem a ser seguida. Independente disso, sabemos que os ensinamentos constantes no *Curso* foram e são de extrema relevância para

⁶ Convém ressaltar a relevância de Rudolf Engler nos estudos e publicações das ideias saussurianas. Antes da publicação dos *ELG*, Engler já havia se dedicado à edição crítica do *CLG*. Inspirado pela publicação de Robert Godel — *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de F. de Saussure (1957)* —, Rudolf Engler publica, entre 1967 e 1968, uma complexa edição do *Curso* dividida em seis colunas, dispostas da seguinte forma: na primeira coluna se encontra o texto do *CLG*, tal qual sua publicação em 1916 e com as alterações que aconteceram na segunda edição (1922) e também na terceira (1931); da segunda à quinta coluna, temos as anotações dos alunos dos cursos (a quinta coluna contém as anotações de Émile Constantin, considerado um dos cadernos mais completos dos cursos de Saussure e divulgado apenas em 1958); e a sexta coluna contém notas autográficas de Saussure (RIBEIRO, 2019).

os estudos linguísticos, e que “a decisão de descartar de uma vez por todas a leitura do *CLG* em prol da leitura de um texto como os *ELG* num curso de introdução ao pensamento de Saussure não é tão evidente quanto se supõe” (CRUZ, 2016, p. 29).

A discussão aqui proposta diz respeito à leitura de Saussure ainda nos dias atuais, mesmo com todos os melindres acerca de sua obra, e também com todas as demais opções disponíveis no campo dos estudos linguísticos contemporâneos.

Não é à toa que o chamamos de “pai da linguística moderna”, seus ensinamentos fizeram sentido, fazem sentido e, certamente, ainda farão nas próximas décadas de estudo. Eis o que conhecemos por *clássico*.

Qual é a importância de Saussure hoje? É ainda o grande Calvino quem nos socorre: “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (Calvino, 1998:11). Num momento em que reaparecem, com força total, as teses biológicas para explicar os fatos humanos, num esvaziamento de sua dimensão social e cultural, Saussure é mais atual do que nunca [...]. Além disso, Saussure, como todo clássico, serve para entender quem somos e aonde chegamos. Ele é fundamental para compreender a Linguística moderna (FIORIN; FLORES; BARBISAN, 2017, p. 9).

Saussure permanece sendo um linguista atual, e muitas são as razões que explicam por que sua obra é tão lida e tão estudada ainda nos dias de hoje. Comungamos da opinião de Fiorin, Flores e Barbisan (2017, p.10) de que “[...] Saussure não é um autor embolorado, ele ainda tem coisas a nos ensinar. Desejamos mostrar que o texto saussuriano ainda aponta caminhos, abre sendas e veredas, permite descortinar o horizonte”.

Dessa forma, consideramos imprescindível, para o desenvolvimento deste trabalho, (re)visitar alguns conceitos fundantes da teoria saussuriana, quais sejam: linguagem, língua e fala; valor do signo no sistema, arbitrariedade e linearidade; recorte da unidade; analogia; fonologia e escrita, dos quais trataremos no próximo capítulo. Esperamos que, a partir de tais conceitos, possamos responder às perguntas desta pesquisa, uma vez que a produção de sons, tal como defenderemos, não é mera produção de massa amorfa.

Antes disso, passaremos a discorrer, nas próximas seções deste capítulo, sobre o conceito de soletração e a aplicação do Concurso *Soletrando* no município de Lages/SC, com o objetivo de apresentar ao leitor o contexto que inspirou o ponto de vista sobre o qual se delinea esta pesquisa.

2.3 SOLETRAÇÃO VERSUS VOCALIZAÇÃO

O termo “soletração”, que nada tem de novo, sempre esteve ligado a estratégias de ensino de leitura, comumente tratado como recurso mecânico, baseado na mera decodificação de símbolos.

Segundo o Dicionário Aulete, *soletrar* é: “1- Ler uma a uma as letras de (palavra, frase), reunindo-as ou não em sílabas; 2- Ler de modo pausado e/ou atento; 3- Ler por partes, devagar”.

Em pesquisas realizadas sobre o tema “soletração”, os resultados retornam sempre a métodos de alfabetização ou leitura, utilizados há bastante tempo, conforme escreveu Pasquim (2015, p. 35):

[...] a história da alfabetização no Brasil (1876 a 1890), marcada pela [...] disputa entre o então ‘novo’ método João de Deus para o ensino da leitura, baseado na palavrção, e os ‘antigos’ métodos sintéticos – soletração e silabação – em que se baseiam as primeiras cartilhas escritas por brasileiros.

Os métodos de alfabetização — soletração e silabação —, tão comuns nas cartilhas que promoviam (promovem) o ensino da leitura, já vinham da utilização de outros países, tal como pode ser observado nas palavras de Trindade, Mello e Silva (2015, p. 833): “ao discutir uma das possíveis divisões que os métodos de leitura receberiam no século XIX, em Portugal, Lage (1924) apresenta três categorias que [...] seriam: método da antiga soletração, método da nova soletração e método sem soletração”. À guisa de exemplificação, o *método da antiga soletração* consistiria em ensinar as vogais e os demais nomes das letras por ordem alfabética, formar sílabas diretas por igual ordem, nomeando separadamente as letras e pronunciando-as. Já o *método da nova soletração* (ou soletração moderna) teria um procedimento semelhante ao anterior, só que suprimiria a nomeação das consoantes; esse método também modificaria a denominação dada às letras. E, por fim, o *método da não soletração* (centrado na leitura auricular da palavra) consistiria em dispensar a soletração, passando-se logo para o estudo das sílabas (TRINDADE; MELLO; SILVA, 2015).

Convém destacar que apresentamos essas informações como mero caráter ilustrativo de alguns estudos que se dedicaram à soletração. Não temos pretensão alguma de mencionar, tampouco avaliar, a pertinência de tais métodos. Dedicamo-

nos aqui aos aspectos linguísticos de um concurso de soletração específico, não aos níveis e métodos de aprendizagem. Contudo, importante se faz situar o leitor sobre outros estudos que abordaram a “soletração”, mesmo que por outro enfoque.

Nesse sentido, podemos citar, ainda, a utilização do ato de soletrar vinculado à prática de “decorar”, que pode ser observado na seguinte citação, na qual um professor “refutou [...] a acusação de usar e abusar da decoração, que julgava incompatível com o método analítico, de acordo com o qual a criança deve entender, em vez de decorar, como acontece quando se usa o método da soletração e suas abstrações” (MORTATTI, 2015, p. 67-68).

É essa proximidade — decorar/soletrar — que confere à soletração um caráter mecânico. Tal afirmação remete a outra pergunta que norteia esta pesquisa: soletrar é decorar?, cuja resposta buscaremos na análise (capítulo quatro) do nosso objeto de investigação: o Concurso *Soletrando*.

Contudo, vale ressaltar, de antemão, que o simples fato de vocalizar letras e sinais gráficos das palavras vai além da mecanicidade, uma vez que os elementos mínimos das palavras estão impregnados de uma significação, um conceito. A proposição feita aos alunos, ao soletrar palavras, é a percepção de que cada letra, cada sinal exercem funções importantes no sistema linguístico.

A esse respeito, podemos considerar as palavras de Saussure (2012, p. 68):

Lemos de dois modos: a palavra nova ou desconhecida é soletrada letra por letra; abarcamos, porém, a palavra usual e familiar numa vista de olhos, independentemente das letras que a compõem; a imagem dessa palavra adquire para nós um valor ideográfico.

Se pensarmos que as palavras “conhecidas” são lidas mais facilmente porque imprimimos a ela um valor, independente da sequência escrita; e que as palavras “desconhecidas” são lidas letra a letra por não representarem, ainda, um valor; não estamos, portanto, nos referindo à mecanicidade, mas sim à significação, haja vista ser o *valor* próprio daquilo que significa. Tal conceito será explorado no próximo capítulo, queremos apenas suscitar a ideia de que a soletração nem sempre é um ato mecânico.

Trouxemos, até o momento, a palavra “soletração” para nos referirmos aos procedimentos de leitura ou fala (não espontânea) de letra a letra, sinal a sinal. É importante esclarecermos, neste ponto do trabalho, que utilizaremos a palavra

vocalização nos casos em que nos referirmos à produção fônica (segmentada ou não) realizada pelo indivíduo falante; e que empregaremos o termo *soletração* (sempre de produções fônicas segmentadas) quando estivermos nos referindo às ações próprias do concurso. Justificamos tal escolha considerando o ângulo de observação da mestrandia. Sendo a coordenadora ou a professora da Secretaria Municipal da Educação de Lages/SC, interessa desvendar os aspectos pedagógicos do Concurso de Soletração. Contudo, pelo ângulo de pesquisadora, interessa-nos descrever e compreender os fenômenos linguísticos oriundos desse Concurso, levando em conta os aspectos vocais que decorrem da vocalização e da segmentação das palavras. Poderíamos, ainda, utilizar o termo “oralização”, mas fazemos a opção pelo termo “vocalização”, por considerarmos mais abrangente⁷.

Consoante o Dicionário Aulete, *vocalizar* é: “[...] 2- Falar, verbalizar; 3- Emitir, realizar vocalização [...]”.

Dessa forma, ratificamos que não pretendemos explorar o Concurso de Soletração pelo caminho da educação; não é o ensino (seja da fonologia ou da ortografia) que interessa a esta pesquisa, tampouco os aspectos psicológicos nele envolvidos, mas sim os aspectos linguísticos que dizem respeito ao funcionamento da língua durante a vocalização de palavras segmentadas, reflexão que busca aporte na teoria saussuriana.

Saussure (2012, p. 158) nos ensina que “para compreender por que a língua não pode ser senão um sistema de valores puros, basta considerar os dois elementos que entram em jogo no seu funcionamento: as ideias e os sons”. Ao reencontrar Saussure, quando do ingresso no curso de Mestrado, essa afirmação foi rapidamente remetida ao concurso de soletração, o qual eu coordenava. Os alunos, ao vocalizarem as palavras segmentadas, estariam levando em consideração as ideias, ou apenas os sons? Dito de outra forma: é preciso atribuir sentido a uma palavra para poder segmentá-la? Essas são as perguntas que desencadearam esta investigação, e são a elas que buscaremos responder ao longo deste trabalho.

Desse modo, passaremos a explanar como se deu a realização do Concurso *Soletrando*, a fim de demarcarmos o ponto de encontro entre a expressão vocal e a produção de sentido das palavras, ainda que em p-e-d-a-ç-o-s.

⁷ Justificamos que a escolha pelo termo “vocalização” se deu a partir de uma percepção de um uso singular das palavras vocalizadas pelos participantes da pesquisa. Contudo, este conceito não foi aprofundado em razão dos limites desta pesquisa.

2.4 O CONCURSO DE SOLETRAÇÃO – SOLETRANDO

A inquietação acerca do tema proposto nesta pesquisa surgiu com a realização do Concurso de Soletração – *Soletrando*, promovido pela Secretaria Municipal da Educação de Lages/SC, da qual estive à frente da coordenação da disciplina de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental/Anos Finais, de 2018 a 2020.

A rede municipal de ensino de Lages/SC realiza, anualmente, concursos de produções textuais. Há uma “Olimpíada Lageana” já consagrada entre as unidades escolares, cujos resultados apresentados são muito positivos no processo de desenvolvimento da leitura e escrita dos estudantes.

Contudo, numa tentativa de inovar o trabalho realizado pelos professores de Língua Portuguesa, de forma mais dinâmica e competitiva, surgiu, com base no famoso quadro televisivo, o 1º *Soletrando*. O concurso foi preparado e realizado pelo setor de coordenação da disciplina de Língua Portuguesa, no qual eu estive à frente.

A ideia de instituir o concurso, em âmbito municipal, já era um anseio do diretor de ensino da referida Secretaria de Educação, o qual também é professor de Língua Portuguesa, já tendo participado, inclusive, do concurso promovido e transmitido, em rede nacional, por conhecida emissora de televisão.

Sabemos que a prática da soletração, como forma de disputa entre os alunos, não é novidade nas salas de aula. Muitos professores desenvolvem corriqueiramente essa atividade com seus estudantes; porém, a competição promovida pela Secretaria de Educação traria alguns diferenciais: além de abranger um número maior de estudantes, o concurso traria duas configurações de estudo: a primeira, lista de palavras aleatórias; e a segunda, indicação de contos, dos quais seriam extraídas as palavras a serem soletradas/vocalizadas.

O Concurso *Soletrando*, que é objeto de reflexão deste trabalho, ocorreu entre os meses de abril e agosto de 2019, mesmo ano que ingressei no curso de Mestrado da UPF, e que estava em busca de um objeto de pesquisa. Contudo, foi, sem dúvida, o reencontro com Saussure que fez com que avaliássemos a dinâmica desenvolvida nesse concurso de soletração, pensando qual seria, de fato, a relação existente entre a palavra segmentada e a vocalização.

Os objetivos traçados para o desenvolvimento do concurso *Soletrando* foram: incentivar a leitura, despertar o interesse pela língua portuguesa, enriquecer o

vocabulário dos estudantes, bem como aprimorar a pronúncia e escrita das palavras. Esses foram os objetivos descritos no Regulamento do Concurso (Anexo A), haja vista que o intuito de sua realização era (e ainda é) melhorar os níveis de aprendizagem dos estudantes.

Vale ressaltar, porém, que esses são os objetivos traçados para a realização **do concurso**; o objetivo desta pesquisa, no entanto, é outro. Aqui, o propósito é compreender a relação entre o processo de vocalização e a segmentação da palavra.

Quanto à competição, importa informar que ocorreu entre as turmas de 6º a 9º anos do Ensino Fundamental, e todas as escolas municipais de Lages/SC, que possuíam essas turmas, participaram. Foram dezoito unidades escolares inscritas, envolvendo cerca de três mil estudantes.

O Concurso *Soletrando* ocorreu em três etapas.

A primeira etapa da competição foi realizada em sala de aula, na disciplina de Língua Portuguesa, com a participação de todos os alunos da turma inscrita. Nessa etapa, a seleção deveria ser feita de forma que houvesse, ao menos, dois participantes de cada categoria, que disputariam vaga para a segunda etapa. A organização e a realização desse processo eram de responsabilidade de cada unidade escolar.

A segunda etapa, chamada de “Semifinal”, também ocorreu nas próprias escolas. Foram selecionados apenas dois vencedores, um de cada categoria, que passariam para a terceira e última etapa. A organização e a realização também eram de responsabilidade de cada escola; porém, no dia previamente agendado pelo diretor, haveria a presença de um representante da Secretaria Municipal de Educação de Lages/SC, que acompanharia a seletiva.

A última etapa do Concurso, chamada de “Final”, foi realizada no dia 14 de agosto de 2019, no Teatro Municipal de Lages/SC. O evento iniciou no período matutino e se estendeu até o fim da tarde, haja vista que o tempo de duração dependia, exclusivamente, do desempenho dos estudantes.

É, então, essa última etapa do concurso que será, diretamente, o objeto de análise nesta investigação. A transmissão (ao vivo) dessa etapa foi feita pelos canais de comunicação da Prefeitura Municipal de Lages/SC, e está disponível nas redes sociais da Secretaria de Educação e da Prefeitura. Serão trechos dessa

gravação que estarão descritos no capítulo quatro deste trabalho, destinado à análise dos dados.

Para que os estudantes pudessem se preparar para o concurso, foi disponibilizado, antecipadamente, um banco de palavras (Anexo B), dividido em duas categorias (6º/7º e 8º/9º) e separado em níveis “fácil”, “intermediário” e “difícil”, elaborado pelos professores de Língua Portuguesa, durante um encontro de formação promovido pela Secretaria da Educação. Esse banco de palavras foi construído de maneira aleatória — apenas uma compilação de palavras — que foi utilizado nas duas primeiras etapas do concurso. Os estudantes receberam a lista apenas com as palavras, enquanto os professores receberam a mesma lista, porém com o nivelamento (fácil, intermediário, difícil) e a definição de cada palavra. A ideia de listas separadas foi para que os professores pudessem explorar a definição/significado, e para que os estudantes não se sentissem constrangidos, caso errassem uma palavra de nível fácil, por exemplo; já que sabemos ser essa divisão subjetiva (o que é difícil para um, pode não ser difícil para outro).

Além disso, para a etapa final, foram selecionados dois contos: “*As mãos de meu filho*”, de Érico Verissimo (Anexo C), para a categoria 1 (6º/7º anos); e “*O homem que sabia javanês*”, de Lima Barreto (Anexo D), para a categoria 2 (8º/9º anos). Esses contos foram disponibilizados no início do mês de julho, com a finalidade de que os alunos estudassem durante o período de recesso escolar. Para essa etapa, o banco de palavras também estava separado em níveis, constando a definição de cada palavra. Nem estudante, nem professores tiveram acesso a esse arquivo, apenas aos contos.

Convém destacar que, para a disputa final, o Núcleo de Tecnologia da Informação – NTI da Secretaria Municipal da Educação de Lages/SC desenvolveu um *software* para sorteio das palavras. No início do evento, três diretores puderam conferir como as palavras seriam selecionadas, a fim de não prejudicar ou beneficiar nenhuma escola participante.

A dinâmica do *Soletrando*, descrita a seguir, foi a mesma nas três etapas do concurso, a saber:

O aluno sorteado para a soletração deveria, obrigatoriamente: 1- Pronunciar a palavra sorteada; 2- Soletrar pausadamente (não esquecendo que a acentuação era necessária quando a palavra assim exigisse. Ex.: Vovó: V – o – v – ó acento agudo no o); 3- Repetir a palavra, indicando que terminou a soletração.

Se o aluno errasse alguma letra, acento, ou qualquer outro sinal gráfico, como cedilha, til, hífen, a soletração seria considerada errada. Depois de iniciada a soletração, era proibido corrigir qualquer letra. O aluno poderia até recomeçar, mas não poderia mudar a ordem de nenhuma letra já dita. Após iniciar a soletração, o participante deveria concluí-la em, no máximo, um (1) minuto.

Se numa mesma rodada os alunos classificados acertassem a soletração das palavras, todos seguiriam para a próxima rodada. Da mesma forma, se todos os alunos classificados, até então, errassem, em uma mesma rodada, todos passariam para a próxima.

A eliminação ocorreria quando um candidato errasse a soletração, e os demais concorrentes, que participavam da mesma rodada, acertassem.

Cada etapa do concurso deveria ter três juízes. Na primeira e segunda etapa, a escolha dos três juízes ficaria a cargo das escolas, sendo que um deles deveria ser, obrigatoriamente, o(a) professor(a) que ministrava a disciplina de Língua Portuguesa para a turma. Na terceira etapa, os três juízes seriam escolhidos pela Secretaria Municipal de Educação de Lages/SC.

Para essa dinâmica, os estudantes poderiam contar com alguns recursos, a serem solicitados aos juízes antes de iniciar a soletração, não contando, portanto, no tempo de 1 (um) minuto; são eles:

- Repetição da palavra (até duas vezes);
- Definição;
- Aplicação da palavra na frase.

A indicação de erro ou acerto se dava da seguinte forma: após o término da soletração, os juízes conferiam as palavras. Se a soletração estivesse errada, o juiz responsável acionava uma sineta. Se todos os participantes errassem na mesma rodada, uma nova rodada era iniciada. Se apenas um ou dois alunos errassem na mesma rodada, estariam fora da competição. Para vencer cada etapa do Concurso (inclusive a final), era necessário que o participante fosse o único a soletrar corretamente naquela rodada.

A palavra soletrada pelo aluno seria projetada ao público, tal como o competidor a pronunciou. Contudo, esse recurso era meramente visual, posto que não servia como parâmetro para o julgamento dos juízes (a propósito, o telão não estava posicionado no ângulo de suas visões). Portanto, se houvesse qualquer

divergência entre o que foi pronunciado e o que foi digitado, a projeção não interferiria na avaliação dos julgadores.

No dia reservado à final do concurso, competiram trinta e seis estudantes, divididos em duas categorias. Desse modo, os dezoito finalistas tiveram seus nomes sorteados para comporem trios no momento da soletração.

A primeira rodada, de cada uma das categorias, foi estipulada como “teste”, não havendo eliminação de nenhum participante. Para essa rodada, foi utilizado o banco de dados da primeira e da segunda etapas. Esse momento foi bastante importante na competição, pois permitiu que o estudante se familiarizasse com o ambiente: palco, microfone, câmera. Mesmo não havendo público no Teatro, o nervosismo marcava presença.

Para esse dia, foi estipulado que cada diretor poderia levar, se assim desejasse, até dez pessoas para assistirem ao evento, excluindo desse número os dois alunos finalistas, o(s) professor(es) de Língua Portuguesa e o próprio diretor. Os pais dos competidores também foram convidados. As escolas, no entanto, percebendo que era um momento de muita concentração, optaram por levar apenas os competidores, bem como os professores.

Importante destacar que as palavras retiradas dos contos, para serem soletradas, eram palavras dicionarizadas, e que estavam de acordo com a nova reforma ortográfica. Além disso, outro aspecto muito salientado aos participantes foi o fato de que os finalistas deveriam prestar bastante atenção às palavras pronunciadas, uma vez que se tratavam de vocábulos inseridos num contexto, ao qual todos os finalistas tiveram acesso. Havia, portanto, palavras flexionadas, respeitando a versão oficial do autor.

Essa foi a dinâmica que norteou o Concurso de Soletração – *Soletrando*, e que nos guiará no desenvolvimento desta pesquisa. Bem mais que premiar os estudantes, o que se buscou com a realização dessa competição foi que cada palavra “soletrada” fizesse sentido para os estudantes; e esse é, portanto, o fato gerador desta investigação.

Dessa forma, necessário se faz pensarmos a questão da soletração diante da proposição de palavras contextualizadas e descontextualizadas. Nas duas primeiras fases do concurso as palavras partiam de uma lista, apenas. Já na última fase do concurso, as palavras partiam de um conto. Essa informação nos faz retomar as perguntas que permeiam esta pesquisa: o processo de soletração é capaz de

proporcionar sentido às palavras vocalizadas? É preciso atribuir sentido a uma palavra para poder segmentá-la?

A partir daqui, reuniremos os conceitos saussurianos que julgamos necessários para desatar os nós que envolvem esta pesquisa. Trabalharemos, então, com a perspectiva da segmentação⁸, levando em conta a existência (ou não) de um sentido encontrado a partir de tal proposição. Para isso, basear-nos-emos na vertente saussuriana, já apontada neste capítulo, que agora dá vez ao referido constructo teórico.

⁸ Trataremos da delimitação das unidades linguísticas no próximo capítulo.

3 A LINGUÍSTICA COMO HERANÇA SAUSSURIANA

Esta investigação parte da busca de respostas em torno de algumas questões esboçadas no capítulo anterior. Dentre as principais curiosidades, queremos entender se é preciso atribuir sentido a uma palavra para poder segmentá-la. Em busca dessa e de outras respostas, faz-se necessário que retornemos aos principais conceitos saussurianos, a fim de esclarecê-los para relacioná-los às categorias de análise que serão apresentadas no capítulo quatro.

Por essa razão, buscamos, neste capítulo, retomar alguns conceitos basilares da teoria saussuriana, tais como: linguagem, língua e fala; valor do signo no sistema, arbitrariedade e linearidade; delimitação das unidades; analogia; fonologia; e escrita, a fim de compreender o fenômeno da vocalização envolvido no Concurso de Soletração – *Soletrando*, ocorrido em Lages/SC, conforme já mencionado.

Importa reforçar que a competição, a qual nos referimos nesta pesquisa, traz à tona os fenômenos relacionados à vocalização envolvidos no processo de soletração, remetendo-nos, portanto, a um olhar sob o ponto de vista linguístico. Nesse sentido, buscaremos, com aporte teórico nas obras *CLG* e *ELG*, definir alguns conceitos que entendemos pressupostos para compreender as questões envolvidas nesse processo de vocalização/segmentação de palavras.

Posto isso, nos deteremos a tratar, nas próximas seções, acerca dos conceitos saussurianos que darão suporte a esta pesquisa.

3.1 LINGUAGEM, LÍNGUA, FALA

Iniciemos esta seção tratando da evolução da ciência que se constitui dos fatos da língua.

Sabemos que o estudo dedicado à linguagem passou por muitas fases até se consolidar na Linguística que conhecemos hoje. Conceito e palavra, estrutura linguística, teoria da frase, categorias gramaticais, estudo comparativo de falares, entre outros aspectos, foram sendo estudados ao longo do tempo, sem se conceber, no entanto, o objeto da linguística.

A ciência que se constituiu em torno dos fatos da língua passou por três fases sucessivas antes de reconhecer qual é o seu verdadeiro e único

objeto. Começou-se por fazer o que se chamava de “Gramática. [...] A seguir, apareceu a Filologia. [...] E o terceiro período começou quando se descobriu que as línguas podiam ser comparadas entre si (SAUSSURE, 2012, p. 31-32).

Foi, então, a partir do século XIX, por meio do conhecimento de um número maior de línguas, que houve o interesse pelas línguas vivas, pautado num estudo comparativo dos falares, em detrimento de um raciocínio mais abstrato sobre a linguagem, observado no século anterior.

Nessa perspectiva, vários foram os estudos realizados na tentativa de se desvendar aquilo que se escondia por detrás dos fatos linguísticos. Destacou-se, nessa época, o estudo feito por Franz Bopp⁹, que defendia que todas as línguas pertenciam a uma única família, tendo uma única raiz. A esse respeito, Saussure (2012, p. 32) diz que:

Bopp não tem, pois, o mérito da descoberta de que o sânscrito é parente de certos idiomas da Europa e da Ásia, mas foi ele quem compreendeu que as relações entre línguas afins podiam tornar-se matéria duma ciência autônoma. Esclarecer uma língua por meio da outra, explicar as formas duma pelas formas de outra, eis o que não fora ainda feito.

Nessa passagem, o mestre de Genebra deixa claro que os estudos de Bopp não eram os pioneiros na descoberta do sânscrito; todavia reconhece a ele o estudo comparativo das línguas, que só se tornou possível pela dedicação a tal idioma.

Sabemos, então, que a língua é dinâmica. Isso é fato. Não há que se pensar numa língua estática. A linguagem, por sua vez, faz seu papel. Ela é o fruto das relações entre as pessoas, entre os grupos, da vida em sociedade. “A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro” (SAUSSURE, 2012, p. 40).

Ao partirmos para o terreno da individualidade, temos, à vista disso, a fala, que resulta de combinações feitas pelo sujeito falante utilizando o sistema da língua.

E é, nessa perspectiva, que Saussure nos faz refletir sobre a importância de se delimitar o objeto de estudo da linguística.

⁹ O indo-europeu é uma grande família linguística que só foi percebida a partir do método comparativo, que ficou definido cientificamente a partir de Franz Bopp com a obra *Sobre o Sistema de conjugação do sânscrito em comparação com o do grego, latim, persa e alemão*, em 1816 (SILVA, 2007, p. 22).

Dessa forma, a primeira grande questão que nos é apresentada, no *CLG*, é justamente essa: qual é o objeto, ao mesmo tempo integral e concreto da Linguística? Para nos dar essa resposta, Saussure nos diz que outras ciências se valem de objetos apresentados previamente e que podem considerar vários pontos de vista. Já na Linguística, “bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto” (SAUSSURE, 2012, p. 39).

Estudar os fenômenos da língua sugere, por conseguinte, determinar e delimitar a que parte dela estamos nos referindo, uma vez que a afirmação do mestre genebrino acerca do objeto da linguística, nos leva a crer que a análise realizada se baseia no enfoque dado à língua, ou seja, uma particularidade em meio a outras.

Isso implica dizer que o estudo da língua parte de um processo, já que necessita ser delimitado a partir de um ponto de vista. Para tanto, Saussure “escolhe” colocar-se no campo da língua, e, para isso, provoca a seguinte reflexão:

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social: não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade (SAUSSURE, 2012, p. 41).

A língua, definida como objeto de estudo da Linguística, é conceituada por Saussure (2012, p. 47) como “um sistema de signos que exprimem ideias”. Mas não só isso. A língua é também uma parte da linguagem, “o conjunto de formas concordantes que esse fenômeno assume numa coletividade de indivíduos e numa época determinada” (SAUSSURE, 2004, p. 115).

Se a língua é apenas uma parte da linguagem, esta, por sua vez, pode ser compreendida como uma capacidade, uma faculdade ou uma possibilidade simbólica do ser humano. É ela que possibilita a existência da língua, apresentando, ao mesmo tempo, um lado individual e um lado social.

No texto da primeira conferência na Universidade de Genebra (novembro de 1891), trazido pelos *ELG*, encontramos uma frase que sintetiza a implicação língua/linguagem:

Querer estudar a linguagem sem se dar ao trabalho de estudar as diversas manifestações que, evidentemente, são as *línguas*, é uma empreitada absolutamente inútil e quimérica; por outro lado, querer estudar as línguas esquecendo que elas são primordialmente regidas por certos princípios que estão resumidos na ideia de *linguagem* é um trabalho ainda mais destituído de qualquer significação séria, de qualquer base científica válida (SAUSSURE, 2004, p. 128).

Ainda nos *ELG*, Saussure (2004, p. 115) menciona que “a linguagem é um fenômeno; é o exercício de uma faculdade que existe no homem”. Essa afirmação traz, na sua essência, uma contrapartida ao que o estudioso Franz Bopp teria considerado como linguagem.

A escola de Bopp teria dito que a linguagem é uma aplicação da língua ou que esta é a condição necessária da linguagem, considerando a língua como instituída, delimitada. Hoje, vê-se que há reciprocidade permanente e que, no ato da linguagem, a língua tem, ao mesmo tempo, sua aplicação e sua fonte única e contínua, e que a linguagem é, ao mesmo tempo, a aplicação e o gerador contínuo da língua, a reprodução e a produção (SAUSSURE, 2004, p. 115).

Dessa forma, não há como perceber a linguagem distante de um fenômeno, menos ainda que sua realização não parte de um exercício de uma faculdade da alma.

E a fala? “A recepção da produção saussuriana durante um século é bastante variada, mas é bastante recorrente a interpretação de que Saussure excluiu a fala do escopo da Linguística” (SILVEIRA, 2017, p. 45).

Chegamos, então, a mais um tópico polêmico, em relação ao *CLG*. Muitos linguistas defendem a ideia de que Saussure não tratou da fala com a devida importância que ela merecia. Outros, por sua vez, defendem que o mestre genebrino optou por direcionar seu estudo à língua, deixando de forma muito clara que, mesmo tendo sua importância, o direcionamento de seu estudo seria outro. Há ainda quem defenda que a explanação acerca da fala ficou incompleta, não tendo, Saussure, tido tempo para concluir tal assunto.

Não nos cabe aqui definir qual posicionamento é o mais “correto”. O que nos convém neste estudo, todavia, é o fato de a fala ter a sua devida importância em meio aos temas da Linguística, como pode ser observado abaixo, mesmo estando explícita a sua função secundária nos fatos linguísticos:

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo — esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação — é psicofísica. Sem dúvida, esses dois objetos estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça; historicamente, o fato da fala vem sempre antes (SAUSSURE, 2012, p. 51)

Ao contrário do que alguns estudiosos afirmam, a fala não foi excluída da teorização de Saussure. E muito do que se afirma a respeito disso é fruto de uma leitura bastante superficial do pensamento saussuriano.

Ao tratar da reconstituição do circuito da fala, o pai da linguística conceitua:

A fala é [...] um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º - as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º - o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações (SAUSSURE, 2012, p. 45).

O percurso de Saussure na teorização sobre a língua aponta para uma preocupação a respeito da fala no cabedal teórico da Linguística e também indica que esse interesse é tão antigo quanto o seu primeiro trabalho de fôlego, o *Mémoire*, publicado em 1878. Tão importante quanto a conceitualização da língua como objeto da Linguística e tão presente que todas as suas reflexões no campo da linguagem tocaram na questão da fala (SILVEIRA, 2017).

Assim sendo, há que considerarmos *linguagem*, *língua* e *fala* como indissociáveis, mas que não se confundem, dadas as suas especificidades. **Linguagem** — física, fisiológica e psíquica — é uma faculdade, abarca um fenômeno social e individual, ao mesmo tempo; **língua** compreende um fenômeno social e psíquico, é um sistema articulado de signos; e **fala** é psicofísica, um ato individual.

A (re)tomada desses conceitos busca vislumbrar os fenômenos linguísticos entrelaçados ao objetivo desta pesquisa, qual seja, compreender a relação entre o processo de vocalização (expressão oral) e a segmentação da palavra. Com isso, esperamos deslindar, por meio do objeto de estudo da linguística, de que forma ocorre essa apropriação, já que “é ouvindo os outros que aprendemos a língua” (SAUSSURE, 2012, p. 51).

Sendo a língua, portanto, um sistema de signos, o estudo sobre o signo se torna importante para elucidar as perguntas que movem esta investigação. Por razões tais é que apresentamos a próxima seção de estudo.

3.2 SIGNO

Uma vez delimitado, por Saussure, o objeto da Linguística: a *língua*; e, valendo-se dela como uma instituição social, faz-se necessário examinarmos esse sistema linguístico por meio de seus constituintes — os signos.

Utilizamos os signos linguísticos a todo momento. Mas “onde está ‘O SIGNO’ na realidade das coisas? Ele está dentro da nossa cabeça e sua natureza (material ou imaterial, pouco importa) é COMPLEXA” (SAUSSURE, 2004, p. 117). Quando nos comunicamos, ou até mesmo quando pensamos, estamos fazendo uso dos signos. Dessa forma, Saussure (2012, p. 106) conceitua signo linguístico como “uma entidade psíquica de duas faces”, e explica:

O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la “material”, é somente nesse sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato.

O mestre genebrino exemplifica, também no *CLG*, o que seria esse caráter psíquico das imagens acústicas, fazendo-nos lembrar de circunstâncias em que falamos mentalmente conosco ou, ainda, quando recitamos um poema sem mover os lábios (SAUSSURE, 2012). Essas circunstâncias demonstram, portanto, a presença dos signos em situações nas quais não há um interlocutor. Tais fenômenos ocorrem porque as palavras da língua estão internalizadas para nós como imagens acústicas¹⁰.

Importante ressaltar que o termo “imagem acústica”, utilizado por Saussure, não deve ser confundido com o som material, físico. Trata-se da impressão psíquica do som; por esse motivo perceptível quando pensamos na palavra, quando formamos a sua representação mental, e não necessariamente quando a pronunciamos. Assim, o signo linguístico é uma entidade psíquica de duas faces,

¹⁰ Conforme o *CLG*, *imagem acústica* pode ser definida como “representação natural da palavra enquanto fato de língua virtual, fora de toda realização pela fala” (SAUSSURE, 2012 p. 106).

formada por um significante e um significado, ou seja, uma imagem acústica e um conceito, que são unidos por um vínculo de associação em nosso cérebro (SAUSSURE, 2012).

Outro aspecto, que nos cabe ressaltar, é o fato de a imagem acústica não se confundir com fonema; o primeiro trata da impressão psíquica do som, enquanto o segundo une o movimento articulatório e a impressão acústica, configurando-se uma unidade complexa. Nas palavras de Saussure (2012, p. 106):

E porque as palavras da língua são para nós imagens acústicas, cumpre evitar falar dos “fonemas” de que se compõem. Esse termo, que implica uma ideia de ação vocal, não pode convir senão à palavra falada, à realização da imagem interior no discurso.

O fonema é, de certo modo, a materialização do som; a imagem acústica, diferente disso, é a percepção imaterial do som, que, aliada ao conceito, faz surgir o signo. Dessa forma, fica explicitado pelo pai da Linguística Moderna que *signo* é, portanto, “a combinação do conceito e da imagem acústica” (SAUSSURE, 2012, p. 107).

Contudo, julgando a possibilidade da existência de uma ambiguidade sobre os termos apresentados, Saussure (2012, p. 107), no mesmo texto, sugere a sua substituição: “Propomo-nos a conservar o termo *signo* para designar o total, e a substituir *conceito* e *imagem acústica* respectivamente por *significado* e *significante*”.

Para ele, a substituição se fez necessária tendo em vista a cristalinidade de termos que se opõem. Já o termo “signo”, permanece dessa forma por falta de outro termo mais cabível na língua.

Nóbrega e Basílio (2017, p. 138) comentam sobre a introdução/substituição dos termos:

Será apenas na aula de 19 de maio de 1911, no seu último curso, que Saussure introduzirá o par *significante/significado*. A intenção era desfazer dúvidas deixadas na aula de 2 de maio do mesmo ano [...]. É possível, numa leitura mais atenta, perceber na edição de 1916 vezes em que *signo* designa a entidade global, e vezes em que designa apenas a face fonológica desta entidade, causando talvez certa confusão. Mas algo fica evidente na caracterização do signo saussuriano: a associação entre um significante e um significado.

Podemos dizer, portanto, que significante é a representação psíquica do signo, de forma sonora e/ou imagética. Significado é o conceito que permite a formação de uma ideia na mente humana, a partir do contato com o significante.

Sobre as relações entre significante e significado, Nóbrega e Basílio (2017, p. 141) nos dizem que:

A não correspondência entre significante e significado é essencial para manutenção do sistema. Se houvesse correspondência, não haveria vida semiológica, e, por sua vez, teríamos uma positividade que permitiria uma estabilidade tão grande à língua que ela poderia se configurar como uma estrutura que corresponde ao real.

É, então, justamente a oposição entre significante e significado, e deles com todos os demais signos do sistema, que traz a devida relação de conceito e imagem ao sistema semiológico. Os *ELG* reforçam que “no instante em que o signo perde a totalidade de suas significações, ele nada mais é do que uma figura vocal” (SAUSSURE, 2004, p. 44), tornando-se vazio.

Tal reflexão remete ao fato gerador desta pesquisa. Ao vocalizarmos palavras segmentadas, estamos produzindo meramente uma figura vocal, produção de uma massa amorfa; ou estamos externalizando a apropriação de um sentido, revestido pelos signos?

O signo possui, além dos aspectos já mencionados, dois importantes princípios: o da *arbitrariedade* e o da *linearidade*.

A arbitrariedade é a relação que subsiste entre significante e significado, suscitando a ideia de inexistência de uma relação predeterminada entre essas duas porções que compõem o signo. O linguista genebrino afirma que “o laço que une o significante ao significado é arbitrário [...]” (SAUSSURE, 2012, p. 108). Tal afirmação indica que não há uma relação que justifique a associação entre significante e significado, “assim, a ideia de ‘mar’ não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons *m-a-r* que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual” (SAUSSURE, 2012, p. 108). Ou seja, a relação é arbitrária.

Convém destacar que arbitrário não significa a livre escolha do indivíduo que fala, uma vez que tal deliberalidade não está ao alcance do falante, conforme veremos mais detalhadamente na seção destinada à arbitrariedade do signo.

Desse modo, não existe um laço natural ou lógico que una o significado ao significante, por isso ele é arbitrário, e disso resultam as diferenças entre as línguas — mesmo nas onomatopeias isso pode ser comprovado: um cachorro latindo em português seria “au au”, em italiano “bau bau”, em inglês “woof woof” —; cada língua recorta arbitrariamente os significantes e os significados, portanto os signos, no âmbito do espaço fônico e semântico. O sistema fônico ao qual o indivíduo está exposto faz com que ele, através de sua consciência, perceba determinados sons e não outros, o que existe, nesse caso, é a incompreensão do fato social, não dos sons em si (OTTARAN, 2019).

Tão importante quanto a ideia de arbitrariedade, é também a ideia de linearidade do signo linguístico, apresentadas no *CLG*. O pai da Linguística menciona que o caráter linear do significante é o que faz com que ele se desenvolva no tempo. Em outras palavras, a linearidade é a característica que permite aos signos serem dispostos uns depois dos outros numa sucessão temporal. Nas palavras de Saussure (2012, p. 110):

Por oposição aos significantes visuais (sinais marítimos etc.), que podem oferecer complicações simultâneas em várias dimensões, os significantes acústicos dispõem apenas da linha do tempo; seus elementos se apresentam um após o outro; formam uma cadeia. Esse caráter aparece imediatamente quando os representamos pela escrita e substituímos a sucessão do tempo pela linha espacial dos signos gráficos.

Assim sendo, é a essa característica da linearidade que se deve o fato de produzirmos apenas um elemento linguístico de cada vez: um som após o outro, uma palavra após a outra; sendo impossível produzirmos duas palavras ao mesmo tempo. Tal característica não está presente na linguagem artística, por exemplo; nela, os significantes não são lineares, podendo ser apresentados simultaneamente.

Ambos os princípios, fundamentais para este estudo, serão apresentados de forma mais detalhada a seguir, após o conceito de valor.

Diante das características dos signos, já expostas, cumpre dizer, portanto, que os signos linguísticos são constituídos por *diferenças*, bem como o sistema da língua. Sendo assim, um elemento linguístico deve ser diferente de outro elemento com o qual se relaciona, uma vez que a significação está na diferença entre um signo e outro.

A releitura que Saussure apresenta da visão de signo cultivada desde a filosofia grega acrescenta à noção de signo o conceito de *diferença*. Longe de ser apenas um detalhe de menor importância, a introdução do conceito de diferença e semelhança [...] permite, ao lado do princípio da arbitrariedade, a constituição do sistema semiológico, sua capacidade ativa os fenômenos linguísticos habituais (NÓBREGA; BASÍLIO, 2017, p. 140).

Levando em consideração a *diferença* constante nos signos linguísticos, e, sobretudo, o fato de a língua basear-se em relações, é importante, ainda, destacarmos dois aspectos.

As relações e as diferenças entre termos linguísticos se desenvolvem em duas esferas distintas, cada uma com certa ordem de valor e oposição, o que nos faz compreender melhor a natureza de ambas. Correspondem a duas formas de nossa atividade mental, e são indispensáveis à vida da língua. A primeira faz com que, no discurso, os termos estabeleçam relações encadeadas e lineares entre si, o que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. Chamamos, então, de *relações sintagmáticas*. A segunda, fora do discurso, permite às palavras, que oferecem algo de comum, uma associação na memória, e, por conseguinte, a formação de grupos dentro dos quais imperam relações muito diversas. Constituem a língua de cada indivíduo; são, portanto, as chamadas *relações associativas* (SAUSSURE, 2012).

Temos, dessa forma, delineadas algumas “diferenças” no que tangem à existência dos signos linguísticos, o que contribuirá para as reflexões acerca do valor e da arbitrariedade do signo, descritos a seguir.

Antes de darmos sequência às definições dos conceitos saussurianos, queremos frisar que aqui nos voltamos ao sistema de signos linguísticos, por ser esse o foco desta dissertação. Não ignoramos, no entanto, a existência de outro sistema de signos — como os de sinais de trânsito, por exemplo — mas que não vêm ao encontro deste estudo. Dedicamo-nos aqui à língua, que, além de ser o objeto deste trabalho, é também o principal sistema de signos do qual dispomos.

3.2.1 Valor

Iniciemos esta seção refletindo acerca da palavra *diferença*.

Se os signos linguísticos são constituídos por diferenças, cumpre dizer que é a relação de um signo com outro que o determina. Ao pensarmos que a diferença

supõe a semelhança, estaríamos equivocados, pois, “na língua só existem diferenças” (SAUSSURE, 2012, p. 167).

Como dito na seção anterior, o signo é formado pela união de um significante e um significado. E essa é, portanto, a relação que compõe o signo, baseada, também, na diferença. Para Saussure (2012, p. 167), “quer se considere o significado, quer o significante, a língua não comporta ideias nem sons preexistentes ao sistema linguístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças fônicas resultantes desse sistema”.

Tão importante quanto pensarmos na relação entre significado e significante é pensar no que há ao redor do signo. A imagem acústica e o conceito, que formam o signo linguístico, por si sós não produzem efeito. O que determina a significação é a relação desse signo com os demais signos do sistema.

Sendo, então, o objetivo da existência do signo criar sentido, podemos dizer que *significação* e *valor* são equivalentes? Saussure (2012, p. 160-161) explica que:

Quando se fala do valor de uma palavra, pensa-se geralmente, e antes de tudo, na propriedade que tem de representar uma ideia, e nisso está, com efeito, um dos aspectos do valor linguístico. Mas se assim é, em que difere o valor do que se chama *significação*? Essas duas palavras serão sinônimas? Não o acreditamos, se bem que a confusão seja fácil [...]. O valor, tomado em seu aspecto conceitual constitui, sem dúvida, um elemento da significação, e é difícilimo saber como esta se distingue dele, apesar de estar sob sua dependência.

O mestre genebrino deixa claro que “valor” e “significação”, embora próximos, não se equivalem. Para ele, o valor constitui um elemento da significação. Assim, ela pode ser vista como uma contraparte da imagem auditiva; já o valor consiste na presença simultânea de outros signos, ou seja, a relação já não está mais limitada à palavra, mas sim a uma relação que une dois ou mais elementos do sistema.

Dessa forma, cumpre ressaltar, portanto, que o valor do signo linguístico parte de um processo de negatividade, “sua característica mais exata é ser o que os outros não são” (SAUSSURE, 2012, p. 164).

Dada tal afirmação, corroboramos o fato de o signo só possuir existência baseado nas relações com outros signos. Um signo será aquilo que outro signo não será.

Segundo Nóbrega e Basílio (2017, p. 143):

A língua fundada na não coincidência entre significantes e significados conduz à edificação da teoria do valor. Um sistema de valores negativos, ou seja, puros, do ponto de vista semiológico, não poderia ter sido interpretado como um sistema fechado em si mesmo, pois a todo o momento há novos cortes nas massas amorfas, nada é preexistente, nada é positivo, pois só existe enquanto diferenças e negatividades.

Tomemos como exemplo as palavras “mãe”, “genitora” e “procriadora”. Podemos chamar de sinônimos, pois são, aparentemente, revestidas da mesma *significação*. Contudo, ao opormos um termo ao outro, percebemos que as três palavras apresentam *valores* diferentes. Apenas o termo “mãe” representa o laço de amor que sobrevém à maternidade. “Genitora” e “procriadora” não pressupõem ligações de afeto; dão a ideia, pura e simplesmente, de conceber uma vida. Eis, portanto, a relação de valor presente em cada signo.

A esse respeito, os *ELG* trazem que:

[...] é preciso reconhecer que *valor* exprime, melhor do que qualquer outra palavra, a essência do fato, que é também a essência da língua, a saber, que uma forma não *significa*, mas *vale*: esse é o ponto cardeal. Ela *vale*, por conseguinte ela implica a existência de outros *valores* (SAUSSURE, 2004, p. 30).

Podemos, neste ponto da reflexão, afirmar que o signo linguístico se dá pela relação entre o conceito (significado) e a imagem acústica (significante), constituindo, no campo das ideias, uma *significação*. Além disso, a existência do signo não é solitária, pois dele sobrevém uma oposição a outros signos pré-existentes, numa relação de negatividade. Assim, constitui-se o valor, atributo necessário à apropriação de um sentido.

Nas palavras de Barbisan (2017, p.166):

O valor de um signo é um conceito que se define negativamente por sua relação com outro signo. Então, valores são o que outros não são. Consequentemente, ao se dizer que um signo significa pela relação entre seu conceito e sua forma linguística, não se exprime o fato linguístico na sua essência. É pelo valor que a língua se torna discurso.

Retomemos, desse modo, o objeto de estudo desta pesquisa: a expressão vocal de palavras segmentadas. Se, para nos apropriarmos de um sentido, precisamos constituir e bem relacionar todos os elementos citados — conceito, imagem acústica, *significação*, oposição, valor — estaríamos vocalizando signos vazios no momento em que fragmentamos a palavra? Para Saussure (2012, p. 165)

“o que importa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra de todas as outras, pois são elas que levam à significação”.

É, portanto, o valor que determina o sentido das palavras, fazendo parte do sistema da língua por meio das ideias e dos sons.

Um sistema linguístico é uma série de diferenças de sons combinadas com uma série de diferenças de ideias; mas essa confrontação de um certo número de signos acústicos com outras tantas divisões feitas na massa do pensamento engendra um sistema de valores; e é tal sistema que constitui o vínculo efetivo entre elementos fônicos e psíquicos no interior de cada signo (SAUSSURE, 2012, p. 168).

Sabendo que em matéria de língua nada é dado de antemão, pois “é o ponto de vista que cria o objeto” (SAUSSURE, 2012, p. 39), é necessário pensar no conceito de valor a partir de elementos pré-estabelecidos na língua. Os valores não são concebidos por força individual de vontade. Dentro do sistema da língua, os valores são relativos, uma vez que são estabelecidos pela coletividade. Saussure (2004, p. 250) diz que “[...] toda espécie de valor, mesmo usando elementos muito diferentes, só se baseia no meio social e na força social. É a coletividade que cria o valor, o que significa que ele não existe *antes* e *fora* dela [...]”. Sabendo ser o valor elemento fundamental para a constituição do signo, o que é pronunciado na competição de soletração pode ser considerada simples vocalização?

Além disso, vale ressaltar que a existência do valor depende, pura e simplesmente, da execução da língua enquanto sistema; ou seja, levando-se em conta as interferências históricas e culturais que fazem com que a língua seja dinâmica. É isso que impede a correspondência de valor ao compararmos duas línguas, por exemplo. “Se as palavras estivessem encarregadas de representar os conceitos dados de antemão, cada uma delas teria, de uma língua para outra, correspondentes exatos para o sentido; mas não ocorre assim” (SAUSSURE, 2012, p. 163). Se ocorresse, teríamos sinônimos perfeitos.

Ainda pensando nas línguas, de forma comparativa, podemos dizer, então, que o valor do signo é cultural. Se o é, cruzamos, nesse caminho, a bifurcação das vias “valor” e “arbitrariedade”. Nada no mundo nos explica a existência de uma necessidade natural que determine a união de um significado a um significante. Essa afirmação nos remeterá a uma reflexão mais detalhada na próxima seção.

3.2.2 Arbitrariedade

Ao propor a língua como um sistema de signos, Saussure destacou a importância da questão do arbitrário do signo linguístico, tratando-o, inclusive, como característica primordial desse estudo. Para o mestre genebrino, a relação que une o significado ao significante é marcada pela arbitrariedade: “[...] visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: *o signo linguístico é arbitrário*” (SAUSSURE, 2012, p. 108).

Dessa forma, o pai da Linguística suscita a ideia de que não existe um laço natural que una o conceito a sua imagem acústica, o que o torna arbitrário.

Uma vez entendido que o laço é que é arbitrário, ou que, é dentro do próprio signo que a arbitrariedade se justifica, depreendemos que é arbitrário que o significante se junte ao significado, e não o signo ao objeto referente no mundo (extralinguístico). Significante e significado, portanto, não se opõem: são unidos. O significante vai se opor, sim, a outros significantes, bem como o significado vai se opor a outros significados (FRYDRYCH, 2013, p. 63).

Tal afirmação nos faz concluir que a relação que constitui o signo linguístico é cultural, e, por isso, arbitrária. “Justamente porque o signo é arbitrário, não conhece outra lei senão a da tradição, e é por basear-se na tradição que pode ser arbitrário” (SAUSSURE, 2012, p. 114). É a arbitrariedade que guarda a transmissibilidade da língua, pois, sendo os signos arbitrários, a tradição mantém a sua existência.

Ao estabelecer o princípio da arbitrariedade do signo, o que o mestre genebrino faz é desvelar que os signos são produtos dos seres humanos e, portanto, não são naturais, mas culturais. A ordem da língua não é um reflexo da ordem do mundo, mas uma construção das comunidades humanas. A língua está entre os fatos humanos e, por isso, a Linguística está classificada entre as ciências sociais (FIORIN; FLORES; BARBISAN, 2017, p. 9).

Ao mencionarmos que a arbitrariedade do signo remete a um aspecto cultural da língua, podemos invocar a presença do *valor* nas relações entre significado e significante; pois, sendo o valor linguístico elemento fundamental na constituição do signo, o arbitrário também o será, dadas as suas equivalências ao processo de atribuição de sentido.

A arbitrariedade do signo pode ser também revelada quando comparamos as línguas. O conceito de “chuva” não está ligado, por nenhuma relação necessária, à sua sequência fonética /juva/. Não há nada no significado de chuva que lembre os sons que o manifestam. Esse significado poderia ser sensorialmente concretizado por qualquer outra sequência, como demonstram os termos “equivalentes” de outras línguas, como o inglês *to rain*, o francês *pleuvoir*, o espanhol *llover* (FIORIN, 2017). Não existe razão alguma para dizer que um termo é mais adequado que o outro, que *llover* represente melhor a chuva do que *to rain*, por exemplo.

Não só os dois domínios [ideia e som] ligados pelo fato linguístico são confusos e amorfos, como a escolha que se decide por tal porção acústica para essa ideia é perfeitamente arbitrária. Se esse não fosse o caso, a noção de valor perderia algo de seu caráter, pois conteria um elemento imposto de fora. Mas, de fato, os valores continuam a ser inteiramente relativos, e eis por que o vínculo entre a ideia e o som é radicalmente arbitrário (SAUSSURE, 2012, p. 160).

Desse modo, ressaltamos, uma vez mais, que é a relação de arbitrariedade que confere existência ao valor do signo, pois, existindo motivação, não haveria razão para certo termo possuir certo valor, visto que, em sua essência, já existiria, previamente concebida, a sua significação.

Comumente, quando nos debruçamos ao estudo da arbitrariedade do signo, nos deparamos com os termos “(i)motivado” e “arbitrário”. No entanto, convém frisar as particularidades de cada termo, a fim de que não tomemos um pelo outro, sem que analisemos as ideias impressas em cada caso. De forma muito resumida, o termo *motivação* está ligado a um conceito filosófico e *arbitrariedade* a um conceito linguístico. Pelos esclarecimentos de Milano e Stawinski (2020, p. 3) observamos que,

apontada desde Platão, a (i)motivação do signo linguístico está relacionada a uma questão do campo da filosofia da linguagem, ou seja, trata-se de uma indagação acerca da pertinência do vínculo entre os nomes e as coisas. Já a discussão sobre o arbitrário do signo é uma questão propriamente linguística e diz respeito ao laço que une as porções de som e de sentido em um signo no seio do sistema.

Nessa perspectiva, podemos estabelecer uma diferenciação entre os conceitos de “motivação” e “arbitrariedade”, dado que o termo *motivado*, como vimos, pertence ao campo da filosofia e está relacionado a uma discussão de natureza filosófica que associa o vínculo entre os nomes e as coisas em si. Já o

arbitrário do signo trata-se de uma questão propriamente linguística, e diz respeito ao elo que une as porções de materialidade e de sentido do signo. A arbitrariedade lida com um questionamento linguístico, com a dúvida do pesquisador sobre a ligação entre significante e significado, e não com os objetos e seus respectivos nomes (RIBEIRO, 2019).

Fica evidente, portanto, que nosso olhar recai sobre os aspectos linguísticos da arbitrariedade do signo, dado o nosso viés de pesquisa. Assim, é pertinente que utilizemos o termo “arbitrário” em face de “imotivado”.

Além dos aspectos já abordados, é importante destacar que o princípio da arbitrariedade, nos termos saussurianos, não pode denotar que o sistema linguístico estaria suscetível a alterações por mera deliberação do falante. Ao contrário, a delimitação e a estabilização de um signo linguístico estão atreladas a um propósito coletivo, dentro de determinado grupo linguístico.

Conforme Saussure (2012, p. 160):

[...] a arbitrariedade do signo nos faz compreender melhor por que o fato social pode, por si só, criar um sistema linguístico. A coletividade é necessária para estabelecer os valores cuja única razão de ser está no uso e no consenso geral: o indivíduo, por si só, é incapaz de fixar um que seja.

Assim, podemos dizer, sem medo de errar, que a arbitrariedade não confere ao sujeito falante o poder de alterar ou instituir qualquer signo linguístico. Essa é uma prerrogativa exclusivamente coletiva, resultante do fato social da língua. Os signos são psíquicos, imateriais, sendo impossível precisar quando e onde foram instituídos de fato, podendo ser modificados apenas pela transcorrência do tempo.

Saussure nos alerta que a arbitrariedade não é a livre escolha do signo pelo sujeito falante, visto que o indivíduo não pode alterar nada no signo, uma vez que ele é imposto pela sociedade. “Se a língua tem um caráter de fixidez, não é somente porque está ligada ao peso da coletividade, mas também porque está situada no tempo. Ambos os fatos são inseparáveis” (SAUSSURE, 2012, p. 114).

Além dos apontamentos mencionados sobre o arbitrário do signo, Saussure considera, ainda, dois tipos de arbitrariedade: a *absoluta* e a *relativa*. Para ele, a arbitrariedade absoluta (ao que chama de *radicalmente arbitrário*) seria a total falta de motivação na constituição do signo linguístico; enquanto que a arbitrariedade

relativa tratar-se-ia da existência de certa motivação entre o significado e significante. Conforme podemos ler no *CLG*:

O princípio fundamental da arbitrariedade do signo não impede distinguir, em cada língua, o que é radicalmente arbitrário, vale dizer, imotivado, daquilo que só o é relativamente. Apenas uma parte dos signos é absolutamente arbitrária; em outras, intervém um fenômeno que permite reconhecer graus no arbitrário sem suprimi-lo: *o signo pode ser relativamente motivado* (SAUSSURE, 2012, p. 180).

Mesmo tendo afirmado que o signo linguístico é, em sua origem, arbitrário, o mestre genebrino reconhece a possibilidade da existência de certos graus de motivação entre significado e significante. Como exemplo de *arbitrário absoluto*, Saussure cita os números *dez* e *nove*, tomados individualmente, nos quais a relação entre o significante e o significado seria totalmente arbitrária, isto é, essa relação não é necessária. Já na combinação de *dez* com *nove* para formar um terceiro signo, a dezena *dezenove*, o pai da Linguística postula que a arbitrariedade se apresenta relativamente atenuada, chamando-a, dessa forma, de *arbitrariedade relativa*, pois do conhecimento da significação das partes pode-se chegar à significação do todo (SAUSSURE, 2012).

Importante destacar que, mesmo considerando tal flexibilidade, Saussure não retira a característica de arbitrariedade do signo, apenas lhe confere certa limitação, em alguns casos.

O que percebemos, portanto, é um princípio de analogia que se une ao princípio de arbitrariedade, tornando o signo suscetível a uma concepção relativamente arbitrária. Esse fenômeno é natural na língua, e não exclui sua característica de arbitrariedade.

Por fim, importante ressaltar que Saussure não desconsiderou a existência das onomatopeias e das exclamações, as quais são comumente utilizadas como exemplos de signos “motivados”, ou seja, arbitrários por natureza. A esse respeito, o pai da Linguística diz que as onomatopeias (a saber, *glu-glu*, *tic-tac* etc.) não são elementos orgânicos de um sistema linguístico, e que sua ocorrência na língua é bem menor do que se acredita. As exclamações, bastante próximas às onomatopeias, também não apresentam um vínculo necessário entre significante e significado. Basta comparar duas línguas para se observar as variações. Em

resumo, tais expressões são de importância secundária na língua, e suas origens simbólicas são, no mínimo, contestáveis (SAUSSURE, 2012).

Para bem resumirmos a relação de arbitrariedade entre significado e significante, descrita nesta seção, citamos Milano e Stawinski (2020, p. 5) “a forma como significado e significante se atrelam é sempre imprevisível”.

Passemos agora às reflexões acerca da linearidade do signo linguístico, que auxiliarão ao propósito desta pesquisa.

3.2.3 Linearidade

Após revisitarmos a primeira característica proposta por Saussure em relação ao signo linguístico — a arbitrariedade —, passaremos a explorar o seu segundo princípio: *o caráter linear do significante*, igualmente importante para este estudo.

Antes de chegarmos ao conceito em si, vale refletir, porém, acerca da denominação atribuída a esse segundo princípio: caráter linear do significante. Saussure trata da arbitrariedade *do signo*, mas aborda sobre a linearidade *do significante*. Sabemos que o signo é composto por significado e significante. Seria incorreto, portanto, pensarmos na *linearidade do signo*? Saussure não trouxe essa reflexão, o que faz pensarmos em uma particularização do significante (em detrimento do significado) por ser ele a imagem acústica, não o conceito; mesmo que ambos sejam de natureza psíquica, como já abordamos na seção destinada à teorização do signo linguístico.

Frydrych (2013, p. 54) também observou e questionou tal denominação: “chama a atenção o fato de Saussure intitular esse princípio somente em relação ao significante. Sendo uma característica do significante, e sendo o signo, a união daquele com o significado, não seria esse princípio também aplicado ao signo como um todo?”, mas, assim como nós, não apresentou uma resposta. De qualquer forma, essa reflexão é apenas provocativa, seguiremos tratando do caráter linear do significante, assim como consta no *CLG*.

A natureza auditiva do significante linguístico faz com que ele se desenvolva no tempo. Conforme lemos no *CLG* “o significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) *representa uma extensão*, e b) *essa extensão é mensurável numa só dimensão*: é

uma linha” (SAUSSURE, 2012, p. 110). Temos, nesse trecho, as palavras-chave para a delimitação desse conceito: significante, tempo, linha (caráter linear).

O mestre genebrino evidencia a importância desse princípio, anunciando que, por vezes, o caráter linear não fora explorado como deveria, dada a sua aparente simplicidade. Além disso, Saussure ressalta que as consequências da linearidade são incalculáveis, e que sua importância é igual ao primeiro princípio (a arbitrariedade).

Para Saussure, a linearidade está presente quando materializamos os signos (pela fala ou escrita). Nesse ato, os significantes acústicos aparecem dispostos um após o outro, sendo dependentes de uma linha temporal. Assim,

[...] no discurso, os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. Estes se alinham um após o outro na cadeia da fala (SAUSSURE, 2012, p. 171).

Nesse sentido, fica ao significante reservada a sua função de manter as sequências fônicas numa organização em que as unidades linguísticas se mantenham exclusivamente no tempo. Eis aqui a importância desse princípio para esta investigação. Se, na fala, já fica evidenciado o caráter linear do significante, é seguro que ficará ainda mais evidente na vocalização de palavras segmentadas, durante a soletração.

Convém reforçarmos a ideia de que o caráter linear do significante não está presente em todas as linguagens. Retomemos o exemplo dado na seção destinada ao signo: a linguagem artística não é afetada pela linearidade; nela, seus significantes podem ser apresentados simultaneamente, o que faz com que um apreciador de uma obra de arte não se atenha essencialmente num elemento que outro apreciador considerou primordial, assim como outro apreciador poderá ter observado todos os elementos ao mesmo tempo. Na língua, não há essa especificidade; “nós escutamos de maneira linear e temos dificuldades de recortar unidades sonoras que estão sobrepostas, mas conseguimos distinguir inúmeros signos visuais simultaneamente” (OTTARAN, 2019, p. 20). Nessa perspectiva, é necessário pronunciar um som após o outro, dentro dos limites temporais, para se obter o sentido global. Um ouvinte não tem a possibilidade de “escolher” qual sequência fônica da palavra quer ouvir para, então, compreendê-la; é *mister* ouvir o

todo. Pensando na expressão oral de palavras segmentadas, que é o objeto desta pesquisa, esperamos que haja o comparecimento do princípio da linearidade de forma muito aparente, dadas as circunstâncias de vocalização/soletração.

Dessa forma, constituímos aqui as reflexões concernentes ao princípio da linearidade do significante, cuja natureza é auditiva e sua expressão, seja na fala ou na consciência, se dá através do aparecimento consecutivo de um signo após o outro na linha do tempo.

Temos, assim delineados, os elementos que compõem o signo linguístico, no âmbito de sua existência — relação, valor, arbitrariedade e linearidade. Passemos, agora, às reflexões sobre a delimitação das unidades linguísticas, para que tenhamos os subsídios necessários à análise do nosso objeto de pesquisa, qual seja, a vocalização de palavras segmentadas.

3.3 DELIMITAÇÃO DAS UNIDADES LINGUÍSTICAS

Para atingirmos o propósito desta investigação, tendo como objeto de análise a atuação dos estudantes num determinado concurso de soletração, é fundamental que nos detenhamos a reconhecer e a delimitar as unidades linguísticas no âmbito da teorização saussuriana.

Nesse sentido, partimos das reflexões contidas no *CLG*, capítulos dois e três da segunda parte, que tratam das entidades concretas da língua e das identidades, realidades e valores.

Iniciamos, então, com a retomada da ideia de que o signo linguístico é uma entidade bipartida, constituída pela associação arbitrária entre o significante e o significado. Retornamos a essa relação porque Saussure (2012, p. 147) introduz sua reflexão nos dizendo que “os signos de que a língua se compõe não são abstrações, mas objetos reais; é deles e de suas relações que a Linguística se ocupa; podem ser chamados *entidades concretas* dessa ciência”. Evocamos essa citação por duas razões. A primeira delas é pelo fato de julgarmos pertinente reforçar a ideia de que é o signo linguístico que viabiliza o funcionamento da língua, e que, mesmo sendo psíquico, torna a língua real. A segunda razão consiste no fato de Saussure ter tornado equivalentes os termos “signos” e “entidades concretas”, das quais nos ocuparemos nas discussões que seguem.

Já abordamos, na seção reservada ao signo, que a sua natureza (pouco importa se material ou imaterial) é complexa. Não temos dúvida de sua complexidade, uma vez que o próprio pai da linguística moderna nos dá pistas de que, ao mesmo tempo em que são psíquicos, os signos são também entidades concretas. Nessa perspectiva, podemos nos adiantar ao que Saussure conclui a respeito das definições de entidades e unidades, já expondo, de antemão ao leitor, a dificuldade que o próprio mestre diz ter ao que concerne às entidades e à própria delimitação da unidade.

A língua apresenta, pois, esse caráter estranho e surpreendente de não oferecer entidades perceptíveis à primeira vista, sem que se possa duvidar, entretanto, de que existam e que é seu jogo que a constitui. Trata-se, sem dúvida, de um traço que a distingue de todas as outras instituições semiológicas (SAUSSURE, 2012, p. 152).

Dados esses primeiros apontamentos, retomemos às reflexões acerca das entidades linguísticas, que são regidas por dois princípios, segundo expõe Saussure.

O primeiro princípio revela que a entidade linguística só existe pela associação do significante ao significado. Havendo somente um desses dois elementos, a entidade se desvanece, dando lugar a uma pura abstração. Mais comum do que se imagina é discernir parte da entidade crendo abarcá-la em sua totalidade. A exemplo disso, temos a divisão em sílabas, que só terá valor em Fonologia. Uma sequência de sons só é Linguística quando comporta uma ideia, fora disso é simples matéria de um estudo fisiológico. O segundo princípio comporta a ideia de que a entidade linguística não está completamente determinada enquanto não esteja delimitada, separada de tudo o que a rodeia na cadeia fônica. São essas entidades delimitadas ou *unidades* que se opõem no mecanismo da língua. Como exemplo, podemos pensar numa situação em que ouvimos uma língua desconhecida, da qual somos incapazes de dizer como a sequência de sons deve ser analisada; é que essa análise se torna impossível se levarmos em conta somente o aspecto fônico do fenômeno linguístico (SAUSSURE, 2012).

Compreendemos dos ensinamentos do mestre genebrino que a entidade linguística apenas subsiste pela própria existência do signo, já que para o seu estabelecimento é necessária a associação do significante ao significado. A sílaba, no entanto, é pura matéria fônica; já que não falamos por sílabas, mas sim por

palavras. Além disso, faz-se necessário delimitar a unidade para que se tenha compreensão do sentido; é, pois, por essa razão que trazemos à tona essas reflexões, uma vez que nos colocamos frente à seguinte indagação: é preciso atribuir sentido a uma palavra para poder segmentá-la? Pergunta essa que pretendemos responder no próximo capítulo.

Saussure nos mostra, porém, que é a associação de um elemento com outro, em certo contexto de fala, que constituirá a unidade de determinada entidade linguística. Assim, “podemos dizer que o sistema fônico de uma língua se constitui a partir do momento que suas unidades são delimitadas e são reconhecidas pelo sujeito falante em uma situação real de uso da língua” (SORTICA, 2016, p. 66).

Nesse contexto, é imprescindível o papel do sujeito falante, o qual se apropria de um sentido e o enuncia na cadeia da fala. Para reconhecer as entidades linguísticas e delimitar as unidades, o mestre genebrino traz a seguinte conclusão:

Em resumo, a língua não se apresenta como um conjunto de signos delimitados de antemão, dos quais bastasse estudar as significações e a disposição; é uma massa indistinta na qual só a atenção e o hábito nos podem fazer encontrar os elementos particulares. **A unidade não tem nenhum caráter fônico especial, e a única definição que se pode dar a ela é a seguinte: uma porção de sonoridade que, com exclusão do que precede e do que segue na cadeia falada, é significante de um certo conceito** (SAUSSURE, 2012, p. 148, grifo nosso).

Esse trecho nos explica, mais uma vez, por que a língua não é um sistema de “etiquetas”, no qual os seres e as coisas teriam nomes pré-estabelecidos e seria fácil a sua apropriação. Se assim fosse, não teríamos dificuldade alguma para aprender um novo idioma, já que apenas dependeríamos da nossa memória para registrar os “nomes”. Contudo, sabemos que as situações reais de fala estão longe de ser apenas um amontoado de palavras, e é por esse motivo que o sujeito falante identifica as entidades linguísticas e delimita as unidades nos atos de fala, de forma natural. Além disso, é nesse trecho que está o conceito de *unidade*, o qual servirá de base para tratarmos do método de delimitação exposto por Saussure.

Para tanto, o mestre genebrino nos explica que, para aqueles que conhecem uma língua, delimitar as unidades é um método bastante simples (pelo menos em teoria). Ele diz que esse método consiste em “colocar-se a pessoa no plano da fala, tomada como documento da língua, e em representá-la por duas cadeias paralelas: a dos conceitos [...] e a das imagens acústicas [...]” (SAUSSURE, 2012, p. 149).

Do exemplo francês “sižlaprã”, Saussure (2012, p. 149) explica que o sentido permite fazer a divisão em “si je la prends” ou em “si je l’apprends”. Ou seja, o sentido viabiliza ao sujeito falante associar um determinado significante a um significado. A partir da porção individual que ele possui da língua — a fala — ele se coloca na língua, representando-a por duas linhas paralelas, e, assim acontecendo, faz a delimitação. Pelas palavras de Agustini e Silva (2017, p. 507): “o sentido é o conceito que está para a fala. O significado, o conceito que está para a língua. A significação, a atribuição de sentido à língua”.

Percebemos, no entanto, que a significação apresenta papel fundamental para que se delimite a unidade linguística. Importante destacar que “é por meio daquilo que o falante reconhece como existente e portador de sentido dentro de uma dada língua que será considerado como unidade” (SORTICA, 2016, p. 63). Voltemos, portanto, ao exemplo francês (sižlaprã) apresentado por Saussure. É a partir desse exemplo que o mestre de Genebra explica como as unidades devem ser delimitadas.

Para verificar o resultado dessa operação e certificar-se de que se trata de fato de uma unidade, é preciso que, ao comparar uma série de frases em que se encontre a mesma unidade, se possa, em cada caso, separá-la do resto do contexto, comprovando que o sentido autoriza a delimitação (SAUSSURE, 2012, p. 149).

Fica evidente, então, que a delimitação da unidade se dá por comparação a outras unidades, desde que carregadas de uma significação. Para melhor resumir essas ideias, vejamos o que dizem Agustini e Silva (2017, p. 508) sobre essa questão: “a língua é composta por entidades concretas ou signos. Quando esses são delimitados pelo sujeito-falante, eles se tornam entidades delimitadas ou unidades concretas”. Até aqui, traçamos a ideia geral das entidades linguísticas. Acrescentamos a essa reflexão o fato de esse fenômeno não ser de tão fácil identificação, “assim, a primeira dificuldade é que a noção de unidade concreta, na frase, não corresponde necessariamente à de palavra” (AGUSTINI; SILVA, 2017, p. 508).

A partir disso, observamos, no *CLG*, que tal método de delimitação da unidade, apresentado por Saussure, não é de simples aplicação, e que o próprio mestre deixa evidente essa constatação ao dedicar uma parte de seus ensinamentos às dificuldades práticas da delimitação.

Para ilustrar tal dificuldade, Saussure apresenta a palavra *cheval* (cavalo) e seu plural *chevaux*, tidas como duas formas da “mesma” palavra. No entanto, são dois referentes distintos, tanto pelo sentido como pelos sons. O mesmo ocorre com *mwa* (mês) e *mwaz* (meses), tem-se a “mesma” palavra sob dois aspectos distintos. Não há dúvidas de que se trata de uma unidade concreta: o sentido é o mesmo, mas as porções sonoras são diferentes (SAUSSURE, 2012).

À vista dessas comparações, o pai da Linguística discorre sobre tais dificuldades na delimitação das unidades, dizendo que

[...] quando queremos equiparar as unidades concretas a palavras, vemos-nos diante de um dilema: ou bem ignorar a relação, sem dúvida evidente, que une *cheval* a *chevaux*, *mwa* a *mwaz* etc., e dizer que são palavras diferentes, ou, em vez de unidades concretas, contentar-se com a abstração que reúne as diversas formas da mesma palavra. Deve-se procurar a unidade concreta fora da palavra (SAUSSURE, 2012, p. 150).

Nesse lance, percebemos que o mestre genebrino considera a unidade como algo que ultrapassa a palavra, reforçando o seu caráter de complexidade na língua. Para Agustini e Silva (2017) isso ocorre porque muitas palavras podem ser tidas como unidades complexas por serem compostas por subunidades — sufixo, prefixo e radical. Assim, “palavra” e “unidade” não se equivalem, uma vez que a palavra pode ser formada por várias subunidades, isto é, a noção de unidade faria parte daquilo que compõe uma palavra. Ademais, há unidades maiores em extensão que as palavras, por exemplo, o composto “porta-chave” seria uma unidade formada por duas palavras; a locução “não há de quê”, uma unidade formada por quatro palavras; a forma flexional “tinha ido”, uma unidade com duas palavras.

Desse modo, a unidade está além da palavra porque ela sempre é delimitada na relação com outras unidades. A dificuldade aparece quando pensamos na diferenciação por meio da sonoridade ou por meio da significação, tal como os exemplos *cheval* e *chevaux*.

Outra dificuldade apresentada no CLG é que a noção de unidade concreta poderia corresponder à de frase, o que Saussure descarta de antemão: “em primeiro lugar, porém, até que ponto pertence a frase à língua?” (SAUSSURE, 2012, p. 151). Sendo a frase exclusiva da fala, não há que se passar por unidade linguística. Essa dificuldade está, portanto, afastada.

Antes de tratar das identidades, realidades e valores, Saussure reforça que a língua apresenta o caráter de um sistema baseado na oposição de suas unidades concretas, e assevera que “sua delimitação é um problema tão delicado que nos perguntamos se elas, as unidades, existem de fato” (SAUSSURE, 2012, p. 152). Tal afirmação evidencia a complexidade e a dificuldade de se detectar tal fenômeno.

Diante de tudo o que foi dito sobre as entidades concretas, Saussure (2012, p. 154) nos diz que “o mecanismo linguístico gira todo ele sobre identidades e diferenças, não sendo estas mais que a contraparte daquelas”. Para ilustrar essa concepção, o pai da Linguística nos dá exemplos como o expresso (trem) e a rua. O que faz com que reconheçamos que o trem que passa hoje às 8h45 foi o mesmo que passou ontem é, de maneira geral, sua hora de partida e seu itinerário. Tal ocorrência demonstra que “sempre que se realizem as mesmas condições, obtêm-se as mesmas entidades. E, no entanto, estas não são abstratas, pois uma rua ou um expresso não se concebem fora de sua realização material” (SAUSSURE, 2012, p. 154).

A realidade linguística, por sua vez, “refere-se às unidades concretas, não às entidades concretas. Enquanto estas não forem delimitadas, não é possível descrever sua natureza” (AGUSTINI; SILVA, 2017, p. 514). A entidade só se torna uma realidade por causa da significação.

Tanto a noção de identidade quanto a noção de realidade estão impregnadas da noção de valor. Para exemplificar essa relação, Saussure faz uma comparação ao jogo de xadrez. Se uma peça for perdida, qualquer outra poderá exercer sua função. Mesmo que não haja nenhuma semelhança, qualquer objeto usado no lugar do cavalo, por exemplo, assumirá o seu valor. “Vê-se, pois, que nos sistemas semiológicos, como a língua, nos quais os elementos se mantêm reciprocamente em equilíbrio de acordo com regras determinadas, a noção de identidade se confunde com a de valor, e vice-versa” (SAUSSURE, 2012, p. 156). Essa é a razão pela qual a noção de valor recobre as de unidade, de entidade concreta e de realidade.

É, portanto, a noção de valor que delimita as entidades concretas da língua. De forma mais específica, o valor confere identidade às entidades concretas, o que permite ao sujeito falante atribuir sentido às unidades por ele delimitadas.

Tratando-se do concurso de soletração, veremos, no próximo capítulo, como ocorre a delimitação das unidades em palavras segmentadas (se é que ocorre), uma vez que nos propomos a compreender a relação entre o processo de vocalização e

a segmentação das palavras. Antes disso, passemos à revisão teórica acerca da analogia, da fonologia e da escrita, respectivamente.

3.4 ANALOGIA

Adentremos, a partir de agora, nas questões concernentes à analogia, as quais compõem o *corpus* saussuriano.

No *CLG*, os editores alocaram o fenômeno analógico na terceira parte (dedicada à linguística diacrônica). Para tanto, o quarto capítulo intitula-se “A analogia”, e o quinto capítulo da obra está nominado como “Analogia e Evolução”. Já nos *ELG*, que, como bem sabemos, é a obra que reúne os manuscritos de Saussure, as questões destinadas à analogia são esparsas e frequentes, dada a importância e amplitude do tema.

Tomando o *CLG* como nossa obra norteadora, assim como já anunciamos no item 2.1, partimos do conceito de analogia, constituído por Saussure, para delimitarmos a nossa reflexão. Nessa perspectiva, lemos que “a analogia supõe um modelo e sua imitação regular. *Uma forma análoga é uma forma feita à imagem de outra ou de outras, segundo uma regra determinada*” (SAUSSURE, 2012, p. 217), em outras palavras, a analogia trata-se de um fenômeno de criação, uma vez que parte de um modelo pré-determinado na língua, ao mesmo tempo em que é um fenômeno de transformação por repetir esse modelo de maneira regular. É certo que, não raras vezes, já nos encontramos em alguma situação em que precisamos utilizar uma regra estendida para enunciarmos algo que não sabíamos bem como empregar.

Para exemplificar, o *CLG* apresenta o nominativo latino *honor*, que é analógico. A princípio, se dizia *honōs* : *honōsem*; mais tarde, por rotacionismo do s, passou-se a dizer *honōs* : *honōrem*. O radical tinha uma forma dupla, porém tal dualidade foi eliminada pela nova forma *honor*, criada sobre o modelo de *orator* : *oratore* etc., por um procedimento denominado cálculo da quarta proporcional, no qual a analogia unificou as formas e restabeleceu a regularidade para contrabalançar a ação diversificante da mudança fonética (*honōs* : *honōrem* / *honor* : *honōrem*) (SAUSSURE, 2012).

O exemplo latino apenas ilustra um fenômeno recorrente em qualquer idioma. O caráter analógico (e natural) a que as línguas se submetem fornece, muitas vezes,

um caminho para a compreensão de muitas mudanças linguísticas. Saussure (2012, p. 218) diz que “a analogia se exerce em favor da regularidade e tende a unificar os processos de formação e de flexão” da língua. Para Ottaran (2019, p. 25) “é ela [a analogia] quem cria novas unidades da língua, é o processo que permite o enriquecimento necessário às exigências da comunicação, criando termos através de formas já existentes no sistema e conectas por novas relações associativas”.

Contudo, nem sempre a analogia foi vista por essa ótica. Os primeiros estudos sobre o fenômeno eram tratados como “falsa analogia”. Os linguistas consideravam as questões analógicas como irregularidades e infrações. Qualquer liberdade em relação à língua constituía-se como anomalia. Foi, no entanto, a escola dos neogramáticos que atribuiu à analogia seu verdadeiro lugar, mostrando que ela, juntamente com as mudanças fonéticas, constitui o grande fator da evolução das línguas (SAUSSURE, 2012). Se, hoje, a analogia é fator preponderante para a compreensão da evolução da língua, isso se deve ao fato de inúmeros estudos neogramaticais demonstrarem a importância desse fenômeno para a compreensão do mecanismo da língua e, conseqüentemente, para a sua natural transformação.

A partir dessas reflexões, Saussure (2012, p. 219) trata da natureza da analogia:

Mas qual é a natureza dos fenômenos analógicos? Serão eles, como comumente se acredita, mudanças? Todo fato analógico é um drama de três personagens: 1º - o tipo transmitido, legítimo, hereditário (por exemplo, *honōs*); 2º - o concorrente (*honor*); 3º - uma personagem coletiva, constituída pelas formas que criaram esse concorrente (*honōrem, ōrātor, ōrātōrem* etc).

A esse trecho, o pai da Linguística acrescenta que a forma analógica nem sempre acarreta o desaparecimento da palavra a que vem duplicar. Contudo, ele alerta para o fato de que a língua exclui, automaticamente, dois significantes que representam a mesma ideia, e que, muitas vezes, a forma primitiva cai em desuso e acaba desaparecendo.

Consoante a Segunda Conferência na Universidade de Genebra, de novembro de 1891, presente nos *ELG*, a analogia, fator de renovação linguística, representa o lado psicológico e mental, uma vez que aborda uma forma pelo lado da ideia, sendo possível descobrir um sentido. Analogia é “o fenômeno de

transformação inteligente” (SAUSSURE, 2004, p. 139), visto que depende da consciência do falante.

A esse respeito, os *ELG* trazem a exemplificação do falante em fase de aquisição da linguagem:

Não há melhor maneira de perceber o que é isso do que escutar falar, por alguns minutos, uma criança de três a quatro anos. Sua linguagem é um verdadeiro tecido de formações analógicas, que nos fazem sorrir, mas que oferecem, em toda a sua pureza e candura, o princípio que não cessa de agir na história das línguas (SAUSSURE, 2004, p. 139-140).

Uma lista de exemplos poderia ilustrar essa citação, mas trazemos apenas os termos “fazi” e “diguei”, tão comuns na fala das crianças, as quais, inteligentemente, empregam o fator analógico. Se eu *vesti, comi, dormi; falei, olhei, parei...* Por que não “fazi” ou “diguei”? Obviamente, não demora muito tempo para que elas observem como essas flexões são constituídas, sem que haja nenhum prejuízo à ideia que pretendiam enunciar. Tal fenômeno justifica-se porque

“[a] operação de analogia é mais viva e mais fértil na criança porque sua memória ainda não teve tempo de armazenar um signo para cada ideia e, por conseguinte, ela se vê obrigada a confeccionar, a cada instante, esse signo. Ora, ela o fabricará sempre de acordo com o procedimento da analogia (SAUSSURE, 2004, p. 141).

É evidente que inúmeros termos criados por analogia não integram o sistema da língua. Como dissemos nos itens 3.2.1 (sobre o valor) e 3.2.2 (sobre a arbitrariedade) o indivíduo não tem o poder de alterar qualquer signo que seja, visto que a língua apenas se modifica pela coletividade e pela transcorrência do tempo. No que concerne à analogia, nada muda em relação a isso; “a todo instante, encontramos combinações sem futuro, que a língua provavelmente não adotará. A linguagem das crianças está cheia delas” [...] (SAUSSURE, 2012, p. 226). Complementando essa ideia, Saussure (2012, p. 227) ainda reforça que

[a] língua retém somente uma parte mínima das criações da fala; mas as que duram são bastante numerosas para que se possa ver, de uma época a outra, a soma das formas novas dar ao vocabulário e à gramática uma fisionomia inteiramente diversa.

Mesmo diante dessas ponderações, o fator analógico permanece sendo um fenômeno de muita relevância ao funcionamento e evolução da língua. O mestre de

Genebra acrescenta que “a analogia é de ordem psicológica; isso, porém, não basta para distinguir os fenômenos fonéticos [...]. Cumpre ir mais longe e dizer que a analogia é de ordem gramatical” (SAUSSURE, 2012, p. 221-222). Tal afirmação se deve ao fato de que os elementos analógicos supõem consciência e compreensão de uma relação que une as formas entre si. A ideia pode não representar nada no campo fonético, todavia sua intervenção é fundamental em matéria de analogia.

Nessa perspectiva, podemos retomar a ideia de língua como mutável, mas não pela ação individual do falante, mesmo que seja ele quem imprime a consciência e a compreensão nas relações que requerem atribuição de sentido. Dessarte “vemos que a mudança na *langue* [língua] depende da massa, da sociedade, para acontecer ao mesmo tempo em que depende do falante para existir” (RIBEIRO, 2019, p. 55).

Tanto o *CLG* quanto os *ELG* trazem, de forma muito explícita, a importância que Saussure considerava ter os fatos analógicos frente ao mecanismo da língua. Observemos esta passagem também constante no texto da Segunda Conferência na Universidade de Genebra, de novembro de 1891:

Pedir a um linguista que cite as formações analógicas é, portanto, como pedir a um mineralogista que cite os minerais, ou a um astrônomo que cite algumas estrelas, eu digo logo de início, para que não haja nenhum mal-entendido sobre o valor que atribuímos a esses fatos: não são fatos excepcionais e anedóticos, não são *curiosidades* ou anomalias, mas a substância mais clara da linguagem, em qualquer parte e em qualquer época, a sua história de todos os dias e de todos os tempos (SAUSSURE, 2004, p. 140-141).

Fica evidente, portanto, que o pai da Linguística considerou a analogia como parte fundamental do estudo da língua, atribuindo ao falante a sua carga contributiva para a evolução das línguas. Assim, encerremos esta seção com uma frase que bem resume o que foi exposto até aqui: “a analogia é, pois, a prova peremptória de que um elemento formativo existe num momento dado como unidade significativa” (SAUSSURE, 2012, p. 228).

Cumpre apresentar agora, para a continuidade deste estudo, as reflexões que cercam os aspectos fônicos da língua, uma vez que nos propomos a compreender a relação entre o processo de vocalização e a segmentação das palavras. Passemos, *a posteriori*, às reflexões sobre a noção do fônico em Saussure.

3.5 FONOLOGIA

Conforme mencionamos no início deste capítulo, é recorrente a afirmação de que Ferdinand de Saussure tenha excluído a fala, (e, por consequência, os elementos que dela decorrem) de seus estudos acerca da ciência da língua. Tal afirmação, já dissemos, não encontra fundamento na Linguística Moderna, cujo *pai* dera inúmeras pistas, dentro do próprio *CLG*, da importância dos estudos fônicos para a compreensão da língua enquanto sistema. A base para essa ideia reducionista de língua vem do próprio Saussure (2012, p. 117) que disse “a língua é para nós a linguagem menos a fala”. Sabemos que essa é uma afirmação pontual, dentro de um limite de reflexão, mas que ultrapassa as linhas de pensamento quando vistas (e lidas) no todo. A linguística saussuriana vai muito além de uma interpretação abreviada, tanto que vislumbrava uma linguística da língua e uma linguística da fala. “Desconsiderar do estudo da língua, a sua produção e quem a produz, é enterrar fundo aquilo que faz a língua existir” (SORTICA, 2016).

Outro fator, que nos faz evidenciar a importância dos estudos fônicos em Saussure, parte da questão de termos, logo na introdução do *CLG*, um capítulo destinado à Fonologia, e, na sequência, um apêndice denominado “Princípios de Fonologia”. Pode ser um mero detalhe, porém, sob a ótica que nos cabe evidenciar, não nos parece aleatória a escolha dos editores do *Curso*. A esse respeito, Milano (2016, p. 142) nos diz que

não parece detalhe que Charles Bally e Albert Sechehaye tenham dado lugar de destaque ao campo do fônico junto aos demais elementos basilares da obra que apresenta o pensamento de Saussure. Tudo indica que noções como *matéria*, *tarefa* e *objeto da linguística* dialogam muito intimamente com a definição de *unidade* (fonema) e com *função da unidade* (na “cadeia da fala”).

Convém destacar que, mais que um apêndice, os Princípios de Fonologia fazem parte da Introdução do *CLG*, e nos remetem a uma reflexão mais aprofundada daquilo que é dito no Capítulo VII, sobre o aspecto fônico da língua.

Dizemos isso porque acreditamos que os editores do *Curso* denominaram “apêndice” as anotações referentes ao primeiro dos cursos ministrados por Saussure em Genebra, bem como as notas da exposição do mestre sobre uma teoria da sílaba, que precede a realização dos *cursos*. Na esteira do que já afirmamos, o

entendimento do fônico parece ser essencial à obra saussuriana, haja vista o texto que compõe o apêndice ter sido feito cerca de uma década antes da definição e exposição do objeto da linguística e suas possíveis divisões (SORTICA, 2016).

Dadas tais informações introdutórias sobre a (possível) sintagmatização do *CLG*, passemos, portanto, às reflexões do fônico na perspectiva saussuriana.

Para iniciar, consideramos pertinente dizer que muitos conceitos fundantes da teoria de Saussure passam pelo aspecto fônico, sem que estejam explícitos no capítulo reservado à Fonologia, dentro do *CLG*. Logo no início, ao definir o objeto da linguística, o mestre genebrino nos contempla com o seguinte trecho: “As sílabas que se articulam são impressões acústicas percebidas pelo ouvido, mas os sons não existiriam sem os órgãos vocais; assim, um *n* existe somente pela correspondência desses dois aspectos” (SAUSSURE, 2012, p. 40).

Nesse sentido, percebemos que, mesmo tendo definido o objeto de estudo da linguística, Saussure atenta para o todo, não desconsiderando a complexidade que o cerca; à vista disso, a produção fônica.

E continua: “Não se pode reduzir então a língua ao som, nem separar o som da articulação vocal; reciprocamente, não se podem definir os movimentos dos órgãos vocais se se fizer abstração da impressão acústica” (SAUSSURE, 2012, p. 40). Embora o aparelho fonador não seja o objeto de estudo do linguista, não se pode ignorar o fato de que é ele que possibilita a produção do som.

Nesse passo, entendemos ainda que o próprio conceito de signo, elucidado pelo mestre genebrino, traz as suas contribuições para a análise do fônico no sistema da língua.

A propósito, vale retomar o que disse o pai da linguística a respeito do signo: que ele não une uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Tal imagem não é o som material, exclusivamente físico, mas a impressão psíquica desse som, a representação advinda dos nossos sentidos (SAUSSURE, 2012).

Já mencionamos, na seção dedicada ao signo, a respeito de seu duplo caráter: conceito (significado) e imagem acústica (significante). Voltamos a frisar que a imagem acústica não se trata apenas do som material, mas sim da impressão psíquica. Contudo, o caráter fônico do signo não pode ser desprezado, uma vez que a questão fonológica faz parte da língua.

Dessa forma, Milano (2016, p. 144) considera a pertinência de um desdobramento do *significante* também em dois aspectos: “é nessa direção que proponho considerar a existência de uma dupla face do significante: 1) o significante como representação no sistema; 2) o significante como porção fônica (de “natureza auditiva”)”. Segundo a autora, tem-se, no primeiro aspecto, a materialidade do signo linguístico; e, no segundo aspecto, a imposição do fônico trazida por ele.

Para o nosso estudo, importa o fato de haver, em maior ou menor grau, a presença da representação do som como constituinte do signo. Nos *ELG*, o mestre genebrino explica que “uma forma é uma figura vocal, que na consciência dos sujeitos falantes, é *determinada*, ou seja, é ao mesmo tempo existente e delimitada. Ela não é nada mais; assim como não é nada menos” (SAUSSURE, 2004, p. 37).

Na parte do *CLG*, que trata sobre os estudos fônicos propriamente ditos, o pai da Linguística inicia distinguindo Fonética de Fonologia.

A fisiologia dos sons [...] é frequentemente chamada de “Fonética” [...]. Esse termo nos parece impróprio; substituímo-lo por *Fonologia*. [...] A Fonética é uma ciência histórica; analisa acontecimentos, transformações e se move no tempo. A Fonologia se coloca fora do tempo, já que o mecanismo da articulação permanece sempre igual a si mesmo (SAUSSURE, 2012, p. 67).

O mestre ainda diz, sobre essa diferenciação, que ambos os estudos não devem ser confundidos, nem postos em oposição, e complementa dizendo que a Fonética é parte essencial da ciência da língua, enquanto a Fonologia destina-se exclusivamente à fala (SAUSSURE, 2012).

Essa contribuição do linguista genebrino já descortinava os rumos que os estudos do fônico viriam a tomar, como apontam Milano, Stawinski e Gomes (2016, p. 95):

Nossa retomada do *CLG* mostrou que os apontamentos de Saussure quanto à “dualidade” fonética/fonologia se fazia presente para que fosse possível seguir uma trajetória de estudos que não estivesse contemplada por nenhum desses dois pontos de vista. A partir das suas observações, acreditamos que o linguista já vislumbrava a fonologia que hoje conhecemos: o estudo do significante linguístico a partir do sistema de relações que opera na língua.

A partir dessa afirmação, pensamos ser conveniente trazer algumas reflexões sobre os “Princípios de Fonologia” constantes no *CLG*, e, por consequência, o que Saussure (não) recomenda que seja o trabalho do fonologista. Para ele, muitos

fonologistas dedicam-se quase exclusivamente ao ato de fonação, ou seja, à produção dos sons pelos órgãos (laringe, boca...), negligenciando o lado acústico. Esse método, alerta o mestre, não é correto: não somente a impressão produzida no ouvido nos é dada tão diretamente quanto a imagem motriz dos órgãos, como também é ela a base de toda teoria (SAUSSURE, 2012).

A percepção dos sons, de que trata indiretamente o excerto anterior, nos é trazida com mais detalhes, no âmbito das impressões acústicas promovidas pelas cadeias da fala. Assim,

o aspecto fônico da língua tem seu reconhecimento a partir do gesto de apropriação individual da língua, ou seja, a partir da fala. Aliás, é importante sublinhar que a análise das unidades fonológicas é apresentada a partir da perspectiva da “cadeia da fala” (MILANO, 2016, p. 151).

Portanto, o aspecto perceptivo das diferenças entre os sons pode ser trazido a partir do que nos ensinou Saussure (2012, p. 75): “o dado acústico existe já inconscientemente quando se abordam as unidades fonológicas; pelo ouvido sabemos o que é um *b*, um *t* etc”.

E continua, “é na cadeia da fala ouvida que se pode perceber imediatamente se um som permanece ou não igual a si próprio; enquanto se tenha a impressão de algo homogêneo, esse som é único” (SAUSSURE, 2012, p. 76).

Essas relações nos fazem pensar o quanto há de admirável nos símbolos, quais sejam: o alfabeto. Eles permitem a representação de diversos sons, mesmo havendo uma impressão mínima que difere um som de outro.

Assim sendo, para compreendermos o caráter perceptivo das diferenças entre os sons, faz-se *mister* observarmos o que o mestre genebrino conceituou como fonema.

O fonema é a soma das impressões acústicas e dos movimentos articulatórios da unidade ouvida e da unidade falada, das quais uma condiciona a outra; portanto, trata-se já de uma unidade complexa, que tem um pé em cada cadeia (SAUSSURE, 2012, p. 77).

Dessa forma, o pai da Linguística enfatiza que o ato articulatório está inteiramente apoiado na impressão acústica produzida no ouvido dos falantes, criando, por assim dizer, uma interdependência.

Nas palavras de Milano, Stawinski e Gomes (2016, p. 95) “o ‘som’ [...], longe de ser tomado apenas no seu aspecto de produção, é considerado também pelos efeitos que provoca a partir da “impressão acústica”, perceptível ao ouvinte”. *Impressão e movimentos articulatórios* estão entrelaçados, na visão das autoras.

Neste momento da reflexão, cabe ainda ressaltar que, além de constituir os conceitos basilares de objeto e signo linguístico, as questões relacionadas ao fônico (e à escuta) também perpassam pelo conceito de valor, numa perspectiva saussuriana.

Desse modo, podemos considerar uma dupla existência do fonema, concreta e abstrata, que, assim como os demais signos, confirmam seu caráter representacional. Será, portanto, o efeito produzido no ouvido, que indicará que são as diferenças opositivas e relativas que produzirão valor no sistema linguístico.

Milano (2016, p. 153) comenta que “é preciso sublinhar que o estatuto do fônico em Saussure é simultaneamente concreto e abstrato: é concreto porque depende de uma materialidade e é abstrato porque depende do valor”.

Muito brevemente, expusemos aqui o que consideramos ser relevante ao objeto desta pesquisa. É incontestável que muito ainda há a ser dito. Tornaremos a tratar do assunto no capítulo reservado à análise do *corpus* de pesquisa. Por ora, finalizamos essa reflexão nos valendo, mais uma vez, das palavras de Milano (2016, p. 153) “cabe lembrar que considerar o fonema a partir do legado saussuriano é ir em direção à coincidência entre o movimento articulatório e a impressão acústica, comprometendo assim a indissociável relação língua-fala”.

3.6 ESCRITA

O leitor poderia estar se perguntando... por que há uma seção reservada à escrita numa pesquisa que tem como tema a expressão vocal? Explicamos.

Nosso objetivo, nesta dissertação, é compreender a relação existente entre o processo de vocalização e a segmentação das palavras. Conforme já dito, baseamos-nos, para isso, na execução de um projeto de soletração. Destarte, trazer o conceito de escrita será importante porque as palavras são soletradas/vocalizadas conforme as convenções de escrita — ao menos, essa é a expectativa do Concurso.

Saussure inicia sua reflexão sobre a escrita, mais especificamente sobre a necessidade de estudar o assunto, dizendo: “o objeto concreto de nosso estudo é,

pois, o produto social depositado no cérebro de cada um, isto é, a língua” (SAUSSURE, 2012, p. 57). A partir daí o que o mestre faz é reconhecer que tal produto é diferente a cada grupo linguístico, quais sejam: as línguas. Ele diz que o linguista tem por obrigação conhecer o maior número possível delas, para poder observá-las e compará-las. “Ora, geralmente, nós as conhecemos somente através da escrita. Mesmo no caso de nossa língua materna, o documento intervém a todo instante” (SAUSSURE, 2012, p. 57).

Fica explícito, nesse trecho, que o mestre genebrino reconhece o prestígio que a escrita possui. Observemos por nós mesmos. Na maioria das vezes que possuímos dúvidas em relação a algum termo da língua, procuramos respostas na escrita, dificilmente na fala. Até porque sabemos da falta de correspondência que há entre elas.

Essa falta de correspondência justifica-se pelo fato de que “a língua evolui sem cessar, ao passo que a escrita tende a permanecer imóvel. Segue-se que a grafia acaba por não mais corresponder àquilo que deve representar” (SAUSSURE, 2012, p. 61). A língua é dinâmica, enquanto a escrita é estática.

Talvez o prestígio da escrita se dê justamente pelo fato de não se modificar facilmente, enquanto que a língua se torna mais suscetível aos fatores culturais. “A língua tem, pois, uma tradição oral independente da escrita e bem diversamente fixa; todavia, o prestígio da forma escrita nos impede de vê-lo” (SAUSSURE, 2012, p. 59). Vale lembrar que a língua é natural, ao passo que a escrita¹¹ é inventada.

Segundo Saussure (2012, p. 58):

Língua e escrita são dois sistemas distintos de signos; a única razão de ser do segundo é representar o primeiro; o objeto linguístico não se define pela combinação da palavra escrita e da palavra falada; esta última, por si só, constitui tal objeto. Mas a palavra escrita se mistura tão intimamente com a palavra falada, da qual é a imagem, que acaba por usurpar-lhe o papel principal; terminamos por dar maior importância à representação do signo vocal do que ao próprio signo. É como se acreditássemos que, para conhecer uma pessoa, melhor fosse contemplar-lhe a fotografia do que o rosto.

O mestre genebrino deixa claro o papel secundário da escrita em face da língua. E ratifica que a função da escrita é, unicamente, representar a língua.

¹¹ A esse tema, referenciamos a tese de Aline Wieczikowski Rocha, cuja pesquisa — embora proponha um estudo da escrita em *Émile Benveniste* — constrói um percurso que passa pela discussão da escrita em Saussure. Disponível em: <http://tede.upf.br/jspui/handle/tede/1773>.

Convém, neste ponto, retomarmos o objeto de pesquisa deste estudo: a produção vocal de palavras segmentadas. Se a escrita é a representação da língua, e se a vocalização de que tratamos aqui é a representação da escrita, ora, temos um duplo caráter representativo na expressão vocal emitida pelos estudantes. Talvez aqui tenhamos delineado, com base em todos os conceitos saussurianos já elencados, o fator preponderante para esta pesquisa.

Sobre essa complexidade representativa, podemos ler nos *ELG*: “para a escrita, o *sentido* é representado pelo *som* enquanto que o *som* é representado pelos traços gráficos; mas a relação entre o traço gráfico e o som falado é a mesma que entre o som falado e a ideia” (SAUSSURE, 2004, p. 48).

Diante das ponderações feitas, o mestre ainda nos explica por quais motivos a escrita possui tanto prestígio. 1) Porque as imagens gráficas das palavras nos impressionam como um objeto permanente e sólido, portanto mais adequadas que o som. 2) Na maioria dos indivíduos, as impressões visuais são mais nítidas e mais duradouras que as impressões acústicas. 3) A língua literária aumenta ainda mais a importância imerecida da escrita. 4) Por fim, quando existe desacordo entre língua e ortografia, a forma escrita tem, quase fatalmente, superioridade (SAUSSURE, 2012).

Não nos passa despercebido que o pai da Linguística, mesmo considerando todos esses aspectos que elevam o grau de autoridade da escrita, ainda julgue imprópria a sua (falsa) superioridade. Tal afirmação encontra suporte nos seguintes trechos: “a escrita se arroga [...] uma importância a que não tem direito”; “a escrita obscurece a visão da língua; não é um traje, mas um disfarce” (SAUSSURE, 2012, p. 60/63).

Contudo, esse não é o aspecto relevante que ainda queremos destacar. Nos *ELG*, o mestre genebrino compara a escrita ao sistema da língua, pontuando que estes são sistemas homólogos, porém distintos.

[...] Os fatos relativos à escrita apresentam, talvez, a respeito de todos os fatos que existem na linguagem, sem exceção, uma mina de observações incessantes e de fatos não apenas análogos, mas completamente homólogos, de um extremo ao outro, aos que se pode discernir na linguagem falada (SAUSSURE, 2004, p. 48).

Sendo uma mina de observações, como disse o linguista, voltemos ao *CLG* para mencionarmos os dois sistemas de escrita por ele classificados. 1) O sistema ideográfico, no qual as palavras são representadas por um único símbolo, e

estranho aos sons de que ela se compõe (a escrita chinesa, por exemplo). 2) O sistema “fonético”, que busca reproduzir a série de sons que se sucedem na palavra, podendo ser tanto silábicas quanto alfabéticas (SAUSSURE, 2012).

O pai da Linguística limita-se a tratar do sistema fonético, cujo protótipo é o alfabeto grego, e emenda chamando atenção para a sua notabilidade.

Muitos são os aspectos que poderíamos ainda considerar em relação à escrita numa perspectiva saussuriana. No capítulo do *CLG*, “*A representação da língua pela escrita*”, do qual tratamos até agora, podemos perceber que Saussure trata da importância da escrita no conhecimento das línguas e, ao mesmo tempo, critica o prestígio dado a ela, perante o fato desse sistema gráfico ter a função única de representar a língua. “Acabamos por esquecer que aprendemos a falar antes de aprender a escrever, e inverte-se a relação natural” (SAUSSURE, 2012, p. 59). Temos plena clareza de que há distância entre a língua e a escrita. Sabemos que não é possível escrever tudo que há na língua.

Por mais que língua falada e língua escrita apresentem semelhanças em suas formas de funcionamento, e que uma exista em detrimento da outra, é inegável que a escrita possui um suporte material, um traço que a distingue da língua falada e que a torna ainda mais concreta — a letra. É, portanto, essa materialidade que a faz “parecer” superior à língua, tomando para si o que de direito está imbricado na natureza do indivíduo, a língua como manifestação natural da condição humana.

Assim sendo, este capítulo buscou trazer importantes conceitos da teoria saussuriana que embasarão a análise de alguns trechos do concurso de soletração. Tendo revisitadas as concepções de linguagem, de língua e de fala; tendo refletido sobre a ideia de signo linguístico; tendo compreensão sobre a importância do recorte da unidade linguística; e tendo delimitados os principais aspectos de analogia, fonologia e escrita, esperamos ter nos aproximado das respostas que intencionamos encontrar. Dessa forma, passamos, no próximo capítulo, a analisar o desenvolvimento do concurso *Soletrando*, levando em consideração os aspectos linguísticos que envolvem, especialmente, a vocalização e a segmentação das palavras.

4 S-O-L-E-T-R-A-N-D-O: UMA ANÁLISE SOBRE A VOCALIZAÇÃO DE PALAVRAS SEGMENTADAS

O percurso traçado, até agora, teve como objetivo construir um aporte teórico capaz de estruturar nossa análise, permitindo-nos, ao olharmos para a língua, identificar e compreender os fenômenos¹² linguísticos envolvidos no processo de vocalização de palavras segmentadas.

Propomos, neste último capítulo, uma discussão entre a teoria e a prática, a fim de discutir o que os conceitos advindos da reflexão saussuriana podem dizer acerca do modo como os estudantes operam com a língua durante o processo de soletração.

Para tanto, faz-se necessário caracterizarmos metodologicamente nossa pesquisa e (re)contextualizarmos o objeto de nossa investigação, para, então, chegarmos à análise.

Dessa forma, este capítulo está organizado em três seções. A primeira trata dos processos metodológicos concernentes ao *corpus* de pesquisa, bem como da contextualização do nosso objeto de investigação. A segunda seção versa sobre os procedimentos e as categorias selecionadas para a análise, seguidos da descrição de seus elementos, constantes nas subseções. E a última busca apontar os desdobramentos da análise.

4.1 CARACTERIZAÇÃO METODOLÓGICA E O CONTEXTO DE PESQUISA

Para apresentar o *corpus* de pesquisa e a metodologia utilizada para o levantamento dos dados, retomemos as indagações que circundam esta investigação. É preciso atribuir sentido a uma palavra para poder segmentá-la? Soletrar é decorar? A soletração, vista comumente como um processo mecânico, pode contribuir para a construção do sentido das palavras?

Tendo como questão hipotética o fato de haver necessidade de se atribuir sentido a uma palavra para poder segmentá-la, buscamos em Saussure o embasamento teórico de que necessitamos para confirmar ou refutar tal hipótese. Dessa forma, a pesquisa aqui apresentada caracteriza-se, quanto aos seus

¹² Quando usamos o termo “fenômeno” estamos nos referindo a uma situação pontual manifestada na vocalização dos estudantes, que coloca em evidência um conceito saussuriano.

procedimentos, como *bibliográfica*, uma vez que foi “elaborada a partir de material já publicado, [...] com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 54). Os estudos que realizamos por meio de livros, artigos científicos, revistas, publicações em periódicos, dissertações e teses nos permitem caracterizar esta investigação de tal maneira.

Além disso, por tratar-se de uma pesquisa que parte da análise das imagens de um Concurso de Soletração, podemos classificá-la, quanto aos seus objetivos, como *exploratória*. Para auxiliar na definição, Prodanov e Freitas (2013) explicam que esse tipo de pesquisa tem como finalidade facilitar a delimitação do tema, orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto. Esse tipo de pesquisa envolve levantamento bibliográfico e análise de exemplos que estimulam a compreensão.

E, por fim, sobre o ponto de vista da abordagem do problema, esta pesquisa caracteriza-se como *qualitativa*. Tal caracterização está embasada no fato de os dados coletados serem descritivos, retratando o maior número possível de elementos existentes na realidade estudada. Esse tipo de pesquisa não utiliza dados estatísticos como centro do processo de análise, não tendo, portanto, a prioridade de numerar ou medir unidades (PRODANOV; FREITAS, 2013).

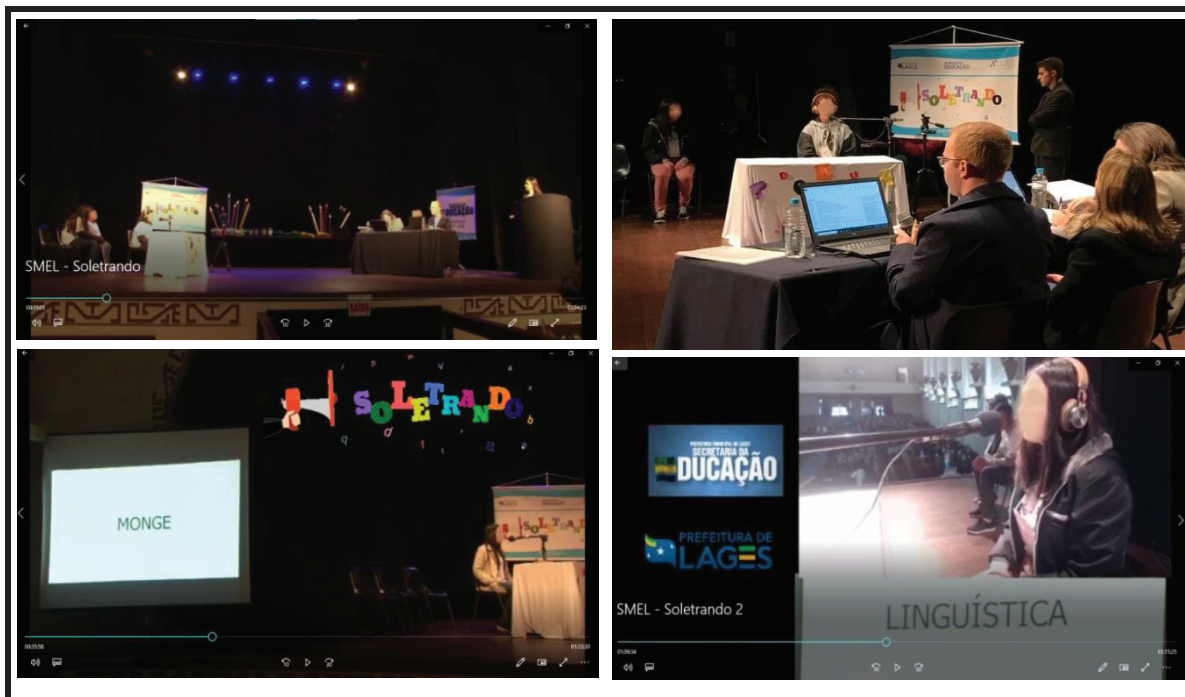
Feita a caracterização desta pesquisa, voltemos o olhar ao nosso objeto de estudo, o Concurso de Soletração, cuja perspectiva de análise gira em torno dos aspectos linguísticos da vocalização de palavras segmentadas, dentro do escopo da teoria saussuriana, como já afirmamos desde o início deste trabalho.

O concurso *Soletrando* ocorreu no ano de 2019, no município de Lages/SC, e envolveu estudantes de 6º a 9º ano do Ensino Fundamental. A competição iniciou no mês de abril, do referido ano, e findou-se no mês de agosto. No entanto, nossa pesquisa baseia-se na etapa final, ocorrida no dia 14 de agosto de 2019, que abrangeu trinta e oito estudantes da rede municipal de ensino, divididos em duas categorias (6º/7º e 8º/9º). Os detalhes da competição já foram descritos no item 2.4 deste trabalho; todavia, importa reforçar que o material utilizado para nossa análise é composto pelos vídeos da transmissão desse evento, que estão disponíveis nas redes sociais da Prefeitura Municipal e da Secretaria de Educação de Lages/SC.

A etapa final do concurso ocorreu nos períodos matutino e vespertino. A categoria 1 (6º e 7º) disputou as primeiras colocações no período da manhã e a

categoria 2 (8º e 9º) no período da tarde. Temos, portanto, dois vídeos para a análise.

Seguem, abaixo, algumas imagens captadas dos vídeos e no dia do evento.



Disponível em: <https://www.facebook.com/350499325069580/videos/472273713607904>

Nosso material de análise consiste em quatro horas e quatorze minutos de gravação, e, por tratar-se de arquivo público, foi devidamente autorizado pelos responsáveis dos alunos participantes. De qualquer forma, descaracterizamos os rostos dos competidores em respeito a suas imagens.

Depois de classificada a nossa pesquisa e contextualizado o nosso objeto de investigação, passemos, na seção seguinte, aos procedimentos metodológicos e às categorias de análise.

4.2 CONSIDERAÇÕES PARA ANÁLISE

Esta pesquisa, que é de caráter bibliográfico (pela discussão teórica apresentada) e exploratório (pela análise de material audiovisual), traz como seu principal objetivo compreender a relação entre o processo de vocalização/soletração¹³ e a segmentação da palavra.

¹³ Em nosso trabalho, entendemos “vocalização” como expressão oral, de forma ampla; e “soletração” como expressão oral de palavras segmentadas, cuja utilização se refere, especificamente, ao concurso que é o nosso objeto de análise.

Por todo o percurso que traçamos até aqui, na busca de respostas às nossas inquietações, resta-nos apresentar o nosso *corpus* de pesquisa e discutir acerca dos fenômenos selecionados.

Por esse motivo, esta seção apresenta os procedimentos metodológicos escolhidos para contemplar os objetivos propostos e demonstrar a confirmação (ou não) da hipótese estabelecida para este estudo.

O procedimento utilizado para a análise das imagens foi, primeiramente, a seleção dos fenômenos linguísticos que importam para deslindar nossos questionamentos. Ambos os vídeos foram assistidos várias vezes até que tivéssemos uma lista dos flagrantes¹⁴, da qual selecionamos dezoito cenas para constituir este trabalho.

Posteriormente, criamos um quadro¹⁵ (Apêndice A) contendo a indicação de tempo do vídeo, nome do estudante, palavra soletrada e breve descrição do flagrante, com os possíveis conceitos linguísticos que circundam cada situação. Esse quadro seguia a lista anterior de flagrantes, portanto estava organizado pela ordem de soletração no vídeo.

Porém, julgando que ainda não havia ficado devidamente estabelecido quais conceitos predominavam em cada situação, criamos um segundo quadro (Apêndice B), agora agrupado por flagrantes, contemplando as seguintes informações: fenômeno e conceitos linguísticos, identificação do vídeo, tempo, nome do aluno, palavra, flagrante e forma soletrada.

Desse modo, entendemos como aspectos constitutivos das cenas observadas, a que chamamos de *fenômenos linguísticos*: a solicitação feita pelo aluno para repetição, significado ou aplicação na frase; a entonação de algumas palavras; a vocalização de determinados fonemas; a sequência das letras soletradas; a acentuação; e algumas intercorrências (sonoras e gestuais) durante a vocalização.

Nas subseções que seguem, traremos os flagrantes separadamente, ou seja, apresentaremos a descrição do fato e faremos as análises baseadas nas situações

¹⁴ Apropriamo-nos do conceito de “flagrante” a partir de Diedrich (2020). Contudo, operamos aqui com um deslocamento do termo, para melhor adequá-lo às situações de vocalização dos fenômenos linguísticos observados durante o Concurso de Soletração.

¹⁵ Destacamos que, nos quadros criados para elencar os flagrantes e os possíveis conceitos linguísticos, foram utilizados os nomes verdadeiros dos alunos, isso porque os vídeos da transmissão da final do concurso são arquivos públicos, estando disponíveis nas redes sociais da Prefeitura Municipal de Lages/SC e da Secretaria da Educação, como já dissemos.

em que as palavras foram soletradas, buscando os fenômenos predominantes. Serão dezoito flagrantes, intitulados e apresentados da seguinte maneira: 1- “*Pode repetir, por favor?*”: essa subseção busca analisar a solicitação de repetição da palavra feita pelos estudantes; 2- “*Aplicação na frase*”: visa refletir sobre as circunstâncias em que os alunos solicitaram tal recurso; 3- “*Portento?*”: busca discorrer sobre as situações nas quais os estudantes vocalizaram as palavras em tom de pergunta; 4- “*Definição, por favor!*”: pretende analisar acerca da solicitação do significado da palavra feita pelos alunos; 5- “*Leite[ij] quente[ij] dói o dente[ij]*¹⁶”: essa subseção busca refletir sobre a vocalização do fonema “e” no final das palavras; 6- “*U ou L, T ou D, AM ou ãO?*”: visa analisar a vocalização de fonemas semelhantes (ou idênticos) e suas respectivas representações; 7- “*Para bom entendedor...*”: pretende analisar a sequência de letras e fonemas vocalizada, no que tange à aplicação do princípio de linearidade; e, por fim, a subseção 8- “*Cáqui ou caqui?*”: visar discutir sobre questões referentes à acentuação, e, conseqüentemente, sobre a escuta e a vocalização da sílaba tônica.

Dessa forma, é possível que os elementos linguísticos se repitam, dadas as escolhas realizadas pelos estudantes. Assim, partiremos das situações elencadas para chegar à discussão da teoria.

Para melhor ilustrar os flagrantes que seguem, lembramos a dinâmica adotada para a soletração durante o concurso. A apresentadora lia a palavra sorteada e o aluno deveria, obrigatoriamente: pronunciar a palavra; soletrar pausadamente; e repetir a pronúncia, indicando que concluiu a soletração. Caso desejasse, antes de iniciar a soletração, o aluno poderia solicitar a repetição (por até duas vezes), a definição/significado da palavra e a aplicação em uma frase. A retomada dessa dinâmica é importante para que se compreendam as escolhas e as atitudes dos estudantes.

Destacamos, ainda, que as descrições feitas são a percepção da pesquisadora, buscando a maneira mais adequada de transpor tais flagrantes. Analisamos as ações com base nas nossas impressões, uma vez que é impossível saber o que cada estudante pensava, de fato, no momento da vocalização.

¹⁶ Importa informar o leitor que não fazemos uso da transcrição fonética — nem no referido título da subseção, tampouco no texto. Apenas reproduzimos o som vocalizado pela apresentadora e pelos alunos no momento da soletração.

Passemos, portanto, à descrição dos flagrantes selecionados, seguidos da análise dos fenômenos linguísticos na perspectiva da teoria saussuriana.

4.2.1 Pode repetir, por favor?

FLAGRANTE 01 – palavra sorteada para a soletração: *surdina*

Depois de ouvir a palavra pronunciada pela apresentadora, a aluna solicita: “*pode repetir?*”. Ao ouvir a repetição da palavra, ela movimenta os lábios, juntando as sílabas. Pronuncia a palavra e inicia a soletração S-U-, para e movimenta os lábios formando a sílaba “sur” e prossegue com a soletração: S-U-R-D-I-N-A, vocalizando corretamente.

Observamos que, ao solicitar a repetição da pronúncia da palavra, a aluna parece estar em busca da delimitação da unidade linguística. Enquanto ela ouve e movimenta os lábios, procurando, na escuta, reconhecer as letras e as sílabas, a percepção que temos é de que a solicitação de repetição não parece se dar por dificuldade na escuta da palavra, mas sim porque não reconhecia o signo vocalizado, uma vez que necessitou acompanhar a pronúncia para reconhecê-lo.

À vista disso, retomemos o que nos disse Saussure (2012) sobre a língua não ser um sistema de valores puros, deixando claro que é necessário considerar os dois elementos que estão envolvidos em seu funcionamento: as ideias e os sons. No caso em tela, acreditamos que a aluna teve dificuldade na delimitação da unidade, ou seja, de modo geral, no campo das ideias. Mesmo não realizando de forma consciente, a delimitação ocorre a partir da escuta, e compreende a apropriação da palavra, independente da sua formação fonética ou ortográfica. O que determina tal delimitação é o uso que o falante faz da língua e o modo como opera seus elementos. Por mais que esse fenômeno seja natural, sua ocorrência é complexa, ao que podemos ler no seguinte trecho:

Sem dúvida, os falantes não conhecem essas dificuldades; tudo o que for significativo num grau qualquer aparece-lhes como um elemento concreto, e eles o distinguem infalivelmente no discurso. Mas uma coisa é sentir esse jogo rápido e delicado de unidades, outra coisa é dar-se conta dele por meio de uma análise metódica (SAUSSURE, 2012, p. 151).

Imaginamos que a aluna ouviu todos os sons constituintes da palavra, mas solicitou a repetição para, a partir daí, delimitar a unidade linguística.

Ademais, importa mencionar que os alunos tiveram contato com todas as palavras sorteadas para soletração. Tal informação nos faz refletir sobre a existência ou não de uma ação mecânica envolvida nesse processo, considerando que a palavra selecionada não apresenta maiores dificuldades em relação à sua formação ortográfica ou fonética.

FLAGRANTE 02 – palavra sorteadas para a soletração: *fibromialgia*

Após ouvir a palavra a ser soletrada, a aluna solicita “*pode repetir a palavra, por favor?*”. Após a repetição, ela pergunta “*é fibromiolgia?*”, o juiz diz “*mais uma vez*” e repete a palavra. A aluna hesita, parecendo formar mentalmente a palavra, já que movimenta levemente os lábios. Em seguida, ela diz: “*ah, eu me confundi, eu tava com o fone e não escutei direito*”. O juiz repete pela última vez. Ela diz em tom de pergunta “*fibromiolgia?*”. Não obtendo resposta, ela então inicia, vocalizando “*fibromiolgia*”; soletra F-I-B-R-O-M-O-G-I-O e diz “*fibromolgia*”.

Esse flagrante deixa ainda mais clara a ideia de que é necessário delimitar as unidades linguísticas para que se chegue à significação. É muito perceptível que a aluna estava diante de uma massa amorfa de som, que podemos comparar a um idioma que não dominamos, assim como “quando ouvimos uma língua desconhecida, da qual somos incapazes de dizer como a sequência de sons deve ser analisada; é que essa análise se torna impossível se levarmos em conta somente o aspecto fônico do fenômeno linguístico” (SAUSSURE, 2012, p. 148). A partir dessa ideia, reforçamos o que já trouxemos na seção destinada à delimitação das unidades linguísticas, que é por meio daquilo que o falante reconhece com uma carga de significação dentro de uma dada língua que será considerada como unidade (SORTICA, 2016).

Percebemos, então, que a palavra vocalizada pela aluna parece, além de desconhecida, não fazer nenhum sentido para ela, sendo impossível que ela pudesse delimitar as unidades linguísticas para poder segmentá-la, pois, como bem dito por Saussure (2004, p. 44) “no instante em que o signo perde a totalidade de suas significações, ele nada mais é do que uma figura vocal”.

4.2.2 Aplicação na frase

FLAGRANTE 03 – palavra: *prole*

A apresentadora lê a palavra sorteada e a aluna solicita: “*pode repetir?*”. Um dos juízes pronuncia e ela diz: “*repete de novo, por favor?*”. Ao ouvir a repetição, a aluna sussurra o que compreendeu da pronúncia, e diz: “*aplicação na frase*”. O juiz lê a frase (*Restando uma filha casada, cuja prole, porém, estava reduzida a um filho.*), então ela vocaliza corretamente e soletra P-R-Ó-L-E (com acento).

Ao analisarmos essa situação, lembramos, primeiramente, do caráter arbitrário do significante, tendo em vista que o termo *prole* designa algo tão comum na nossa língua, ao mesmo passo que sua utilização é tão incomum entre os sujeitos falantes, sobretudo crianças e adolescentes; ou seja, o emprego da palavra pode ser recorrente na escrita, todavia é inabitual na linguagem cotidiana falada.

Retomemos, então, a questão do arbitrário, que, uma vez compreendido que é dentro do próprio signo que a arbitrariedade se justifica, podemos depreender que é arbitrário que o significante se junte ao significado, e não o signo ao objeto referente ao mundo extralinguístico (FRYDRYCH, 2013). Assim, a relação que constitui o signo linguístico é cultural, e, por isso, arbitrária. A partir dessas afirmações, podemos considerar, ainda, que a arbitrariedade está relacionada ao valor linguístico, e que deste demanda o processo de atribuição de sentido.

Quando a aluna solicita a aplicação da palavra na frase, é muito provável que ela esteja em busca do valor do signo, para que possa delimitar a unidade linguística e consiga segmentá-la. Como, nesse caso, a palavra sorteada fazia parte de um conto, nossa percepção é de que a aluna necessitava de um contexto para poder compreender, pois o que determina a significação é a relação do signo com outros signos. Para Barbisan (2017, p.166) “o valor de um signo é um conceito que se define negativamente por sua relação com outro signo”, por isso acreditamos que solicitar o emprego da palavra em uma frase tenha sido a maneira mais explícita de relacionar um signo linguístico a outros.

FLAGRANTE 04 – palavra: *trôpego*

Depois de ouvir a palavra sorteada, a aluna pede: “*pode repetir?*”. Ouve

atenta a repetição, parece pensar, por alguns segundos, e diz: “*a palavra numa frase*”. Um dos juízes lê “*Um tanto trôpego, com o lenço de alcobaça na mão*”. Após ouvir a frase, ela fica em silêncio por mais alguns segundos, com o olhar voltado para baixo, e, em seguida, olha para frente e vocaliza de forma segura e correta: T-R-Ô-P-E-G-O.

Na mesma ideia da análise do flagrante anterior, acreditamos que, por tratar-se de uma palavra que foi extraída de um conto, a aluna solicitou a aplicação em uma frase para contrapô-la aos demais signos, trazendo, assim, um sentido àquilo que seria vocalizado.

Saussure (2012, p. 177) disse que “via de regra, não falamos por signos isolados, mas por grupos de signos, por massas organizadas, que são elas próprias signos. Na língua, tudo se reduz a diferenças, mas tudo se reduz também a agrupamentos”. Tal citação corrobora o fato de imaginarmos que a solicitação de uma frase em que a palavra estivesse empregada seria recurso de extrema importância para facilitar a vocalização. Contudo, entendemos que a frase lida pelo juiz, a nosso ver, não colaborou para que a aluna compreendesse, de fato, a sua significação. Não ignoramos o fato, porém, de que a palavra foi extraída de um conto (previamente apresentado aos alunos), cuja frase foi retirada na íntegra. Acreditamos, nesse ínterim, que a frase lida deveria ser a única ocorrência da palavra no conto, o que, de qualquer forma, supomos, não facilitou para que a aluna relacionasse a imagem acústica ao conceito.

Para reforçar essa ideia, retomamos a relação entre significado e significante, destacando que a imagem acústica e o conceito, que formam o signo linguístico, por si sós não produzem efeito. É necessário opor o signo a outros para se obter o sentido, haja vista que o valor do signo linguístico parte de um processo de negatividade, no qual “sua característica mais exata é ser o que os outros não são” (SAUSSURE, 2012, p. 164).

4.2.3 Portento?

FLAGRANTE 05 – palavra: *portento*

O aluno solicita: “*pode repetir?*”. Ao ouvir a repetição, ele pronuncia a palavra

em tom de pergunta: *portento?* Não tendo resposta, ele inicia a vocalização e o faz corretamente: P-O-R-T-E-N-T-O.

FLAGRANTE 06 – palavra: *ocasião*

Depois de ouvir a palavra sorteada, a aluna pergunta: “*ocasião?*”. Em seguida, ela vocaliza a palavra e inicia a soletração: O-C-A-, nesse instante ela para, hesita e pergunta: “*posso repetir?*”. Ela, então, reinicia, soletrando: O-C-A-Z-I-Ã-O.

Ambos os flagrantes descritos revelam um pedido de confirmação da palavra por parte dos estudantes. Embora eles soubessem que era possível solicitar aos juízes a repetição da palavra, caso necessitassem da confirmação ou não ouvissem de forma inteligível, os dois alunos vocalizaram as palavras em tom de pergunta, o que demonstra não estarem totalmente seguros para vocalizar e/ou segmentar as palavras.

Observamos também que, apesar de o primeiro aluno solicitar a repetição da palavra (e a segunda aluna não), ambos já haviam delimitado as unidades linguísticas no momento em que a apresentadora leu as palavras sorteadas, pois o sujeito falante identifica as entidades linguísticas e delimita as unidades de forma natural.

A esse respeito, suscitamos, mais uma vez, as relações imbricadas na existência do signo linguístico, que é uma entidade psíquica de duas faces, formada pelo significante e pelo significado, ou seja, uma imagem acústica e um conceito, que são unidos por um vínculo de associação em nosso cérebro (SAUSSURE, 2012). Dessa forma, importa ressaltar que a imagem acústica é a impressão psíquica do som, enquanto o fonema é a soma dos movimentos articulatórios e das impressões acústicas, configurando-se uma unidade complexa.

Nos casos em tela, ambos os alunos já tinham, aparentemente, se apropriado da imagem acústica; e, mesmo que a aluna do flagrante 06 tivesse vocalizado “z” no lugar de “s”, não impediu que ela já tivesse bem definidos conceito e imagem acústica para segmentar a palavra sorteada.

Observamos que o fonema vocalizado pela aluna, na palavra “ocasião”, estava correto; não estava, entretanto, adequado à convenção da escrita, à qual o concurso buscava. Conforme Saussure (2012, p. 58-59):

[...] conquanto a escrita seja, por si, estranha ao sistema interno, é impossível fazer abstração de um processo por via do qual a língua é ininterruptamente representada; cumpre conhecer a utilidade, os defeitos e os inconvenientes de tal processo.

Reconhecemos que muitos são os inconvenientes encontrados no processo da escrita. O fato de termos letras diferentes que representam o mesmo fonema é um deles. Na visão de Saussure (2012, p. 62-63) “seria demasiado extenso enumerar as incoerências da escrita. Uma das mais deploráveis é a multiplicidade de signos para representar um mesmo som”. Para o concurso, a aluna foi desclassificada; mas sabemos que, no campo da fala, sua vocalização foi completamente adequada.

4.2.4 Definição, por favor!

FLAGRANTE 07 – palavra: *mexe*

Após lida a palavra pela apresentadora, a aluna pergunta: “*mexe?*”, e diz, em seguida: “*definição, por favor?*”. O juiz lê (*mexe: forma flexionada do verbo mexer; sinônimo de movimentar*), ela balança a cabeça afirmativamente e vocaliza de forma correta: M-E-X-E.

Iniciemos a análise desse flagrante reforçando as palavras de Saussure (2012) ao dizer que a entidade linguística não está completamente determinada enquanto não esteja delimitada, separada de tudo o que a rodeia na cadeia fônica.

Por se tratar de uma forma verbal flexionada, é natural que haja dúvida no momento de se delimitar a unidade linguística. A aluna solicitou a definição da palavra, porém, bem sabemos que, para esse caso, mais adequado seria ter solicitado a “aplicação na frase”. Não podemos afirmar que essa era a intenção da aluna; contudo, as escolhas feitas por ela revelam que houve a adequada delimitação da unidade linguística, vocalizando e segmentando a palavra corretamente.

Além disso, podemos observar que a definição lida pelo juiz foi pouco eficaz para se compreender a real forma da palavra flexionada. Consideramos que a

informação de “forma flexionada na terceira pessoa do singular do verbo mexer” seria mais adequada, nesse caso.

FLAGRANTE 08 – palavra: *enchem*

Ao ouvir a palavra, a aluna vocaliza corretamente “*enchem*”, porém, faz uma pequena pausa e solicita: “*significado*”. O juiz lê “*forma flexionada do verbo encher*”. Depois de ouvir a definição, ela vocaliza “*enche*” e inicia a soletração E-N-C-H-E, pronunciando da mesma forma ao final.

Nesse flagrante, observamos uma situação muito semelhante à anterior. A forma verbal flexionada causa dúvida por estar descontextualizada (no momento da soletração). Contudo, podemos perceber que a aluna compreendeu e vocalizou corretamente, no primeiro momento; mas, em seguida, ficou em dúvida, fazendo uma escolha inadequada em relação ao recurso que poderia auxiliá-la. Caso tivesse solicitado a “aplicação na frase”, o encadeamento entre as palavras traria a resposta de que necessitava, pois “o que importa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra de todas as outras, pois são elas que levam à significação” (SAUSSURE, 2012, p. 165). A delimitação foi recortada a partir da escuta, demonstrando que a desinência número pessoal ficou prejudicada pela falta de relação com outras palavras.

Além disso, podemos perceber que a aluna mudou a pronúncia ao ouvir a definição da palavra; talvez pela leitura do termo “flexionada”, feita pelo juiz, ela tenha imaginado ser mais adequado utilizar o singular ao invés do plural (o que é perfeitamente compreensível, já que tanto “mexe”, quanto “mexem” são formas flexionadas do verbo encher).

Acreditamos que, nessa possibilidade, ela tenha empregado um princípio de analogia, considerando a forma verbal no singular mais adequada nos casos de palavras isoladas. Lembramos que, segundo Saussure (2012) a analogia supõe um modelo e sua imitação regular, uma forma feita à imagem de outra. Presumimos que a aluna tenha sido levada a mudar do plural para o singular numa ideia análoga a outras combinações que usa em situações de fala, por exemplo: “*A gente mexe no celular*”; ou ainda, numa construção deveras inadequada, porém possível: “*Eles mexe no celular*”, talvez.

4.2.5 “Leite[i] quente[i] dói o dente[i]”

FLAGRANTE 09 – palavra: *banquete*

A apresentadora diz: “*soletre[i] pausadamente[i] a palavra banquete[e]*”. O aluno pronuncia a palavra sorteada da mesma forma, “*banquete[e]*”, e vocaliza B-A-N-Q-U-E-T-E[e], pronunciando, ao final, “*banquete[i]*”.

FLAGRANTE 10 – palavra: *oscilante*

A apresentadora diz: “*a palavra é ‘oscilante[e]*”. A aluna solicita: “*pode repetir?*”. Ao ouvir pela segunda vez, ela parece pensar por alguns segundos e, em seguida, vocaliza “*oscilante[i]*”, soletrando corretamente O-S-C-I-L-A-N-T-E[e] e repetindo ao final “*oscilante[i]*”.

Em ambos os flagrantes, percebemos que a apresentadora pronunciou o “e” final das palavras de forma bem marcada, mesmo que, na região onde se passa o concurso (Lages/SC), o mais comum seja a pronúncia do “e” final com som de [i]. Acreditamos que tal escolha fonética seja uma tentativa de evitar alguma dúvida em relação à pronúncia; mas que chama a atenção, porque, se o comum, naquele local, é vocalizar com som final de [i], seria previsível que os estudantes não tivessem qualquer embaraço. Lembremos do princípio da arbitrariedade do signo, que carrega certa expressividade natural, ou seja, “[...] todo meio de expressão aceito numa sociedade repousa em princípio num hábito coletivo ou, o que vem a dar na mesma, na convenção” (SAUSSURE, 2012, p. 108). Assim, não é o valor intrínseco das letras “e” ou “i” que faz com que os falantes pronunciem de uma dada maneira, mas sim a regra cultural e coletiva advinda da arbitrariedade.

Contudo, podemos observar que, embora a escuta fosse de um som não muito comum, para aquelas palavras, os dois estudantes delimitaram a unidade linguística na forma de sua prática como falante, não importando a maneira como foi vocalizada pela apresentadora. Isso mostra o quanto os estudantes reconhecem a presença do fenômeno da arbitrariedade na escrita. Para Saussure (2012, p. 64) “o que fixa a pronúncia de uma palavra não é a sua ortografia, mas sua história”.

Fazemos essas observações com base na pronúncia final da palavra, no momento em que o aluno precisa vocalizar a palavra indicando que concluiu a

soletração, sabendo ele que, nesse instante, não estaria sendo avaliado som a som, como na palavra segmentada que acabara de vocalizar.

Reforçamos, assim, que a imagem acústica não se confunde com o fonema; a primeira trata-se da impressão psíquica do som, enquanto o segundo une o movimento articulatorio e a impressão acústica, configurando-se uma unidade complexa. Esse conceito fica bastante claro nos flagrantes selecionados, uma vez que os alunos ouvem e reconhecem determinado fonema, porém vocalizam de forma diferente porque a imagem acústica já está, para eles, internalizada, independente da escuta.

Saussure (2012, p. 106) esclarece que “com falar de sons e de sílabas de uma palavra, evita-se o mal-entendido, desde que nos recordemos tratar-se de imagem acústica”. Parece-nos que foi isso que ocorreu nos flagrantes descritos, os estudantes levaram em conta a percepção imaterial do som, vocalizando da forma usual, pois é essa que faz sentido.

4.2.6 U ou L, T ou D, AM ou ÃO?

FLAGRANTE 11 – palavra: *calva*

Depois de ouvir a palavra soletrada, a aluna solicita: “*pode repetir?*”. Enquanto ouve a repetição, ela movimenta os lábios, acompanhando os sons. Ela, então, vocaliza de acordo com a convenção escrita, mas soletra C-A-U-V-A.

FLAGRANTE 12 – palavra: *fatigados*

A aluna vocaliza corretamente, com som de “t”, antes e após a soletração; porém soletra F-A-D-I-G-A-D-O-S.

FLAGRANTE 13 – palavra: *dançam*

Após ouvir a palavra, a aluna já inicia a vocalização: D-A-N-Ç-Ã-O; e finaliza com a pronúncia esperada.

Nas três ocorrências, percebemos a troca de letras durante a segmentação das palavras, em razão da proximidade ou coincidência de sons. Esse fenômeno, bastante comum, justifica-se porque “a unidade da palavra não é constituída apenas

pelo conjunto de seus fonemas; depende de outras características além de sua qualidade material” (SAUSSURE, 2012, p. 137).

No flagrante 11, a aluna chega a solicitar a repetição da palavra — calva —, o que não deixa claro se a sua dúvida foi por não ouvir muito bem, por desconhecer a palavra ou por ficar em dúvida em algum fonema (podendo ser a letra que ela escolheu para representar o som que ouviu, ou em razão de a palavra estar flexionada no gênero feminino).

O que fica claro, porém, é que na fala pouco importa se a palavra é com “u” ou “l”, porque essas são marcas da escrita. Contudo, a proposta do concurso é justamente esta, vocalizar os elementos que são próprios da representação gráfica convencional. Assim, buscamos, mais uma vez, em Saussure (2012) o esclarecimento de que língua e escrita são dois sistemas distintos de signos; e que a única razão de ser do segundo é representar o primeiro. O objeto linguístico não se define pela combinação da palavra escrita e da palavra falada; esta última, por si só, constitui tal objeto. Mas a palavra escrita se mistura tão intimamente com a palavra falada, da qual é a imagem, que acaba por usurpar-lhe o papel principal; terminamos por dar maior importância à representação do signo vocal do que ao próprio signo.

No flagrante 12, chama a atenção o fato de a aluna ter vocalizado adequadamente, antes e após a soletração, mas ter segmentado “fadigados”.

Por um princípio de analogia, não é estranho que aluna considere essa forma mais adequada, já que a palavra que deu origem a esse termo é “fadiga” (e não fátiga). Recordemos que a analogia se trata de um fenômeno de criação, uma vez que parte de um modelo pré-determinado na língua, conforme disse Saussure (2004, p. 139) “o *fenômeno de analogia* [é] o fenômeno de transformação inteligente”. A convenção escrita bem poderia ter optado por registrar ‘fadigados’ e não ‘fátigados’.

Por fim, no flagrante 13, observamos que a aluna ouviu perfeitamente e não tinha dúvidas quanto à sequência a ser soletrada: “danção”.

Lembremos que “o ‘som’ [...], longe de ser tomado apenas no seu aspecto de produção, é considerado também pelos efeitos que provoca a partir da ‘impressão acústica’, perceptível ao ouvinte” (MILANO; STAWINSKI; GOMES, 2016, p. 95). Tal afirmação demonstra que a aluna já havia se apropriado, por meio da impressão acústica, da desinênciã “ão”, no lugar de “am”, o que comprova que a soletração, nesse caso, não pode ser considerada como um processo mecânico; se fosse, a

aluna não teria imposto a sua percepção fônica ao vocalizar a palavra de forma segmentada.

4.2.7. Para bom entendedor...

FLAGRANTE 14 – palavra: *psicólogo*

A apresentadora lê a palavra, a aluna vocaliza corretamente, porém soletra: P-S-I-L-O-G-O. Ao repetir a palavra ao final, ela inicia com um tom de voz alto e vai diminuindo ao pronunciar as sílabas.

Observamos, nesse flagrante (assim como nos dois próximos), o princípio da linearidade do signo sendo “afetado”.

Ao vocalizar a palavra de forma correta, observamos que a aluna não teve dificuldade em recortar a unidade linguística. Contudo, no momento em que ela inicia a segmentação, percebemos que uma sílaba da palavra não é vocalizada. Ela conclui a soletração sem notar (ao menos é a nossa impressão), porém, ao vocalizar a palavra ao final, ela percebe que pronunciou muitas letras, sendo que durante a soletração a palavra parecia mais “curta”, por isso foi diminuindo o tom de voz.

Observamos, portanto, durante a vocalização da palavra segmentada, a linearidade afetada pela ocorrência de metaplasmo por supressão. Para Saussure (2012), o princípio da linearidade está baseado na ideia de o significante (sendo de natureza auditiva) desenvolver-se no tempo, unicamente, e ter as características que toma do tempo: a representação de uma extensão e essa extensão mensurável numa só dimensão: uma linha.

Tomada a sequência “psilogo”, no lugar de “psicólogo”, entendemos que a linearidade do significante foi prejudicada em razão da supressão da sílaba tônica da palavra.

FLAGRANTE 15 – palavra: *luminoso*

Depois de ouvir a palavra, o aluno vocaliza corretamente, mas soletra: L-U-M-I-N-O-S-A. Assim que ele pronuncia a letra “a”, ele balança a cabeça negativamente, percebendo o equívoco. Ele, então, pergunta: “*posso repetir?*”, porém é avisado pelo juiz que não seria possível alterar as letras já vocalizadas.

Assim como no flagrante anterior, observamos uma ruptura na linearidade da vocalização, porém, nesse caso, advinda da delimitação da unidade em relação à desinência de gênero.

O aluno apropriou-se adequadamente do conceito e da imagem acústica, no entanto, ao vocalizar de forma segmentada, o caráter linear do significante foi prejudicado, ao que ele observou no mesmo momento, já que “é na cadeia da fala ouvida que se pode perceber imediatamente se um som permanece ou não igual a si próprio [...]” (SAUSSURE, 2012, p. 76).

Sabemos que a palavra “luminosa”, vocalizada pelo aluno, existe no sistema da língua, não se tratando de mera figura vocal, como no caso de “psilogo”. Contudo, percebemos, pela reação do aluno, que a vocalização da letra “a” final não era o que ele pretendia pronunciar, causando uma quebra na linearidade e comprometendo o que se esperava da segmentação.

FLAGRANTE 16 – palavra: *represadas*

Ao ouvir a palavra, a aluna solicita: “*pode repetir, por favor?*”. Ela, então, vocaliza e repete corretamente, mas soletra R-E-P-R-E-S-A-D-A-R-.

Para analisarmos esse flagrante, partimos da afirmação trazida por Saussure (2012, p. 75), de que “o dado acústico existe já inconscientemente quando se abordam as unidades fonológicas [...]”. A partir disso, podemos pressupor que a aluna trocou a letra “s” pela letra “r” porque é mais comum que as palavras descontextualizadas não estejam flexionadas. Poderíamos dizer, então, que o conceito linguístico presente nesse flagrante seria a analogia, considerando que existe “represar” e que a aluna teria recortado a unidade a partir desse termo.

Talvez sim. Mas se levarmos em consideração o fato de ela ter vocalizado, antes e após a segmentação, a forma esperada, partiríamos, mais uma vez, para o princípio da linearidade, como dissemos nos flagrantes anteriores. Para Saussure (2012, p. 110), “o significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) *representa uma extensão*, e b) *essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha*”; no flagrante apresentado, vislumbramos que a extensão representada pelo significante compareceu nas duas vezes em que a aluna vocalizou a palavra, mas não se aplicou durante a sua segmentação, afetando, assim, a linearidade esperada.

4.2.8. Cáqui ou caqui?

FLAGRANTE 17 – palavra: *pênalti*

Após ouvir a palavra sorteada, o aluno inicia a soletração: P-E-N-Â-L-T-I; concluindo, vocaliza conforme as convenções de escrita.

FLAGRANTE 18 – palavra: *cáqui*

Ao ouvir a palavra sorteada, a aluna solicita: “*pode repetir?*”. Após o juiz repetir, ela vocaliza “caqui”, soletrando: C-A-Q-U-I e repetindo ao final “caqui”.

Nos flagrantes 17 e 18, observamos que as inadequações realizadas pelos alunos dizem respeito à acentuação (à sílaba tônica, conseqüentemente). Poderíamos pontuar nesses flagrantes — e em todos os outros já apresentados — a questão psicológica envolvida numa competição como essa. A esse respeito, fazemos duas ponderações. A primeira é de que esclarecemos logo nas primeiras páginas deste trabalho que não nos deteríamos a analisar esses aspectos, e assim o fizemos, mesmo sabendo que a maioria dos participantes estava com o nervosismo aflorado. A segunda ponderação (e a mais importante) vem dos ensinamentos de Saussure (2012, p. 38), que nos diz que “na realidade, tudo é psicológico na língua, inclusive suas manifestações materiais e mecânicas, como a troca de sons [...]”, ou seja, tudo que é concreto na língua parte de uma abstração.

Dadas essas observações, passemos a analisar os dois flagrantes descritos nesta subseção. No primeiro caso, podemos afirmar que o aluno sabia da ocorrência do acento circunflexo, mas pareceu não estar certo sobre qual letra deveria indicar. O aluno não conseguiu delimitar a sílaba tônica, porém a vocalização já estava estabelecida como imagem acústica.

No segundo caso, a aluna delimitou a unidade linguística, baseada, porém, em outro signo linguístico: caqui (fruta); sendo que a perspectiva de vocalização e soletração era de “cáqui” (cor).

Logo, em ambos os casos, podemos dizer que os alunos identificaram a ocorrência de uma sílaba tônica, o que, nas palavras do mestre genebrino poderia traduzir-se em: “o ouvido percebe, em toda cadeia falada, a divisão em sílabas, e em toda sílaba uma soante” (SAUSSURE, 2012, p. 96). Contudo, o que não ocorreu foi a correta delimitação dessa sílaba no momento da segmentação, fazendo com que o

primeiro aluno, mesmo vocalizando da forma esperada, não identificasse sobre qual letra deveria atribuir o acento; e a segunda aluna delimitasse a unidade linguística a partir de outro signo, pelo deslocamento da sílaba tônica.

4.3 DISCUSSÃO DA ANÁLISE

Diante dos flagrantes expostos e analisados, cumpre trazermos uma breve discussão antes de passarmos às considerações finais.

Buscamos demonstrar, neste capítulo, algumas situações do Concurso de Soletração que melhor demonstrassem a razão de esta pesquisa existir. Mas não só isso. Buscamos, antes de tudo, compreender os fenômenos linguísticos presentes nessa competição, que se traduzia pela vocalização de palavras segmentadas. Para isso, procuramos apoio teórico em Saussure, considerando a sua importante contribuição para os estudos linguísticos.

Desse modo, queremos enfatizar que os flagrantes trazidos para essa análise foram selecionados com base na (aparente) predominância de determinados fenômenos linguísticos, o que não significa que não houvesse tantos outros flagrantes merecedores de serem analisados.

Outro aspecto que deve ser mencionado neste espaço é o fato de não nos voltarmos à correção ou incorreção, de acordo com as regras gramaticais, das palavras vocalizadas. Quando trouxemos essas referências foi com o intuito de enriquecer a descrição do flagrante, ou de demarcar o ponto de análise dos elementos da língua, e não de julgar o nível de aprendizagem dos estudantes. Por esse motivo, não trazemos à baila em quais categorias (6º/7º; 8º/9º) ou níveis (palavras fáceis, intermediárias ou difíceis, conforme Anexo B) houve mais erros ou acertos.

Tão relevante quanto esses aspectos, é reforçarmos que, também, não nos detivemos aos aspectos psicológicos envolvidos nesse processo. Se os mencionamos, em algumas ocorrências, foi no sentido de elucidarmos algumas escolhas feitas pelos alunos, sem analisarmos em sua essência. Contudo, não desconsideramos esse fator, pois sabemos que, embora tudo na língua seja psicológico, a ansiedade e o nervosismo podem provocar inúmeras reações. Trata-se de uma competição, evento que, por si só, produz ansiedade nos participantes.

Importa ainda ressaltar que buscamos explicitar o fenômeno linguístico predominante em cada caso, bem como os conceitos saussurianos que a eles se relacionam, sabendo que vários outros poderiam estar imbricados em cada situação.

Dito isso, queremos refletir sobre o panorama geral dos flagrantes descritos e evocar as palavras de Saussure (2012, p. 226) ao dizer que “nada entra na língua sem ter sido antes experimentado na fala, e todos os fenômenos evolutivos têm sua raiz na esfera do indivíduo”. A escrita só existe porque existe língua, porque existe fala. O concurso de soletração, mesmo baseado na escrita, faz lembrar de que tudo o que foi escrito, foi um dia falado.

Além disso, outro aspecto verdadeiramente importante é a posição desse sujeito falante na língua, aquele que vocaliza (sendo palavras segmentadas ou não), de forma que “[...] só EXISTE linguisticamente o que é percebido pela consciência, ou seja, o que é ou se torna signo” (SAUSSURE, 2004, p. 44).

Nessa perspectiva, bem sabemos que para ser signo é necessário que haja um significado aliado a um significante, ou seja, conceito atrelado a uma imagem acústica. O que seria isso senão o sentido? Ademais, se é signo é porque possui valor, o que pode ser comprovado ao se delimitar as unidades linguísticas. É, portanto, “o sentido [que] autoriza a delimitação” (SAUSSURE, 2012, p. 149). Ora, novamente ele, o *sentido*.

Posto isso, retomemos as indagações que norteiam esta pesquisa: É preciso atribuir sentido a uma palavra para poder segmentá-la? Soletrar é decorar? A soletração, vista comumente como um processo mecânico, pode contribuir para a construção do sentido das palavras?

Nos flagrantes trazidos, observamos que os alunos solicitaram, por diversas vezes, a repetição da palavra. Imaginamos que, nesse momento, muitos deles estariam em busca da delimitação da unidade linguística, ou seja, do sentido. Mas não apenas nesse momento. Podemos destacar, ainda, as situações em que os alunos movimentavam os lábios, ou a cabeça, nos fazendo pensar que essas atitudes remetem ao fato de estarem se apropriando de um sentido, isto é, relacionando o significado ao significante. Como, por exemplo, no recorte dos seguintes flagrantes: 01- “*Depois de ouvir a palavra pronunciada pela apresentadora, a aluna solicita: ‘pode repetir?’*. Ao ouvir a repetição da palavra, ela movimenta os lábios, juntando as sílabas”; 11- “*Depois de ouvir a palavra soletrada,*

a aluna solicita: ‘pode repetir?’. Enquanto ouve a repetição, ela movimenta os lábios acompanhando os sons’.

Além disso, podemos também afirmar, com base nos flagrantes analisados, que soletrar não é decorar. Se fosse, não teríamos equívocos durante a segmentação das palavras, afinal elas já estariam memorizadas conforme as regras gramaticais. Retomando o flagrante 13, no qual a aluna vocaliza a palavra “dançam” e soletra “D-A-N-Ç-Ã-O”, vemos claramente a interferência de um signo já internalizado e que nada apresenta de caráter mecânico, tendo em vista a segmentação de uma palavra baseada na similaridade de sons, ou seja, a aluna soletrou conforme a escuta, não como “decorou”.

Outro aspecto a ser considerado, ao questionarmos se a soletração poderia contribuir para a construção de sentido das palavras, mesmo considerada como um processo mecânico, é o fato de os estudantes solicitarem, em alguns flagrantes, a definição da palavra. Observamos que essa atitude revela a importância de se compreender a carga significativa que cada palavra carrega, para, então, poder vocalizá-la e, posteriormente, segmentá-la. Confirmamos, mais uma vez, que a soletração ultrapassa a mecanicidade, pois, se assim fosse, não haveria razão para os alunos solicitarem o significado, como ilustramos nos flagrantes 07 e 08, em que as alunas solicitam: “*definição, por favor*” e “*significado*”.

Essas reflexões corroboram o fato de que os alunos, ao vocalizarem as palavras segmentadas, levaram em consideração não somente os sons das palavras, mas também as ideias que elas representam. Isso significa que, no caso do nosso objeto de pesquisa — o Concurso *Soletrando* — a vocalização das palavras segmentadas parece externalizar a apropriação de um sentido revestido pelos signos, e não uma mera representação de figuras vocais.

Reforçamos que tratamos aqui de um concurso específico, no qual acompanhamos todas as etapas, e elegemos a ‘final’ para compor o *corpus* de pesquisa deste trabalho. Não estamos tratando da soletração em sentido amplo, em toda e qualquer aplicação, mas sim dos flagrantes apresentados neste capítulo.

Em remate, dizemos que, nas situações apresentadas, pareceu-nos que os alunos estavam em busca de um sentido para poder segmentar as palavras. A partir do recorte da unidade, buscavam-no em sua consciência num processo natural. Acreditamos, portanto, que a busca do sentido permeou todo o processo de vocalização, no qual os estudantes delimitavam as unidades linguísticas, por meio

da escuta, e, assim, aliavam os sons às ideias. Desse modo, finalizamos com as palavras de Saussure (2012, p. 47) ao dizer que “a língua é um sistema de signos que exprimem ideias”; o que nos faz pensar que ocorra da mesma forma com as palavras segmentadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho surgiu a partir da realização de um Concurso de Soletração – *Soletrando* – ocorrido no município de Lages/SC. Ao cursar uma das disciplinas do Mestrado, as ideias de Saussure vieram ao encontro de alguns fenômenos que se revelavam durante a vocalização dos estudantes.

A partir daí, surgiram as inquietações que mobilizaram esta pesquisa: É preciso atribuir sentido a uma palavra para poder segmentá-la? Soletrar é decorar? A soletração, vista comumente como um processo mecânico, pode contribuir para a construção do sentido das palavras?

Numa tentativa de resposta a essas indagações, apresentamos como hipótese o fato de haver necessidade de se atribuir sentido a uma palavra para poder segmentá-la. Nesse compasso, demos início a esta investigação apresentando, primeiramente (no item dois), a justificativa pela teoria saussuriana e trazendo algumas reflexões acerca da importância desse linguista nos dias atuais.

Em seguida, e ainda no mesmo capítulo, apresentamos uma breve explanação sobre os termos que nos foram mais caros nesta pesquisa: a vocalização e a soletração. E assumimos a primeira para designar a expressão oral de maneira mais abrangente, e a segunda para os fatos linguísticos relacionados especificamente ao referido concurso, ou seja, a expressão oral de palavras segmentadas. Além disso, trouxemos, na última subseção desse capítulo, as informações sobre a realização do concurso, detalhando as suas etapas.

O capítulo posterior (item três) apresentou, por sua vez, os conceitos saussurianos que julgamos necessários para desatar os nós que envolveram esta investigação. Destarte, trouxemos reflexões concernentes à linguagem, língua e fala; signo linguístico (valor, arbitrariedade e linearidade); delimitação das unidades; analogia; fonologia; e escrita. Com o estudo e a apresentação desses conceitos, objetivamos compreender a relação entre o processo de vocalização e a segmentação das palavras.

O nosso objeto de pesquisa consistiu em dois vídeos gravados no dia da transmissão da final do Concurso *Soletrando*, na qual participaram trinta e seis estudantes do Ensino Fundamental, divididos em duas categorias: 1- sextos e sétimos anos; 2- oitavos e nonos anos. Para essa disputa, os alunos estudaram um conto (*“As mãos de meu filho”*, de Érico Veríssimo, para a categoria 1; e *“O homem*

que sabia javanês”, de Lima Barreto, para a categoria 2). Ademais, foi utilizada para a abertura das rodadas a mesma lista de palavras (aleatórias) utilizada nas duas etapas anteriores do concurso. São, portanto, quatro horas e quatorze minutos de gravação que integram o nosso *corpus* de pesquisa. Esse material é público e está disponível nas redes sociais da Prefeitura Municipal de Lages/SC e da Secretaria de Educação.

A análise dos vídeos partiu de uma seleção prévia, que gerou um quadro com a descrição dos fenômenos e os possíveis conceitos saussurianos, conforme a progressão cronológica das imagens. Depois disso, elaboramos um segundo quadro com um agrupamento baseado nos fenômenos revelados e os conceitos predominantes; e foi, a partir dele, que selecionamos as cenas para constar neste trabalho, as quais denominamos “flagrantes”.

Desse modo, apresentamos, no capítulo quatro, dezoito flagrantes; cuja seleção teve o intuito de analisar os fenômenos linguísticos do concurso na perspectiva saussuriana. Sendo assim, as análises foram realizadas de acordo com a predominância dos seguintes aspectos: a solicitação feita pelos estudantes para repetição, significado ou aplicação na frase; a entonação de algumas palavras; a vocalização de determinados fonemas; a sequência das letras soletradas; a acentuação; e a expressão facial ou corporal durante a vocalização.

Além dos aspectos fônicos — inerentes a essa atividade de soletração — e de escrita (haja vista que a perspectiva de soletração era com base na representação gráfica das palavras), detectamos as relações e/ou o comparecimento dos seguintes conceitos linguísticos: significado, significante, valor do signo no sistema, arbitrariedade, linearidade, delimitação das unidades e analogia.

Dessa forma, retomamos as indagações que problematizaram esta pesquisa e passamos a respondê-las com base nos flagrantes apresentados no capítulo anterior.

Assim, afirmamos que os alunos parecem necessitar do sentido da palavra para poder segmentá-la. Esse sentido era trazido com base na delimitação das unidades linguísticas, que se manifestavam pela solicitação de repetição, de significado, de aplicação na frase, ou ainda da movimentação dos lábios ao juntar as sílabas. Como já dissemos, é o sentido que autoriza a delimitação, e, no caso do concurso de soletração, a unidade poderia ser a própria palavra, ou um fonema, ou

um afixo, ou uma desinência, ou um outro elemento. Cada situação colocava o estudante na sua seara de conhecimento linguístico, o que nos demonstrou que, em alguns flagrantes, como em “*fibromialgia*”, por exemplo, a unidade não foi delimitada e a vocalização não passou de mera figura vocal, basta ver que a palavra não fazia nenhum sentido para a estudante. Isso não significa dizer que toda incompatibilidade de soletração com a escrita (que foi considerada “errada” pelas regras do concurso) tenha ocorrido pela dificuldade na delimitação da unidade. O exemplo da palavra “ocasião” (soletrada “O-C-A-Z-I-Ã-O”) nos mostrou que a aluna não teve dificuldade nessa delimitação; ela conhecia o sentido da palavra e a vocalizou corretamente. O que ocorreu foi um desacordo com a convenção escrita, visto que ambas as letras podem representar o mesmo fonema.

Então, soletrar é decorar? Ao menos nesse concurso, não. Acreditamos que a maioria dos flagrantes demonstrou certa preocupação dos estudantes em delimitar as unidades linguísticas, o que, por si só, já exclui o caráter mecânico impresso na ideia de “decorar”. Além disso, se *soletrar* e *decorar* exprimissem a mesma ideia, é provável que não houvesse equívocos durante a segmentação das palavras, pois é certo que estariam em concordância com a escrita, e não teriam influência da fala.

E, para respondermos à última pergunta, no que tange à possibilidade de a soletração contribuir para a construção do sentido das palavras, mesmo considerada como um processo mecânico, vislumbramos que sim. Com base nos flagrantes apresentados, percebemos várias ocorrências nas quais os estudantes solicitaram a definição da palavra e a aplicação na frase. Entendemos que essas atitudes ultrapassaram a mecanicidade, demonstrando a importância do sentido na segmentação das palavras.

Assim sendo, confirmamos a nossa hipótese de haver necessidade de se atribuir sentido a uma palavra para poder segmentá-la. Contudo, reforçamos aqui a nossa clareza em relação a essa situação pontual: o concurso de soletração — que é o objeto de nossa pesquisa. É possível que, em outras circunstâncias de segmentação de palavras, essa realidade seja diferente. Voltamos nosso olhar aos flagrantes descritos, em dada conjuntura linguística, e não ao aspecto amplo da vocalização e soletração de palavras.

Para o desenvolvimento deste trabalho, elegemos analisar as cenas que nos pareciam revelar a ocorrência (ou não) de determinados fenômenos linguísticos durante a vocalização dos estudantes. No entanto, temos ciência de que

poderíamos ter nos debruçado a outras questões que se manifestaram durante a realização do concurso: os aspectos que circundam a aprendizagem, por exemplo. A correção ou incorreção das palavras, ou até mesmo uma análise comparativa da escrita, antes e após a realização do concurso, poderiam ter permeado nosso estudo. Poderíamos, ainda, ter nos dedicado a aprofundar a análise sobre a segmentação de palavras contextualizadas e descontextualizadas, com o intuito de observar a relevância dessas relações no decorrer do concurso.

Outro enfoque da pesquisa poderia também ter sido os aspectos psicológicos envolvidos na vocalização; a postura dos estudantes, as expressões (faciais e corporais), o tom de voz; enfim, diversos elementos que se revelaram durante a competição.

Entendemos, pois, que esses aspectos poderão ser alvos de estudos futuros, uma vez que demonstram certa relevância para a comunidade escolar (ou para a própria pesquisa) na medida em que trazem à tona elementos diversos àqueles que a mera competição poderia trazer: apontar os “vencedores”. Acreditamos que estudos desta natureza demonstram as diversas potencialidades advindas de atividades pedagógicas que são consideradas, aparentemente, simples. No caso em tela, apresentamos a soletração aliada à busca do sentido das palavras, e não apenas a pura vocalização de palavras segmentadas, porque defendemos a apropriação do sentido como pressuposto para a segmentação.

Finalizamos, então, com as palavras de Saussure (2012, p. 147) ao dizer que “uma sequência de sons só é Linguística quando é suporte de uma ideia; tomada em si mesma, não é mais que a matéria de um estudo fisiológico”, pois acreditamos, verdadeiramente, que é o sentido que viabiliza a vocalização das palavras, mesmo que em p-e-d-a-ç-o-s.

REFERÊNCIAS

AGUSTINI, Cármen; SILVA, Flávia S. da. Uma distinção entre entidades e unidades linguísticas: implicações para o método em Linguística. **Domínios de Lingu@gem**. Uberlândia, vol. 11, n. 3, jul./set. 2017, p. 502-525. DOI: 10.14393/DL30-v11n3a2017-3

BARBISAN, Leci B. Do signo ao discurso: a complexa natureza da linguagem. In: FIORIN, J. L.; FLORES, V. N.; BARBISAN, L. B. (orgs.). **Saussure: a invenção da Linguística**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2017, p. 163-170.

CRUZ, Márcio A. Por que (não) ler o Curso de Linguística Geral depois de um século? In: FARACO, C. A. (org.). **O efeito Saussure: cem anos do Curso de Linguística Geral**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016, p. 25-48.

Dicionário Aulete Digital. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br>>. Acesso em: 21 jun. 2020.

DIEDRICH, Marlete Sandra. A constituição humana na linguagem: um olhar para o homem e sua relação com os esquemas culturais. **Revista Linguagem & Ensino**. Pelotas, v. 23, n. 3, p. 65-615, jul/set. 2020.

FARACO, Carlos Alberto (org.). **O efeito Saussure: cem anos do Curso de Linguística Geral**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

FIORIN, José Luiz. O projeto semiológico. In: FIORIN, J. L.; FLORES, V. N.; BARBISAN, L. B. (orgs.). **Saussure: a invenção da Linguística**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2017, p. 99-111.

FIORIN, J. L.; FLORES, V. N.; BARBISAN, L. B. Por que ainda ler Saussure? In: _____. **Saussure: a invenção da Linguística**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2017, p. 7-20.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Saussure e Benveniste no Brasil: quatro aulas na École Normale Supérieure**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017, p. 15-46.

FRYDRYCH, Laura. **O estatuto linguístico das línguas de sinais: a libras sob a ótica saussuriana**. Porto Alegre. 2013.

MILANO, Luiza. O fônico em Saussure: um apêndice do Curso de linguística geral? In: FARACO, C. A. (org.). **O efeito Saussure: cem anos do Curso de Linguística Geral**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016, p. 141-154.

MILANO, L.; STAWINSKI, A. O arbitrário e/é a escuta. **Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 1-17, maio/ago. 2020. DOI 10.5935/1980-6914/eLETDO2013398.

MILANO, L.; STAWINSKI, A.; GOMES, J. Por uma noção de escuta a partir do legado saussuriano. **Eutomia: revista de Literatura e Linguística**. Recife, 17 (1): p. 92-104, jul. 2016.

MILNER, J. C. **O amor da língua**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

MORTATTI, M. R. L. João Köpke (1852-1926) na história do ensino de leitura e escrita no Brasil. In: MORTATTI, M. R. L., *et al.*, (orgs.). **Sujeitos da história do ensino de leitura e escrita no Brasil [online]**. São Paulo: Editora UNESP, p. 59-75, 2015.

NÓBREGA, M.; BASÍLIO, R. A contribuição de Ferdinand de Saussure para a compreensão do signo linguístico. In: FIORIN, J. L.; FLORES, V. N.; BARBISAN, L. B. (orgs.). **Saussure: a invenção da Linguística**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2017, p. 135-148.

OTTARAN, E. D. **O lugar da escuta na aquisição das línguas a partir da teoria saussuriana**. Porto Alegre. 2019.

PASQUIM, F. R. Antonio da Silva Jardim (1860-1891) na história do ensino de leitura e escrita no Brasil. In: MORTATTI, M.R.L., *et al.*, (orgs.). **Sujeitos da história do ensino de leitura e escrita no Brasil [online]**. São Paulo: Editora UNESP, p. 35-58, 2015.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RIBEIRO, Joana de Q. **“A língua é um traje coberto de remendos feitos de seu próprio tecido”**: uma reflexão sobre os neologismos a partir da teoria saussuriana. Porto Alegre. 2019.

ROCHA, Aline Wieczikovski. **Émile Benveniste em suas últimas aulas no Collège de France**: a escrita em questão. 2019. 191 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS, 2019. Disponível em: <http://tede.upf.br/jspui/handle/tede/1773>

SAUSSURE, Ferdinand de; BALLY, Charles; SECHEHAYE, Albert (orgs.); RIEDLINGER Albert (colab.). **Curso de Linguística Geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SAUSSURE, Ferdinand de; BOUQUET, Simon; ENGLER, Rudolf (orgs.). **Escritos de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2004.

SILVA, A.C. IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DA HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Revista Philologus**. Ano 13, N° 38. Rio de Janeiro: CiFEFiL, p. 20-29, maio/ago. 2007.

SILVEIRA, Eliane. O lugar do conceito de fala na produção de Saussure. In: **Saussure: a invenção da Linguística**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2017, p. 45-58.

SORTICA, M. M. A Constituição do Campo dos Estudos do Fônico no Curso de Linguística Geral: notas para o ensino do programa linguístico saussuriano. Porto Alegre. 2016.

TRINDADE, I. M. F.; MELLO, D. T.; SILVA, T. A Atualização dos Primeiros Métodos de Alfabetização em Propostas Contemporâneas. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 829-857, jul./set. 2015.

APÊNDICE A

Quadro 1

VÍDEO 1		
RODADA TESTE – PALAVRAS DA LISTA – 6º e 7º		
TEMPO/ALUNO(A)	PALAVRA/SITUAÇÃO/SOLETRAÇÃO	CONCEITOS
20:00 - Lorraine	(sossego) A aluna soletra SOSSEGO	Arbitrariedade
22:20 - Vanessa	(pêsames) A aluna soletra PESÂMES	Arbitrariedade
30:40 - Melissa	(abstrato) A aluna pronuncia corretamente, mas soletra ABSTRA	Linearidade
37:50 - Marcos	(gasoso) Ele pergunta: gasoso? E soletra GASSOZO	Valor
38:50 - Carlos	(pênalti) PENÁLTI	Arbitrariedade
40:30 - Isabelle	(pretensioso) PRENTIOSO	Linearidade
41:50 - Emanuele	(agressividade) A palavra é pronunciada pela apresentadora com som de “e” final, a aluna diz com som de “i”, soletra com som de “e” AGRESIVIDADE e pronuncia ao final com som de “i” novamente.	Valor
BANCO DE PALAVRAS – CONTO “AS MÃOS DE MEU FILHO”		
51:35 - Neusa	(inferioridade) A palavra é pronunciada pela apresentadora com som de “e” final, a aluna diz com som de “i”, soletra com “e” INFERIORIDADE e pronuncia ao final com som de “i” novamente.	Valor
1:00:00 - Alana	(cáqui) A aluna diz “Pode repetir?” e pronuncia “caqui”, soletrando CAQUI e repetindo ao final “caqui”.	Valor
1:03:50 - Maria Luiza	(dançam) Pronuncia corretamente e soletra DANÇÃO	Analogia Delimitação
1:04:38 - Isabelle	(pálido) A aluna diz “pode repetir?” soletra corretamente PÁLIDO	Valor
1:10:58 - Carlos	(recua) RECÚA	Arbitrariedade
1:12:18 - Vitória	(surdina) A aluna diz “pode repetir?”. Ao ouvir a repetição da palavra e durante a soletração, a aluna sussurra as sílabas. Soletra corretamente SURDINA	Valor
1:14:47 - Lorraine	(enchem) A aluna diz “Significado?” e a resposta é “forma flexionada do verbo encher, sinônimo de movimentar-se”. Ela pronuncia, soletra e repete ENCHE.	Valor, Analogia Delimitação número pessoal
1:15:39 - Vitória	(humilde) A palavra foi pronunciada tanto pela apresentadora quanto pela aluna “humildi” com som de “i” ao final, mas a soletração foi correta HUMILDE	Valor
1:18:56 - Vanessa	(público) Ela inicia a soletração PUB – e visivelmente percebe (coloca a mão no rosto), ao ouvir sua própria voz pronunciando a letra “B” que se esqueceu do acento na letra “u”. Retoma do início, soletrando corretamente “público”, mas o que vale é a primeira pronúncia.	Linearidade, Valor
1:20:02 - Marcos	(círculo) Pergunta “círculo?” e soletra corretamente CÍRCULO	Valor
1:21:58 - Marcos	(luminoso) O aluno pronuncia corretamente, mas soletra LUMINOSA e percebe assim que diz a letra “a”, chega a balançar a cabeça e dizer “não. Ele pergunta “posso repetir?”, porém é avisado pelo juiz que até poderia, mas não seria possível corrigir a letra errada já dita.	Linearidade, Valor DELIMITAÇÃO Desinência de gênero
1:25:02 - Paulo	(camarote) Foi pronunciado, pela apresentadora, com som de “e” ao final. O aluno disse e repetiu camaroti, com som de “i”, mas soletrou corretamente	Valor, Analogia

	CAMAROTE	
1:31:15 - Marcos	(marquise) Tanto a apresentadora quanto o aluno pronunciaram com o som final de “i”, mas o aluno soletrou corretamente MARQUISE	Valor
1:31:35 - Paulo	(incrédulo) O aluno diz “pode repetir?” e soletra corretamente INCRÉDULO	Valor
1:35:36 - Samuel	(prisioneiros) O aluno pronuncia “prisioneiro”, e assim soletra PRISIONEIRO	Analogia, valor
1:36:23 - Viviane	(ridículo) A aluna balança levemente a cabeça para unir as sílabas antes e durante a soletração. Soletrou corretamente RIDÍCULO	Valor
1:38:50 - Lislane	(diadema) Ela diz “pode repetir, por favor?”, (enquanto o juiz repete, ela o acompanha movendo os lábios) e pronuncia e soletra corretamente DIADEMA	Valor
1:40:10 - Lislane	(imobilizam) Diz “pode repetir, por favor?”. Pronuncia corretamente, mas soletra IMOBILISÃO	Valor, Analogia Delimitação
1:43:20 - Melissa	(calva) Diz “pode repetir?” pronuncia corretamente, mas soletra CAUVA	Analogia Fonema
1:44:20 - Emanuele	(foscamente) A palavra é pronunciada pela apresentadora com som de “e” final, a aluna diz com som de “i”, soletra com “e” FOSCAMENTE e pronuncia ao final com som de “i” novamente	Valor
1:45:23 - Emanuele	(sina) A aluna pergunta: “sina?” pronuncia e soletra corretamente SINA	Valor
1:46:25 - Kauan	(saltitante) Foi pronunciado, pela apresentadora, com som de “e” ao final, o aluno disse e repetiu saltitanti, com som de “i”, e soletrou SALTIANTE	Valor
VÍDEO 2		
ENCERRAMENTO DA CATEGORIA 1 – 6º e 7º – CONTO		
TEMPO/ALUNO(A)	PALAVRA/SITUAÇÃO/SOLETRAÇÃO	CONCEITOS
22:50 - Marcos	(saguão) O aluno pergunta “saguão?” pronuncia e soletra corretamente SAGUÃO	Valor
23:23 - Isabele	(mexe) Ela pergunta “mexe?” e diz em seguida “definição, por favor?”, soletra corretamente MEXE	Valor
25:22 - Isabele	(represadas) Ela diz “pode repetir, por favor?” diz e repete corretamente, mas soletra REPRESADAR	Linearidade, Delimitação - plural
28:14 - Emanuele	(horível) A aluna pronuncia corretamente, mas soletra HORRO, pára, fecha os olhos, põe a mão no rosto, suspira e diz que vai repetir, dizendo HORRIVEL	Linearidade Delimitação
30:40 - Manoel	(necessidade) A apresentadora pronuncia com som de “e” final, o aluno diz e repete “necessidadi”, mas soletra corretamente NECESSIDADE	Valor
31:05 - Vitória	(arranjava) A aluna pronuncia corretamente “arranjava”, movimenta os lábios juntando as sílabas ao soletrar ARRANJAVAM e pronuncia ao final a palavra “arranjavam”	Analogia, valor
37:45 - Marcos	(obstante) É pronunciado pela apresentadora com som de “e” final, ele diz “repete a palavra fazendo um favor?” o juiz também pronuncia com som de “e” final. O aluno diz com som de “i” “obstanti” e soletra corretamente OBSTANTE repetindo ao final “obstanti”	Valor
38:15 - Viviane	(alvoroçadamente) É pronunciado pela apresentadora com o som de “e” final. A aluna diz com som de “i” ao final, soletra corretamente ALVOROÇADAMENTE e repete “alvoroçadamenti”	Valor
39:20 - Manoel	(constância) O aluno diz “pode repetir, por favor?”, pronuncia e soletra corretamente CONSTÂNCIA	Valor

42:22 - Marcos	(excitado) O aluno diz “repete a palavra?”, soletra corretamente EXCITADO, mas não pronuncia no início, o que o elimina.	Valor
CATEGORIA 2 Rodada Teste – Palavras da lista – 8º e 9º		
58:44 - Kauan	(simbiose) O aluno diz “pode repetir a palavra, por favor?”, pronuncia e soletra SIMPIOSE	Analogia Delimitação
01:00:33 - Evelyn	(psicólogo) Ela pronuncia corretamente, mas soletra PSILOGO	Linearidade Arbitrariedade
01:01:04 - Priscila	(fibromialgia) A aluna diz “pode repetir a palavra, por favor?”, após a repetição ela pergunta “é fibromialgia?”, o juiz diz “mais uma vez” e repete a palavra. A aluna pensa, forma mentalmente a palavra e diz “ah, eu me confundi, eu tava com o fone e não escutei direito”. O juiz repete pela última vez. Ela diz em tom de pergunta “fibromiolgia?”, e então inicia dizendo “fibromiolgia” e soletra FIBROMOGIO e diz “fibromolgia”	Valor Linearidade Arbitrariedade
BANCO DE PALAVRAS – CONTO “O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS”		
01:07:51 - Maria Eduarda	(anúncio) Ela pergunta “como?”, pronuncia e soletra corretamente ANÚNCIO	Valor
01:08:29 - Davi	(portento) O aluno diz “pode repetir?”, pronuncia a palavra (em tom de pergunta) e soletra corretamente PORTENTO	Valor
01:10:18 - Davi	(patuá) Ele diz “pode repetir?”, pronuncia, soletra PATO, para, pensa e pergunta “posso repetir?”. O juiz diz “sem alterar as letras, mas pode começar de novo”, então ele soletra PATOÁ, sem repetir ao final	Valor
01:11:25 - Laiane	(talismã) A aluna diz “pode repetir?”. Pronuncia e soletra corretamente TALISMÃ	Valor
01:14:48 - Nicolý	(prole) Ela diz “pode repetir?”, o juiz repete e ela diz “repete de novo, por favor?”. A pronúncia sempre com som final “e”. Ela pensa e diz “aplicação na frase”. Após ouvir, ela pronuncia com som de “i” ao final, soletra PRÓLE e repete com som de “i”	Arbitrariedade
01:16:17 - Adler	(delícia) O aluno diz “pode repetir?”. Ele pronuncia e soletra corretamente DELÍCIA	Valor
01:17:47 - Adler	(digna) O aluno diz “pode repetir?”. Ele pronuncia e soletra corretamente DIGNA	Valor
01:20:32 - Aline	(afluíam) Ela diz “Pode repetir?”. Ela pronuncia e soletra corretamente AFLUÍAM	Valor
01:21:0 - Ana Carolina	(fatigados) Ela pronuncia corretamente, com “t”, mas soletra FADIGADOS	Analogia
01:23:30 - Aires	(banquete) A apresentadora diz com som de “e” ao final, o aluno pronuncia igual (com som de E), soletra corretamente BANQUETE e repete com som de “i” ao final	Valor
01:29:35 - Luana	(javanesa) Ela pronuncia corretamente, mas soletra JAVANESE. Ela pronuncia a letra “E” ao final e percebe imediatamente que pronunciou errado.	Linearidade
01:32:16 - Helena	(desembargador) Ela diz “pode repetir, por favor?”. Pronuncia e soletra corretamente DESEMBARGADOR	Valor
01:33:50 - Helena	(posteridade) A apresentadora pronuncia com som de “e” ao final. A aluna pronuncia, nas duas vezes, com som de “i” ao final. Soletra corretamente POSTERIDADE	Valor
01:34:45 - Larissa	(enchemos) Ela diz “pode repetir, por favor?”. Pronuncia e soletra corretamente ENCHEMOS	Valor
01:36:15 - Larissa	(javanês) Ela diz “pode repetir, por favor?”. Pronuncia e soletra corretamente JAVANÊS	Valor
01:38:57 - Larissa	(contentíssimo) Ela diz “pode repetir, por favor?”.	Valor

	Pronuncia e soletra corretamente CONTENTÍSSIMO	
01:40:00 - Larissa	(adivinho) Ela diz “pode repetir, por favor?”. Pronuncia e soletra corretamente ADIVINHO	Valor
01:41:28 - Larissa	(begônias) Ela diz “pode repetir, por favor?”. Pronuncia e soletra corretamente BEGÔNIAS	Valor
01:43:24 - Vanessa	(ocasião) Ela pergunta “ocasião?”. Pronuncia novamente, inicia a soletração OCA, pergunta “Posso repetir?”, iniciando e soletrando OCAZIÃO	Arbitrariedade
01:46:05 - Kauan	(biográficas) Ele pergunta “pode repetir a palavra?”. Pronuncia e soletra corretamente BIOGRÁFICAS	Valor
01:49:18 - Evelyn	(cachola) Ela pronuncia corretamente, mas soletra CACHALA, e percebe assim que fala a letra “a” no lugar de “o”	Linearidade
01:56:07 - Aline	(progressos) Ela diz “pode repetir?”. Ela pronuncia e soletra corretamente PROGRESSOS	Valor
01:56:39 - Adler	(outrem) O aluno diz “pode repetir?”. Ele pronuncia e soletra corretamente OUTREM	Valor
01:58:08 - Adler	(lastrado) Ele diz “pode repetir?”. Ele pronuncia e soletra corretamente LASTRADO	Valor
01:58:40 - Aline	(insensivelmente) A apresentadora diz com som de “e” ao final, a aluna pergunta “pode repetir?”, ela pronuncia com som de “i”, soletra corretamente INSENSIVELMENTE e repete com som de “i” ao final	Valor
02:00:10 - Aline	(trôpego) A aluna diz “pode repetir?”. Após a repetição, ela diz “a palavra numa frase”. Após ouvir, pronuncia e soletra corretamente TRÔPEGO	Valor
02:01:33 - Aline	(oscilante) A apresentadora diz com som de “e” ao final, a aluna pergunta “pode repetir?”, ela pronuncia com som de “i”, soletra corretamente OSCILANTE e repete com som de “i” ao final	Valor
02:03:50 - Adler	(simonte) A apresentadora diz com som de “e” ao final, o aluno pergunta “pode repetir?”, ele pronuncia com som de “e”, soletra corretamente SIMONTE e repete com som de “e” ao final	Valor
02:04:21 - Aline	(antanho) Ela diz “Significado”. Após ouvir, ela diz “repete”. O juiz diz novamente. Ela pronuncia e soletra corretamente ANTANHO	Valor
02:08:25 - Aline	(animosamente) A apresentadora diz com som de “e” ao final, a aluna solicita “pode repetir?”. Ela pronuncia com som de “i”, soletra corretamente ANIMOSAMENTE e repete com som de “i” ao final	Valor
02:13:22 - Maria Eduarda	(proximidades) A apresentadora diz com som de “e” ao final, a aluna solicita “pode repetir?”. Ela pronuncia com som de “i”, soletra corretamente PROXIMIDADES (pára, pensa, movimenta os lábios juntando as sílabas) e repete com som de “i” ao final	Valor
02:21:16 - Aline	(ingenuidade) A apresentadora diz com som de “e” ao final, a aluna pergunta “pode repetir, por favor?”. Ela pronuncia com som de “i”, soletra corretamente INGENUIDADE e repete com som de “i” ao final	Valor

APÊNDICE B

Quadro 2

Fenômeno: “Pode repetir?”			
Conceitos: valor, linearidade, delimitação			
VÍDEO	TEMPO/ALUNO(A)	PALAVRA	FLAGRANTE/ SOLETRAÇÃO
01	1:04:38 - Isabelle	pálido	A aluna solicita “pode repetir?”. Soletra corretamente PÁLIDO
01	1:12:18 - Vitória	surdina	A aluna diz “pode repetir?”. Ao ouvir a repetição da palavra e durante a soletração, a aluna sussurra as sílabas. Soletra corretamente SURDINA
01	1:31:35 - Paulo	incrédulo	O aluno diz “pode repetir?” e soletra corretamente INCRÉDULO
01	1:38:50 - Lislane	diadema	Ela solicita: “pode repetir, por favor?”, (enquanto o juiz repete, ela o acompanha movendo os lábios) e pronuncia e soletra corretamente DIADEMA
02	37:45 - Marcos	obstante	É pronunciado pela apresentadora com som de “e” final, ele diz “repete a palavra fazendo um favor?” o juiz também pronuncia com som de “e” final. O aluno diz com som de “i” “obstanti” e soletra corretamente OBSTANTE repetindo ao final “obstanti”
02	39:20 - Manoel	constância	O aluno diz “pode repetir, por favor?”, pronuncia e soletra corretamente CONSTÂNCIA
02	42:22 - Marcos	excitado	O aluno diz “repete a palavra?”, soletra corretamente EXCITADO, mas não pronuncia no início, o que o elimina.
02	01:01:04 - Priscila	fibromialgia	A aluna diz “pode repetir a palavra, por favor?”, após a repetição ela pergunta “é fibriomialgia?”, o juiz diz “mais uma vez” e repete a palavra. A aluna pensa, forma mentalmente a palavra e diz “ah, eu me confundi, eu tava com o fone e não escutei direito”. O juiz repete pela última vez. Ela diz em tom de pergunta “fibromiolgia?”, e então inicia dizendo “fibromiolgia” e soletra FIBROMOGIO e diz “fibromolgia”
02	01:07:51 - Maria Eduarda	anúncio	Ela pergunta “como?”, pronuncia e soletra corretamente ANÚNCIO
02	01:11:25 - Laiane	talismã	A aluna diz “pode repetir?”. Pronuncia e soletra corretamente TALISMÃ
02	01:16:17 - Adler	delícia	O aluno diz “pode repetir?”. Ele pronuncia e soletra corretamente DELÍCIA
02	01:17:47 - Adler	digna	O aluno diz “pode repetir?”. Ele pronuncia e soletra corretamente DIGNA
02	01:20:32 - Aline	afluíam	Ela diz “Pode repetir?”. Ela pronuncia e soletra corretamente AFLUÍAM
02	01:32:16 - Helena	desembargador	Ela diz “pode repetir, por favor?”. Pronuncia e soletra corretamente DESEMBARGADOR
02	01:34:45 - Larissa	enchemos	Ela diz “pode repetir, por favor?”. Pronuncia e soletra corretamente ENCHEMOS
02	01:36:15 - Larissa	javanês	Ela diz “pode repetir, por favor?”. Pronuncia e soletra corretamente JAVANÊS
02	01:38:57 - Larissa	contentíssimo	Ela diz “pode repetir, por favor?”. Pronuncia e soletra corretamente CONTENTÍSSIMO
02	01:40:00 - Larissa	adivinho	Ela diz “pode repetir, por favor?”. Pronuncia e soletra corretamente ADIVINHO

02	01:41:28 - Larissa	begônias	Ela diz “pode repetir, por favor?”. Pronuncia e soletra corretamente BEGÔNIAS
02	01:46:05 - Kauan	biográficas	Ele pergunta “pode repetir a palavra?”. Pronuncia e soletra corretamente BIOGRÁFICAS
02	01:56:07 - Aline	progressos	Ela diz “pode repetir?”. Ela pronuncia e soletra corretamente PROGRESSOS
02	01:56:39 - Adler	outrem	O aluno diz “pode repetir?”. Ele pronuncia e soletra corretamente OUTREM
02	01:58:08 - Adler	lastrado	Ele diz “pode repetir?”. Ele pronuncia e soletra corretamente LASTRADO
Fenômeno: “Vocalização em tom de pergunta” Conceito: valor			
VÍDEO	TEMPO/ALUNO(A)	PALAVRA	FLAGRANTE /SOLETRAÇÃO
01	37:50 - Marcos	gasoso	O aluno pergunta: gasoso? E soletra GASSOZO
01	1:20:02 - Marcos	círculo	Ele pergunta “círculo?” e soletra corretamente CÍRCULO
01	1:45:23 - Emanuele	sina	A aluna pergunta: “sina?” pronuncia e soletra corretamente SINA
02	22:50 - Marcos	saguão	O aluno pergunta “saguão?” pronuncia e soletra corretamente SAGUÃO
02	01:08:29 - Davi	portento	O aluno diz “pode repetir?”, pronuncia a palavra (em tom de pergunta) e soletra corretamente PORTENTO
02	01:43:24 -Vanessa	ocasião	Ela pergunta “ocasião?”. Pronuncia novamente, inicia a soletração OCA, pergunta “Posso repetir?”, iniciando e soletrando OCAZIÃO
Fenômeno: “Acentuação” Conceitos: valor, arbitrariedade			
VÍDEO	TEMPO/ALUNO(A)	PALAVRA	FLAGRANTE /SOLETRAÇÃO
01	20:00 -Lorraine	sossego	A aluna soletra SOSSÊGO
01	22:20 - Vanessa	pêsames	A aluna soletra PESÂMES
01	38:50 - Carlos	pênalti	Ele soletra PENÁLTI
01	1:00:00 - Alana	cáqui	A aluna diz “Pode repetir?” e pronuncia “caqui”, soletrando CAQUI e repetindo ao final “caqui”.
01	1:10:58 - Carlos	recua	O aluno soletra RECÚA
02	28:14 - Emanuele	horível	A aluna pronuncia corretamente, mas soletra HORRO, pára, fecha os olhos, põe a mão no rosto, suspira e diz que vai repetir, dizendo HORRIVEL
02	01:14:48 - Nicolý	prole	Ela diz “pode repetir?”, o juiz repete e ela diz “repete de novo, por favor?”. A pronúncia sempre com som final “e”. Ela pensa e diz “aplicação na frase”. Após ouvir, ela pronuncia com som de “i” ao final, soletra PRÓLE e repete com som de “i”
Fenômeno: “Significado/Definição” Conceitos: analogia, valor, delimitação (número pessoal)			
VÍDEO	TEMPO/ALUNO(A)	PALAVRA	FLAGRANTE /SOLETRAÇÃO
01	1:14:47 - Lorraine	enchem	A aluna diz “Significado?” e a resposta é “forma flexionada do verbo encher”. Ela pronuncia, soletra e repete ENCHE.
02	23:23 - Isabele	mexe	Ela pergunta “mexe?” e diz em seguida “definição, por favor?”, soletra corretamente MEXE
02	02:04:21- Aline	antanho	Ela diz “Significado”. Após ouvir, ela diz “repete”. O juiz diz novamente. Ela pronuncia e soletra corretamente ANTANHO
Fenômeno: “Aplicação na frase” Conceitos: arbitrariedade, valor			

VÍDEO	TEMPO/ALUNO(A)	PALAVRA	FLAGRANTE /SOLETRAÇÃO
02	01:14:48 - Nicolý	prole	Ela diz “pode repetir?”, o juiz repete e ela diz “repete de novo, por favor?”. A pronúncia sempre com som final “e”. Ela pensa e diz “aplicação na frase”. Após ouvir, ela pronuncia com som de “i” ao final, soletra PRÓLE e repete com som de “i”
02	02:00:10 - Aline	trôpego	A aluna diz “pode repetir?”. Após a repetição, ela diz “a palavra numa frase”. Após ouvir, pronuncia e soletra corretamente TRÓPEGO
Fenômeno: “Palavras com E, pronunciadas com som de I” Conceitos: valor, analogia			
VÍDEO	TEMPO/ALUNO(A)	PALAVRA	FLAGRANTE /SOLETRAÇÃO
01	41:50 - Emanuele	agressividade	A palavra é pronunciada pela apresentadora com som de “e” final, a aluna diz com som de “i”, soletra com som de “e” AGRESIVIDADE e pronuncia ao final com som de “i” novamente.
01	51:35 - Neusa	inferioridade	A palavra é pronunciada pela apresentadora com som de “e” final, a aluna diz com som de “i”, soletra com “e” INFERIORIDADE e pronuncia ao final com som de “i” novamente.
01	1:15:39 - Vitória	humilde	A palavra foi pronunciada tanto pela apresentadora quanto pela aluna “humildi” com som de “i” ao final, mas a soletração foi correta HUMILDE
01	1:25:02 - Paulo	camarote	Foi pronunciado, pela apresentadora, com som de “e” ao final. O aluno disse e repetiu camaroti, com som de “i”, mas soletrou corretamente CAMAROTE
01	1:31:15 - Marcos	marquise	Tanto a apresentadora quanto o aluno pronunciaram com o som final de “i”, mas o aluno soletrou corretamente MARQUISE
01	1:44:20 - Emanuele	foscamente	A palavra é pronunciada pela apresentadora com som de “e” final, a aluna diz com som de “i”, soletra com “e” FOSCAMENTE e pronuncia ao final com som de “i” novamente
01	1:46:25 - Kauan	saltitante	Foi pronunciado, pela apresentadora, com som de “e” ao final, o aluno disse e repetiu saltitanti, com som de “i”, e soletrou SALTIANTE
02	30:40 - Manoel	necessidade	A apresentadora pronuncia com som de “e” final, o aluno diz e repete “necessidadi”, mas soletra corretamente NECESSIDADE
02	38:15 - Viviane	alvoroçadamente	É pronunciado pela apresentadora com o som de “e” final. A aluna diz com som de “i” ao final, soletra corretamente ALVOROÇADAMENTE e repete “alvoroçadamenti”
02	01:23:30 - Aires	banquete	A apresentadora diz com som de “e” ao final, o aluno pronuncia igual (com som de E), soletra corretamente BANQUETE e repete com som de “i” ao final
02	01:33:50 - Helena	posteridade	A apresentadora pronuncia com som de “e” ao final. A aluna pronuncia, nas duas vezes, com som de “i” ao final. Soletra corretamente POSTERIDADE
02	01:58:40 - Aline	insensivelmente	A apresentadora diz com som de “e” ao final, a aluna pergunta “pode repetir?”, ela pronuncia com som de “i”, soletra corretamente INSENSIVELMENTE e repete com som de “i” ao final
02	02:01:33 - Aline	oscilante	A apresentadora diz com som de “e” ao final, a aluna pergunta “pode repetir?”, ela pronuncia

			com som de “i”, soletra corretamente OSCILANTE e repete com som de “i” ao final
02	02:03:50 - Adler	simonte	A apresentadora diz com som de “e” ao final, o aluno pergunta “pode repetir?”, ele pronuncia com som de “e”, soletra corretamente SIMONTE e repete com som de “e” ao final
02	02:08:25 - Aline	animosamente	A apresentadora diz com som de “e” ao final, a aluna solicita “pode repetir?”. Ela pronuncia com som de “i”, soletra corretamente ANIMOSAMENTE e repete com som de “i” ao final
02	02:21:16 - Aline	ingenuidade	A apresentadora diz com som de “e” ao final, a aluna pergunta “pode repetir, por favor?”. Ela pronuncia com som de “i”, soletra corretamente INGENUIDADE e repete com som de “i” ao final
Fenômeno: Troca de fonema/letra Conceitos: valor, analogia, delimitação			
VÍDEO	TEMPO/ALUNO(A)	PALAVRA	FLAGRANTE /SOLETRAÇÃO
01	37:50 - Marcos	gasoso	Ele pergunta: gasoso? E soletra GASSOZO
01	1:43:20 - Melissa	calva	Ela diz “pode repetir?” pronuncia corretamente, mas soletra CAUVA
01	58:44 - Kauan	simbiose	O aluno diz “pode repetir a palavra, por favor?”, pronuncia e soletra SIMPIOSE
01	01:10:18 - Davi	patuá	Ele diz “pode repetir?”, pronuncia, soletra PATO, para, pensa e pergunta “posso repetir?”. O juiz diz “sem alterar as letras, mas pode começar de novo”, então ele soletra PATOÁ, sem repetir ao final
02	01:21:0 - Ana Carolina	fatigados	Ela pronuncia corretamente, com “t”, mas soletra FADIGADOS
02	01:43:24 - Vanessa	ocasião	Ela pergunta “ocasião?”. Pronuncia novamente, inicia a soletração OCA, pergunta “Posso repetir?”, iniciando e soletrando OCAZIÃO
Fenômeno: “AM” por “ÃO” Delimitação- desinência número pessoal Conceitos: valor, analogia, delimitação			
VÍDEO	TEMPO/ALUNO(A)	PALAVRA	FLAGRANTE /SOLETRAÇÃO
01	1:40:10 - Lislane	imobilizam	A aluna diz “pode repetir, por favor?”. Pronuncia corretamente, mas soletra IMOBILISÃO
01	1:03:50 - Maria Luiza	dançam	Ela pronuncia corretamente a palavra, mas soletra DANÇÃO
Fenômeno: “Supressão/Transformação/Acréscimo de letras” Conceitos: linearidade, valor, delimitação, arbitrariedade			
	TEMPO/ALUNO(A)	PALAVRA	FLAGRANTE /SOLETRAÇÃO
01	30:40 - Melissa	abstrato	A aluna pronuncia corretamente, mas soletra ABSTRA
01	40:30 - Isabelle	pretensioso	PRENTIOSO
01	1:21:58 - Marcos	luminoso	O aluno pronuncia corretamente, mas soletra LUMINOSA e percebe assim que diz a letra “a”, chega a balançar a cabeça e dizer “não. Ele pergunta “posso repetir?”, porém é avisado pelo juiz que até poderia, mas não seria possível corrigir a letra errada já dita.
01	1:46:25 - Kauan	saltitante	Foi pronunciado, pela apresentadora, com som de “e” ao final, o aluno disse e repetiu saltitanti, com som de “i”, e soletrou SALTIANTE
02	25:22 - Isabele	represadas	Ela diz “pode repetir, por favor?” diz e repete corretamente, mas soletra REPRESADAR
02	01:00:33 - Evelyn	psicólogo	Pronuncia corretamente, mas soletra PSILOGO

02	01:29:35 - Luana	javanesa	Ela pronuncia corretamente, mas soletra JAVANESE. Ela pronuncia a letra “E” ao final e percebe imediatamente que pronunciou errado.
01	1:35:36 - Samuel	prisioneiros	O aluno pronuncia “prisioneiro”, e assim soletra PRISIONEIRO
02	01:49:18 - Evelyn	cachola	Ela pronuncia corretamente, mas soletra CACHALA, e percebe assim que fala a letra “a” no lugar de “o”
Fenômeno: “Intercorrências durante a soletração” (murmúrio, expressão facial e corporal) Conceitos: valor, analogia, arbitrariedade			
VÍDEO	TEMPO/ALUNO(A)	PALAVRA	FLAGRANTE /SOLETRAÇÃO
01	1:12:18 - Vitória	surdina	A aluna diz “pode repetir?”. Ao ouvir a repetição da palavra e durante a soletração, a aluna sussurra as sílabas. Soletra corretamente SURDINA
01	1:18:56 - Vanessa	público	Ela inicia a soletração PUB – e visivelmente percebe (coloca a mão no rosto), ao ouvir sua própria voz pronunciando a letra “B” que se esqueceu do acento na letra “u”. Retoma do início, soletrando corretamente “PÚBLICO”, mas o que vale é a primeira pronúncia.
01	1:21:58 - Marcos	luminoso	O aluno pronuncia corretamente, mas soletra LUMINOSA e percebe assim que diz a letra “a”, chega a balançar a cabeça e dizer “não. Ele pergunta “posso repetir?”, porém é avisado pelo juiz que até poderia, mas não seria possível corrigir a letra errada já dita.
01	1:36:23 - Viviane	ridículo	A aluna balança levemente a cabeça para unir as sílabas antes e durante a soletração. Soletrou corretamente RIDÍCULO
01	1:38:50 - Lislane	diadema	Diz “pode repetir, por favor?”, (enquanto o juiz repete, ela o acompanha movendo os lábios) e pronuncia e soletra corretamente DIADEMA
02	28:14 - Emanuele	horrível	A aluna pronuncia corretamente, mas soletra HORRO, pára, fecha os olhos, põe a mão no rosto, suspira e diz que vai repetir, dizendo HORRIVEL
02	31:05 - Vitória	arranjava	A aluna pronuncia corretamente “arranjava”, movimenta os lábios juntando as sílabas ao soletrar ARRANJAVAM e pronuncia ao final a palavra “arranjavam”
02	01:10:18 - Davi	patuá	Ele diz “pode repetir?”, pronuncia, soletra PATO, para, pensa e pergunta “posso repetir?”. O juiz diz “sem alterar as letras, mas pode começar de novo”, então ele soletra PATOÁ, sem repetir ao final
02	01:29:35 - Luana	javanesa	Ela pronuncia corretamente, mas soletra JAVANESE. Ela pronuncia a letra “E” ao final e percebe imediatamente que pronunciou errado.
02	01:49:18 - Evelyn	cachola	Ela pronuncia corretamente, mas soletra CACHALA, e percebe assim que fala a letra “a” no lugar de “o”
02	02:13:22 - Maria Eduarda	proximidades	A apresentadora diz com som de “e” ao final, a aluna solicita “pode repetir?”. Ela pronuncia com som de “i”, soletra corretamente PROXIMIDADES (pára, pensa, movimenta os lábios juntando as sílabas) e repete com som de “i” ao final

ANEXO A
Regulamento



Regulamento

1ª EDIÇÃO | 2019

Apresentação

Com o objetivo de incentivar a leitura, despertar o interesse pela Língua Portuguesa, enriquecer o vocabulário dos estudantes, bem como aprimorar a pronúncia e escrita das palavras, o Núcleo de Excelência em Educação Permanente da Secretaria Municipal da Educação de Lages/SC apresenta o I Concurso de SOLETRAÇÃO.

1. DOS PARTICIPANTES

Poderão participar do Concurso “Soletrando” os alunos de 6º a 9º ano, devidamente matriculados na rede municipal de Lages no ano letivo de 2019, orientados pelos professores de Língua Portuguesa.

2. DAS INSCRIÇÕES

As inscrições serão feitas pelo(a) gestor(a) da escola, mediante formulário próprio que será enviado por e-mail. Na ficha de inscrição serão indicadas as turmas participantes e os professores de Língua Portuguesa que conduzirão as atividades, e deverá ser entregue no Protocolo da Secretaria Municipal de Educação **até o dia 24 de abril de 2019**, às 18h, conforme cronograma.

3. DAS CATEGORIAS

Haverá duas categorias, as quais contemplarão:

Categoria 1

6º ano

7º ano

Categoria 2

8º ano

9º ano

4. DAS ETAPAS

4.1. Primeira Etapa – Sala de aula

A primeira etapa do Concurso será realizada com todos os alunos da turma inscrita. Realizar-se-á em sala de aula, na disciplina de Língua Portuguesa, nas próprias escolas, sendo a organização de completa responsabilidade das Unidades Escolares. A data e o horário desta etapa também deverão ser definidos individualmente pelas escolas participantes. Nessa etapa, a seleção deverá ser feita de forma que haja, ao menos, dois participantes de cada categoria, que passarão para a segunda etapa, chamada de “Semifinal”. O prazo limite para essa seleção é **até o dia 31 de maio de 2019**, conforme cronograma.

4.2. Segunda Etapa – Semifinal

A segunda etapa, chamada de “Semifinal”, ocorrerá nas próprias escolas, sendo também de completa responsabilidade destas. Essa etapa deverá ocorrer **até o dia 1º de julho de 2019**. Haverá a presença de um representante da Secretaria Municipal de Educação, que acompanhará a seletiva. Por essa razão, a data e o horário deverão ser definidos pelas escolas e repassados ao Núcleo de Educação Permanente (3289-6523 ou portugues@educacaolages.sc.gov.br) **até o dia 05 de junho de 2019**, conforme cronograma. Serão selecionados apenas dois vencedores, um de cada categoria, que passarão para a terceira e última etapa, chamada de “Final”.

4.3. Os nomes dos alunos vencedores da segunda etapa – Semifinal – deverão ser enviados ao Núcleo de Educação Permanente **até o dia 05 de julho de 2019**, impreterivelmente, ver cronograma.

4.4. A última etapa do Concurso, chamada de “Final”, será realizada no dia **14 de agosto de 2019**, no Teatro Marajoara. O evento iniciará no período matutino, e sua duração dependerá do desempenho dos alunos finalistas na soletração. Caso seja necessário, haverá a continuidade do evento no período vespertino.

5. DA DINÂMICA

5.1. A dinâmica do Concurso será a mesma para as três etapas da competição.

5.2. O aluno convocado para a soletração terá que, obrigatoriamente:

1. repetir a palavra dita;
2. soletrar pausadamente (não esquecendo que a acentuação é necessária quando a palavra assim exigir. Ex.: *Vovó*: V–o– v– ó acento agudo no o);
3. repetir novamente a palavra, indicando que terminou a soletração;

5.3. Se o aluno errar alguma letra, acento, ou qualquer outro sinal gráfico, como cedilha, hífen, a soletração será considerada errada.

5.4. Depois de iniciada a soletração, é proibido corrigir qualquer letra. O aluno pode até recommençar a soletração, mas não pode mudar a ordem de nenhuma letra que já tenha dito.

5.4.1. Depois de iniciada a soletração, o participante deverá concluí-la em, no máximo, um (1) minuto.

5.5. Se numa mesma rodada os alunos classificados acertarem a soletração das suas palavras, todos seguirão para a próxima rodada. Da mesma forma, se todos os alunos classificados, até então, errarem a soletração das palavras em uma mesma rodada, uma nova rodada será iniciada com a presença de todos.

5.6. A eliminação ocorre quando um candidato erra a soletração e os demais concorrentes, que participam da mesma rodada, acertam.

5.7. Cada etapa do Concurso deverá ter 3 (três) juízes. Na primeira e segunda etapas, a escolha dos três juízes ficará a cargo das escolas, sendo que um deles deverá ser, obrigatoriamente, o(a) professor(a) que ministra a disciplina de Língua Portuguesa para a turma. Na terceira etapa, os 3 (três) juízes serão definidos pela Secretaria Municipal de Educação de Lages/SC.

6. DOS BENEFÍCIOS AOS PARTICIPANTES

6.1. Antes de iniciar a soletração, portanto não contando o tempo de 1 (um) minuto, o aluno tem o direito de recorrer aos juízes para as seguintes situações:

1^a- Repetição da palavra (apenas duas vezes);

2^a- Definição;

3^a- Aplicação da palavra na frase.

7. DA ESCOLHA E SORTEIO DAS PALAVRAS

7.1. Para a primeira e segunda etapas, será disponibilizado um banco de palavras, separado por categoria, e nivelado entre “fácil”, “intermediário” e “difícil”, disponibilizado **até o dia 18 de abril**, conforme cronograma. O sorteio das palavras, que serão soletradas pelos alunos de cada uma das turmas, deverá ser feito pelo(a) professor(a) que ministra a disciplina de Língua Portuguesa, bem como o trabalho de pesquisa da definição e aplicação na frase. Caso sinta necessidade, o(a) professor(a) poderá valer-se de outras palavras.

7.2. Na terceira etapa do Concurso – Final –, além do banco de palavras previamente disponibilizado, haverá a indicação de um *conto* (**até dia 02 de julho**) para cada categoria, do qual serão extraídas as palavras a serem soletradas. Na hipótese de desempate, a Coordenação do concurso poderá acrescentar novas palavras.

8. DA INDICAÇÃO DE ERRO OU ACERTO

Após o aluno terminar a soletração, os juízes conferirão as palavras. Se a soletração estiver errada, o juiz responsável acionará um apito. Se todos os participantes errarem na mesma rodada, uma nova rodada será iniciada. Se apenas um ou dois alunos errarem na mesma rodada estarão fora do jogo. Para vencer cada etapa do Concurso (inclusive a final), é necessário que o participante seja o único a soletrar corretamente naquela rodada.

9. DA PREMIAÇÃO

A Secretaria Municipal da Educação de Lages será responsável pela premiação da etapa “Final”, **nas duas categorias**. Contudo, as Unidades Escolares poderão organizar premiações nas demais etapas, se assim quiserem.

9.1. Serão premiados os alunos de cada categoria: 1º, 2º e 3º colocados, bem como seus professores e escolas.

10. DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

10.1. Cada escola é responsável pela divulgação do Concurso.

10.2. É de responsabilidade de cada escola solicitar aos pais ou responsáveis a autorização da participação do aluno na última etapa do Concurso, também chamada de “Final”.

10.3. Caso o aluno vencedor de uma etapa não compareça à etapa posterior, por qualquer motivo, este estará automaticamente eliminado do Concurso de Soletração.

10.4. Se, durante o período de realização do 1º *Soletrando*, o professor inscrito deixar de lecionar aos alunos, por qualquer motivo (licença médica, aposentadoria, afastamento ou qualquer outra razão), sua inscrição será automaticamente cancelada, sendo possível a substituição por outro professor da mesma escola.

10.5. As decisões dos juízes, em qualquer uma das etapas, serão soberanas, não se admitindo contra elas nenhum recurso.

10.6. A Coordenação do 1º *Soletrando* prestará esclarecimentos de eventuais dúvidas decorrentes deste Regulamento por meio do telefone (49)3289-6523. Casos omissos serão resolvidos pela Coordenação, cuja decisão será soberana e contra ela não caberá qualquer recurso.

10.7. Eventuais alterações a este Regulamento poderão ser realizadas a critério da Coordenação.

CRONOGRAMA

EVENTOS	PERÍODO/DATA
Inscrições – Entrega do formulário na SMEL	Até dia 24/04/2019
Disponibilização do banco de palavras	Até dia 18/04/2019
Primeira Etapa – Sala de aula	Até dia 31/05/2019
Envio da data e horário da “Semifinal” ao NEEP	Até dia 05/06/2019
Segunda Etapa – “Semifinal”	Até dia 01/07/2019
Envio dos nomes dos vencedores da “Semifinal”	Até dia 05/07/2019
Disponibilização dos contos para a “Final”	Até dia 02/07/2019
Etapa “Final” – Evento de seleção e premiação	Dia 14/08/2019



Secretaria Municipal da Educação de Lages
 Núcleo de Excelência em Educação Permanente – NEEP
 Coordenação de Língua Portuguesa
 Professora Vanessa Goulart Branco
 Contato: (49)3289-6523
 E-mail: portugues@educacaolages.sc.gov.br

ANEXO B
Banco de Palavras



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE LAGES
Estado de Santa Catarina
Secretaria Municipal da Educação



Caros Professores!

Conforme o regulamento do Concurso Soletrando, segue o banco de palavras com as sugestões de frases. Parte deste material foi construído conjuntamente pelos professores de Língua Portuguesa, durante o 2º Encontro de Educação Permanente; e a outra parte foi elaborada pelo NEEP da Secretaria Municipal de Educação.

Vale lembrar que este material é para consulta **exclusiva do(a) professor(a)**, por constar uma separação entre “fácil, intermediário e difícil”, nas duas categorias. Pela subjetividade na separação, aconselha-se que o(a) professor(a) disponibilize aos alunos apenas as palavras, ficando a pesquisa de significados, sinônimos e aplicação nas frases para um trabalho em sala de aula.

Recomenda-se também, conforme já combinado no 2º encontro, que os professores sigam atentamente as regras do regulamento, para que não haja nenhuma divergência na realização das três etapas do concurso.

Contamos com a participação de todos e desejamos um ótimo trabalho!

Abraço,

Professora Vanessa Branco

Núcleo de Excelência em Educação Permanente – NEEP

Contato: (49) 3289-6523

E-mail: portugues@educacaolages.sc.gov.br

1º SOLETRANDO – BANCO DE PALAVRAS

6º e 7º anos – NÍVEL FÁCIL

PALAVRA	FRASE
Abajur	O abajur está aceso no criado-mudo.
Absurdo	Você me disse um absurdo.
Bíblia	Esqueci minha bíblia na igreja.
Adoção	A menina foi para a adoção.
Anestesia	A anestesia é necessária antes de uma cirurgia.
Arsenal	Na favela, havia um arsenal de guerra.
Dentro	O sapato está dentro da caixa.
Honra	Será uma honra ser seu padrinho de casamento.
Enchente	Houve uma enchente na semana passada.
Hélice	A hélice do avião quebrou.
Hidráulico	A casa apresentava problema hidráulico.
Trombose	Ele teve trombose após um acidente vascular.
Troglodita	Esta terra foi habitada por troglodita.
Volátil	A ave é um animal volátil.
Reprise	Houve reprise do filme a Lagoa Azul.
Reservatório	O reservatório de água secou.
Réptil	O maior réptil que já vi foi um jacaré.
Rescisão	A rescisão dos contratos foi imediata.
Acidez	A acidez do vinagre pode alterar o sabor dos alimentos.
Taxímetro	O taxímetro acusou valor alto da corrida.
Acesso	A escola fica num lugar de difícil acesso.
Clonagem	O processo de clonagem é um avanço da ciência.
Consequências	Pense bem, ou sofrerá as consequências.
Cauteloso	Seja cauteloso ao falar.
Decotado	O vestido era decotado.
Deixar	Vou deixar a vida me levar.
Embragado	O jovem chegou embriagado após uma festa.
Embreagem	A embreagem do carro estava danificada.
Guitarra	Meu primo toca guitarra.
Ímpeto	Tive um ímpeto de sair correndo.
Guloseimas	As guloseimas da festa estavam ótimas.
Habilidoso	O menino é habilidoso com as mãos.
Imperdível	O show estava imperdível.
Táxi	Ele perdeu o táxi.
Alguém	Você está esperando alguém chegar?
Ambulância	Chame a ambulância!
Pedestre	Motorista, respeite o pedestre!
Carroça	A carroça faz muito barulho ao passar pelas ruas.
Dicionário	Pesquem as palavras desconhecidas no dicionário.
Língua	Queimei a língua.
Guerra	Paz, não guerra.
Aquário	Limpem o aquário, pobre dos peixes!
Relógio	Acerte a hora do seu relógio.
Canjica	A canjica estava deliciosa.
Jiló	O consumo de jiló traz benefícios à saúde.
Extintor	O extintor foi utilizado no incêndio.
Caatinga	A caatinga é o mais fragilizado bioma.
Mortadela	Adoro sanduíche de mortadela.
Fósforo	Você tem fósforo?
Mochila	Minha mochila rasgou.
Axilas	Lavem as axilas!
Semáforo	O semáforo fechou.
Bainha	A bainha do seu casaco descosturou.
Açude	Pesca-se muito naquele açude.
Botijão	Será necessário comprar outro botijão de gás.
Cenário	Era um verdadeiro cenário de guerra.
Pólen	O pólen da flor encobria as asas do pássaro.

Vertigem	Senti vertigem ao chegar subir aqueles degraus.
Tigela	As frutas estão na tigela azul.
Enxugar	Antes de trazer os talheres, é necessário enxugar os pratos.
Meningite	Ele sofre por conta de uma meningite.
Pedal	Quebrei o pedal da bicicleta.
Xerife	Segundo o xerife, há uma pessoa baleada.
Audacioso	Mostrou-se audacioso ao responder daquela forma.
Esbelto	Para ter um corpo esbelto, é necessário exercitar-se.
Juiz	O juiz condenou o réu.
Bugio	O bugio era alimentado pelos visitantes do parque.
Pulseira	Comprei uma pulseira de prata.
Vassoura	Pegue a vassoura, vamos limpar a casa!
Você	Você é especial!
Dançar	Hoje eu só quero dançar.
Bege	Bege é uma cor neutra.
Genro	O genro da minha vizinha é muito simpático.
Reiterar	Voltamos a reiterar a necessidade do uso de uniforme.

1º SOLETRANDO – BANCO DE PALAVRAS

6º e 7º anos – NÍVEL INTERMEDIÁRIO

PALAVRA	FRASE
Translação	O movimento de translação dá origem às estações do ano.
Sensível	Sou sensível ao frio.
Difícil	A tarefa era difícil.
Pátria	Pátria amada Brasil!
Símbolo	A pomba é o símbolo da paz.
Horta	Plantei morangos na horta.
Hortaliça	Comprei hortaliças na feira.
Lápis	Aponte o lápis!
Monge	O monge medita diariamente.
Abstrato	Parece fácil, mas essa tarefa requer pensamento abstrato.
Gasoso	O líquido gasoso não lhe caía bem.
Pêsames	Receba meus pêsames, pela perda de seu tio.
Impressão	Tenho a impressão de conhecê-lo.
Maligno	É um plano maligno.
Esquisito	Que menino esquisito!
Enxaqueca	Estava com uma enxaqueca terrível!
Refúgio	Aquela casinha era seu refúgio.
Enxoval	O enxoval está no guarda-roupa.
Frequência	Chove com frequência aqui.
Agressividade	O homem agia com agressividade.
Pneumonia	A garota suspeitava estar com pneumonia.
Umidade	A casa apresentava umidade em excesso.
Agressão	O menino sofreu agressão na rua.
Rubéola	A criança estava com rubéola.
Cirrose	Meu amigo estava com cirrose.
Alumínio	A chaleira é de alumínio.
Abusivo	Seu tom foi abusivo ao falar.
Liquidificador	Gostei muito daquele liquidificador.
Gorjeta	Dei-lhe a gorjeta.
Garçom	O garçom recebeu a gorjeta.
Bússola	A bússola aponta ao norte.
Pênalti	O jogador errou o pênalti.
Vigilância	Sempre haverá vigilância no condomínio.
Agrimensor	Formou-se engenheiro agrimensor em São Paulo.
Escamoteou	A imprensa escamoteou a informação.
Dissidente	A deputada era dissidente da base do governo.
Permissão	Não pedimos permissão para agir.

Capataz	O capataz cuida da fazenda há anos.
Guinchar	Estavam dispostos a guinchar o carro.
Agradável	A tarde foi muito agradável.
Almôndega	A almôndega estava saborosa.
Batizado	O batizado será no domingo.
Medíocre	Aquela pessoa é medíocre.
Girassol	Girassol é uma linda flor.
Sossego	Só quero sossego.
Xingar	Não devemos xingar as pessoas.
Coxilha	A Coxilha é um belo lugar.
Família	Minha família é unida.
Bochecha	Mordi minha bochecha.
Injeção	A mãe levou o garoto para tomar injeção.
Berinjela	Odeio comer berinjela.
Sarjeta	O homem caiu na sarjeta.
Técnico	O técnico do time anunciou sua saída.
Desleixo	Os funcionários agiam com desleixo.
Exposição	Haverá uma exposição de arte aqui.
Essencial	Cultivar bons hábitos é essencial à saúde.
Bactérias	Algumas bactérias podem trazer benefícios.
Pretensioso	O homem pretensioso almejava aquele cargo.
Chuchu	Chuchu é um alimento nutritivo.
Bandeja	Traga o café na bandeja.
Maçarico	Ele usou maçarico para soldar a máquina.
Noz-moscada	A noz-moscada é utilizada para temperar alimentos.
Nhoque	Gosto muito de nhoque com molho vermelho.
Ranzinza	Meu bisavô está ficando muito ranzinza.
Chafariz	Na praça havia árvores, bancos e chafariz.
Pedágio	Será cobrado pedágio nesta rodovia.
Vesícula	Farei uma cirurgia na vesícula.
Vulnerável	A população vulnerável recebia auxílio do governo.
Caligrafia	Uma boa caligrafia auxilia na compreensão.
Frustração	A frustração é um sentimento ruim.
Jesuíta	Ela nasceu numa aldeia jesuíta.
Xícara	Traga-me uma xícara de café.
Rabugice	Com certa rabugice, ele falou.
Proeza	Ele conseguiu a proeza de andar de bicicleta.

1º SOLETRANDO – BANCO DE PALAVRAS

6º e 7º anos – NÍVEL DIFÍCIL

PALAVRA	FRASE
Sensatez	Esperava-se sensatez do professor.
Psicanalista	A consulta com o psicanalista foi ontem.
Fluorescente	A substância fluorescente misturava-se à outra.
Alvorço	Houve um alvorço na sala.
Corrupção	Precisamos combater a corrupção.
Inexplicável	Este tema é inexplicável.
Infiltração	A casa apresenta infiltração.
Excelentíssimo	O Excelentíssimo Juiz iniciou a audiência.
Intercessão	Necessitamos de sua intercessão.
Luxação	Ele teve uma luxação no joelho.
Maciça	O móvel era feito de madeira maciça.
Relapso	O gerente é relapso.
Agrotóxico	O agrotóxico está acabando com as plantações.
Agroexportação	A agroexportação cresceu no Brasil.
Alcoólica	O consumo de bebida alcoólica é prejudicial à saúde.
Pusilânime	Aquele homem é pusilânime.
Introspecção	Sua introspecção prejudicava o trabalho.

Exceção	Com exceção daquela turma, todas viajarão.
Resiliência	É preciso ter resiliência.
Helicóptero	O helicóptero decolou ontem.
Sobrancelhas	Ela tem sobrancelhas lindas.
Hexágono	Quantos lados possui um hexágono?
Semiárido	O solo é semiárido.
Acréscimo	Haverá um acréscimo na parcela do financiamento.
Mendigo	Ajudem aquele mendigo!
Cuspir	É falta de educação cuspir no chão.
Assembleia	Hoje haverá uma assembleia no sindicato.
Autorretrato	Faça seu autorretrato.
Óbvio	Era óbvio que seu comportamento seria aquele.
Plissado	Ela usava vestido plissado.
Extorsão	Extorsão é crime.
Cnidários	Os cnidários são exclusivamente marinhos.
Subdesenvolvimento	Muitos países estão na linha do subdesenvolvimento.
Assessor	O assessor do deputado deu explicações ao cidadão.
Extinção	Vários animais estão em extinção.
Fascínio	Olhava para ela com fascínio.
Lisonjeado	Sinto-me lisonjeado com sua fala.
Exótico	Seu estilo era exótico e irreverente.
Ingênuo	Fui ingênuo ao acreditar em você.
Marrom	Marrom é minha cor favorita.
Jejum	Quaresma é época de jejum.
Miçanga	Comprei miçanga para ornamentar o colar.
Tórax	Senti uma forte dor no tórax.
Encarocado	Meu braço estava encarocado.
Ágil	Ela era ágil no trabalho.
Escassez	Se não economizarmos, haverá escassez de água.
Alvéolo	Parecia haver algum problema em seu alvéolo pulmonar.
Reivindicação	A reivindicação do grupo será atendida.
Oscilação	Há certa oscilação em seus batimentos cardíacos.
Mimeógrafo	O mimeógrafo era muito utilizado pelos professores.
Hexassílabo	O verso hexassílabo completava o poema.
Incenso	Acenderei um incenso nesta sala.
Omissão	A omissão pode ser a causa de muitas tragédias.
Circuito	Faremos um circuito de poesias.
Amaldiçoado	O dinheiro que recebeu está amaldiçoado.
Desonroso	Sua renúncia foi um ato desonroso.
Isenção	Haverá isenção na taxa de luz.
Cérebro	O bebê apresentava uma deformidade no cérebro.
Detenção	Sua pena será de 12 meses de detenção.
Achincalhar	Algumas pessoas criam notícias para achincalhar os outros.
Ênfase	Daremos ênfase ao assunto solicitado.
Hemorragia	O primeiro sintoma foi uma forte hemorragia.
Espaçoso	Aquele local era espaçoso e arejado.
Problema	Para cada problema, uma solução.
Ansioso	Ele estava ansioso para viajar.
Paralelepípedo	O paralelepípedo já estava desgastado naquela rua.
Espontâneo	Seu modo de agir era espontâneo.
Bíceps	Aquele rapaz exercita-se para fortalecer o bíceps.
Xadrez	O jogo de xadrez requer muita concentração.
Glacê	O glacê do bolo estava delicioso.
Bênção	Um filho é uma bênção para a família.
Têxtil	A indústria têxtil cresce a cada dia.
Enriquecer	O único objetivo dele era enriquecer.
Holofote	Sua exigência no palco era apenas holofote.

1º SOLETRANDO – BANCO DE PALAVRAS

8º e 9º anos – NÍVEL FÁCIL

PALAVRA	FRASE
Projeto	Complete logo seu projeto!
Instrumento	O piano é um instrumento clássico.
Machucar	O amor pode machucar.
Objeto	Tínhamos um objeto valioso.
Ânsia	A aparência da comida causava-lhe ânsia.
Sorrateiro	O ladrão foi sorrateiro ao invadir a casa.
Denúncia	Ela registrou a denúncia na delegacia.
Crendice	Os novos moradores estranhavam a crendice do local.
Hipoteca	Os herdeiros não conseguiam pagar a hipoteca.
Agrícola	No campo, utiliza-se máquina agrícola.
Agressivo	Ele era agressivo com os próprios amigos.
Agente	O agente de polícia é competente.
Mobília	A mobília da casa está nova.
Intenção	Sua intenção era rever os amigos.
Gengiva	É preciso cuidar bem dos dentes e da gengiva.
Gengibre	Gengibre é bom para a garganta.
Funcho	Chá de funcho é bom para dor de barriga.
Fralda	O bebê ainda usa fralda.
Fragrância	Esse perfume tem ótima fragrância.
Estorvar	Ele gosta de estorvar a aula.
Esôfago	Ele estava com dor no esôfago.
Espalmava	O pássaro espalmava suas asas.
Enxergar	Ela mal consegue enxergar sem óculos.
Enxurrada	A forte enxurrada chega a arrastar veículos.
Desembarque	O desembarque é no portão “D”.
Dedilhava	Dedilhava acordes de uma valsa.
Compreensão	Minha compreensão de inglês é mínima.
Conciso	Produza um texto conciso.
Cálice	O padre toma meio cálice de vinho durante a missa.
Camurça	O casaco era de camurça.
Depressão	A mulher sofria de depressão.
Corrupto	O político era corrupto.
Desidratar	Tome água para não desidratar.
Infestação	Instale telas nas janelas para evitar a infestação de moscas.
Magistério	Ela concluiu o curso de magistério.
Ofensa	O que ele disse foi uma ofensa.
Munição	O policial ficou sem munição.
Guirlanda	Coloquei uma guirlanda na porta.
Bagaço	Ela retirou o bagaço da laranja.
Rubrica	Precisamos de sua rubrica neste documento.
Necessário	Estudar é necessário.
Exagero	Há hábitos que representam certo exagero.
Luxúria	A luxúria é um dos sete pecados capitais.
Relíquia	Meu carro é uma relíquia
Absurdo	O preço da casa é um absurdo!
Alérgico	O garoto é alérgico a leite.
Expulsão	Fomos contra a expulsão do jogador.
Trovejar	À noite, começou a trovejar.
Oxítone	A palavra oxítone possui a última sílaba tônica.
Filantropia	A prática da filantropia auxilia muitas famílias.
Gratuita	A entrada era gratuita.
Compacto	O carro é compacto.
Consórcio	Eu fiz o consórcio do carro.
Fictício	O autor usava nome fictício.
Torácico	Ele teve traumatismo torácico.
Sucinto	Seu discurso foi claro e sucinto.
Enxerido	Aquele garoto é muito enxerido.

Através	Víamos através da janela.
Antissocial	Os vizinhos o consideravam antissocial.
Beneficente	O jantar será beneficente.
Mexer	Não é permitido mexer no maquinário.
Escorraçar	Tinha um péssimo hábito de escorraçar as pessoas de sua casa.
Hospício	A indicação é que ele fosse internado em um hospício.
Insosso	O jantar estava insosso.
Perspicaz	O professor era atencioso e perspicaz.
Obliquo	Traçou um ângulo obliquo, mas deveria ser reto.
Prateleira	Coloque os livros na prateleira.
Esboço	Na próxima aula, faremos um esboço do trabalho.
Necessário	Não será necessário trazer o livro.
Sinusite	Meu irmão sofre com uma forte sinusite.
Acessível	O valor do ingresso terá valor acessível a todos.
Pescoço	Acordei com dor intensa no pescoço.
Ensolarado	O dia está ensolarado hoje.
Excelente	Seu trabalho está excelente.

1º SOLETRANDO – BANCO DE PALAVRAS

8º e 9º anos – NÍVEL INTERMEDIÁRIO

PALAVRA	FRASE
Ecumênico	O culto ecumênico iniciou às 9 horas.
Encruzilhada	O acidente ocorreu na encruzilhada.
Cangaço	A vida no cangaço era difícil.
Estampido	O estampido do trovão nos apavorou.
Inflação	A inflação tem subido nos últimos meses.
Espreguiçar	Costumo me espreguiçar antes de levantar.
Incisão	O cirurgião já fez a incisão.
Indulgência	Não se previa indulgência àquelas pessoas.
Ambíguo	A palavra apresentava sentido ambíguo.
Abafado	Este lugar está abafado.
Azucrinar	Não se pode azucrinar nas aulas.
Feminicídio	Há muitos casos de feminicídio no Brasil.
Balbúrdia	Não é permitido balbúrdia nas aulas.
Implícita	A informação estava implícita.
Hipnose	A hipnose é uma técnica de relaxamento profundo.
Hipertensão	O médico diagnosticou hipertensão.
Compusesse	O diretor solicitou que o artista compusesse uma canção.
Camuflagem	O camaleão utiliza a camuflagem para esconder-se da presa.
Alienígena	A mulher garante que avistou um alienígena.
Explícito	O argumento da gerente estava explícito.
Abstinência	Na quaresma é comum fazer abstinência de carne.
Exagero	Há hábitos que representam certo exagero.
Hipócrita	Impossível aturar gente hipócrita.
Ignorância	A ignorância deve ser combatida.
Flagrante	O ladrão foi pego em flagrante.
Exoneração	O funcionário solicitou sua exoneração.
Magnificência	Vossa Magnificência já chegou para a solenidade?
Pichação	A pichação aumenta a cada dia nas grandes cidades.
Compulsão	O garoto tinha compulsão por chocolates.
Irreversível	Este caso é irreversível.
Absorção	O organismo teve ótima absorção de nutrientes.
Acesso	Todos deveriam ter acesso ao ensino superior.
Denegrir	Vive a tentar denegrir o caráter do homem.
Deplorável	Há hospitais públicos em estado deplorável.
Itinerante	O circo itinerante foi um sucesso.
Iogurte	Adoro iogurte de morango.
Cítrica	A laranja é uma fruta cítrica.

Companhia	Chegou em boa companhia.
Cronômetro	O cronômetro indicava o fim da prova.
Crucifixo	Ganhei um pingente com um crucifixo.
Absoluta	Você tem certeza absoluta?
Psicólogo	O psicólogo abriu um consultório.
Espionagem	Foi descoberta em sua espionagem.
Imposição	Vimos a imposição do governo.
Extremo	O frio na Cordilheira dos Andes é extremo.
Intenção	A intenção era auxiliar os desabrigados.
Micro-ondas	Utilizou o forno micro-ondas para aquecer o almoço.
Adolescência	A fase da adolescência traz inúmeras descobertas.
Acessório	A bolsa é um acessório muito utilizado pelas mulheres.
Extraordinário	Seu posicionamento foi extraordinário.
Alçapão	O alçapão dava acesso a um recinto misterioso.
Misticismo	O Brasil é um país de misticismo.
Contíguos	Os países contíguos fizeram um acordo.
Fulcral	Foi o ponto fulcral da mostra.
Prosaico	Era um discurso prosaico.
Fibromialgia	O paciente foi diagnosticado com fibromialgia.
Jerimum	O jerimum é típico do nordeste.
Simbiose	Observe a simbiose entre o artista e a obra.
Dissidência	Representava a dissidência do governo.
Hipocondríaco	Não se pode enganar o paciente por achar que ele é hipocondríaco.
Ventriculo	Ele sofre de uma doença que torna as paredes do ventriculo mais rígidas.
Consciência	Eles têm consciência das suas responsabilidades.
Guidom	Com a queda, o guidom entortou.
Torcicolo	O competidor afirmou que estava com torcicolo e ficou fora da disputa.
Suspensão	A suspensão do jogador causou rebuliço na torcida.
Experiência	Para assumir a vaga é necessário comprovar experiência.
Diagnóstico	O diagnóstico do médico era duvidoso.
Exímio	Era um exímio leitor.
Privilégio	É um privilégio estarmos nesta reunião.
Tireoide	Ela faz um tratamento contra tireoide.
Erupção	A cidade ficou soterrada com a erupção do vulcão Vesúvio.
Espionar	Ela foi acusada de tentar espionar as instalações nucleares.
Apêndice	Outras informações constam no apêndice.
Hipótese	A hipótese não foi comprovada.

1º SOLETRANDO – BANCO DE PALAVRAS

8º e 9º anos – NÍVEL DIFÍCIL

PALAVRA	FRASE
Irreversibilidade	Sua doença apresentava sério
Termodinâmica	Existe um tipo de tecnologia chamada solar termodinâmica.
Escrutínio	Após o escrutínio, o vencedor da eleição será anunciado.
Excêntrico	Ele é muito excêntrico.
Interceptação	Houve interceptação das mercadorias.
Excursão	Organizamos uma excursão para Goiás.
Ressurreição	Na Páscoa comemora-se a ressurreição de Cristo.
Hipnotizar	Há várias técnicas para hipnotizar uma pessoa.
Anti-inflamatório	O médico prescreveu um anti-inflamatório para o paciente.
Oxibiodegradável	O plástico oxibiodegradável é menos prejudicial à natureza.
Epígrafe	Leia novamente a epígrafe.
Psicomotricidade	É ideal o desenvolvimento da psicomotricidade na fase de alfabetização.
Mixórdia	Essa mixórdia não vai fazer a população mudar de opinião.
Excelência	Apresentou um trabalho de excelência.
Desatracaram	As embarcações desatracaram ao amanhecer.

Abcesso	Ele tinha um abcesso na pele.
Estafilococo	Ele possui a bactéria estafilococo.
Hematopoiético	O tecido hematopoiético produz células sanguíneas.
Hipermetropia	O médico diagnosticou hipermetropia no paciente.
Esquistossomose	Vários sintomas são provocados pela esquistossomose.
Desígnio	Precisamos de um desígnio.
Microscópicos	Vários seres microscópicos estão presentes no ar.
Abstracionismo	Hoje estudamos o abstracionismo.
Espermatozoide	O espermatozoide fecundou o óvulo.
Intoxicação	Ele está com intoxicação alimentar.
Discernimento	Você precisa ter discernimento de certo e errado.
Obsessão	Ela tem obsessão por batom.
Inconscientemente	Inconscientemente ela reagiu mal.
Ficção	O livro era de ficção.
Ojeriza	Seu olhar causou ojeriza.
Abdômen	Recebeu uma pancada em seu abdômen.
Hermética	Sua arte era hermética.
Adjacência	Existem várias farmácias nas adjacências.
Energúmeno	Xingaram-me de energúmeno.
Displicência	O paciente morreu por displicência do médico.
Exsicata	Os alunos de Biologia produziram uma exsicata.
Abscisão	O eucalipto tem abscisão das suas folhas.
Carcinogênica	Aquela substância é carcinogênica.
Cissiparidade	Os organismos se reproduzem por cissiparidade.
Cassação	O Tribunal confirmou sua cassação.
Autóctone	A população autóctone vivia em péssimas condições.
Excesso	Cuidado com o excesso de velocidade!
Ignóbil	Seu comportamento ignóbil afeta a sociedade.
Aborígene	Ele tinha demonstrado interesse pela comunidade aborígene da cidade.
Octogésimo	Ele foi o octogésimo colocado na disputa.
Ignição	O carro apresentava problemas na ignição.
Inadmissível	É inadmissível agir dessa forma.
Eletricista	Precisaremos de um eletricista.
Coincidência	Seria muita coincidência encontrá-la lá.
Quisesse	Nem se eu quisesse, poderia ir.
Mesóclise	Há muitos livros que explicam a utilização da mesóclise.
Expectorante	O xarope expectorante fará efeito rápido.
Meteorologista	Segundo o meteorologista, choverá forte amanhã.
Beneficência	O dinheiro será destinado à beneficência.
Reminiscências	As fotos são apenas reminiscências de sua infância
Hiperacidez	Alguns alimentos possuem hiperacidez.
Ventriloquo	Ela ensina a fazer truques de mágica e até a ser ventriloquo.
Esdrúxulo	Seu estilo era esdrúxulo.
Subsídio	Necessitamos de subsídio para concluir a obra.
Ascensão	O Windows 7 chegou em meio à ascensão dos netbooks.
Expectativa	Tinha expectativa conseguir aquele emprego.
Sexagésimo	Foi o sexagésimo na disputa.
Oftalmologista	O oftalmologista recomendou repouso absoluto.
Octaedro	Os alunos construíram um octaedro na aula de Matemática.
Exacerbado	Seu comportamento demonstrava um egoísmo exacerbado.
Fúcsia	Uma jaqueta fúcsia combina com blusa branca.
Abscissa	A abscissa é estudada nas aulas de Matemática.
Exigência	Uma exigência era possuir Ensino Médio completo.
Vicissitude	Ele disse que mudar de país não foi uma escolha, mas uma vicissitude.
Esternocleidomastoideo	Sentia uma forte dor no esternocleidomastoideo.
Perscrutar	O investigador estava apto a perscrutar a vida do presidente.
Tergiversar	Não se trata de limitar as vagas, como muitos procuram tergiversar.
Capcioso	O questionamento era capcioso.
Idiosincrasia	Idiosincrasia é uma característica comportamental.

ANEXO C

Conto (Categoria 1)



CONTO SELECIONADO PARA A ETAPA FINAL DO 1º SOLETRANDO/ 2019
CATEGORIA 1 (6º e 7º anos)

As mãos de meu filho

Érico Veríssimo

Todos aqueles homens e mulheres ali na plateia sombria parecem apagados habitantes dum submundo, criaturas sem voz nem movimento, prisioneiros de algum perverso sortilégio. Centenas de olhos estão fitos na zona luminosa do palco. A luz circular do refletor envolve o pianista e o piano, que neste instante formam um só corpo, um monstro todo feito de nervos sonoros.

Beethoven.

Há momentos em que o som do instrumento ganha uma qualidade profundamente humana. O artista está pálido à luz de cálcio. Parece um cadáver. Mas mesmo assim é uma fonte de vida, de melodias, de sugestões — a origem dum mundo misterioso e rico. Fora do círculo luminoso pesa um silêncio grave e parado.

Beethoven lamenta-se. É feio, surdo, e vive em conflito com os homens. A música parece escrever no ar estas palavras em doloroso desenho. *Tua carta me lançou das mais altas regiões da felicidade ao mais profundo abismo da desolação e da dor. Não serei, pois, para ti e para os demais, senão um músico? Será então preciso que busque em mim mesmo o necessário ponto de apoio, porque fora de mim não encontro em quem me amparar. A amizade e os outros sentimentos dessa espécie não serviram senão para deixar malferido o meu coração. Pois que assim seja, então! Para ti, pobre Beethoven, não há felicidade no exterior; tudo terá que buscar dentro de ti mesmo. Tão-somente no mundo ideal é que poderás achar a alegria.*

Adágio. O pianista sofre com Beethoven, o piano estremece, a luz mesma que os envolve parece participar daquela mágoa profunda.

Num dado momento as mãos do artista se imobilizam. Depois caem como duas asas cansadas. Mas de súbito, ágeis e fúteis, começam a brincar no teclado. Um *scherzo*. A vida é alegre. Vamos sair para o campo, dar a mão às raparigas em flor e dançar com elas ao sol... A melodia, no entanto, é uma superfície leve, que não consegue esconder o desespero que tumultua nas profundezas. Não obstante, o claro jogo continua. A música saltitante se esforça por ser despreocupada e ter alma leve. É uma dança pueril em cima duma sepultura. Mas de repente, as águas represadas rompem todas as barreiras, levam por diante a cortina vaporosa e ilusória, e num estrondo se espriam numa melodia agitada de desespero. O pianista se transfigura. As suas mãos galopam agitadamente sobre o teclado como brancos cavalos selvagens. Os sons sobem no ar, enchem o teatro, e para cada uma daquelas pessoas do submundo eles têm uma significação especial, contam uma história diferente.

Quando o artista arranca o último acorde, as luzes se acendem. Por alguns rápidos segundos há como que um hiato, e dir-se-ia que os corações param de bater. Silêncio. Os sub-homens sobem à tona da vida. Desapareceu o mundo mágico e circular formado pela luz do refletor. O pianista está agora voltado para a plateia, sorrindo lividamente, como um ressuscitado. O fantasma de Beethoven foi exorcizado. Rompem os aplausos.

Dentro de alguns momentos torna a apagar-se a luz. Brota de novo o círculo mágico.
Suggestion Diabolique.

D. Margarida tira os sapatos que lhe apertam os pés, machucando os calos.

Não faz mal. Estou no camarote. Ninguém vê.

Mexe os dedos do pé com delícia. Agora sim, pode ouvir melhor o que ele está tocando, ele, o seu Gilberto. Parece um sonho... Um teatro deste tamanho. Centenas de pessoas finas, bem vestidas, perfumadas, os homens de preto, as mulheres com vestidos decotados — todos parados, mal respirando, dominados pelo seu filho, pelo Betinho!

D. Margarida olha com o rabo dos olhos para o marido. Ali está ele a seu lado, pequeno, encurvado, a calva a reluzir foscamente na sombra, a boca entreaberta, o ar pateta. Como fica ridículo nesse smoking! O pescoço descarnado, dançando dentro do colarinho alto e duro, lembra um palhaço de circo.

D. Margarida esquece o marido e torna a olhar para o filho. Admira-lhe as mãos, aquelas mãos brancas, esguias e ágeis. E como a música que o seu Gilberto toca é difícil demais para ela compreender, sua atenção borboleteia, pousa no teto do teatro, nos camarotes, na cabeça duma senhora lá embaixo (aquele diadema será de brilhantes legítimos?) e depois torna a deter-se no filho. E nos seus pensamentos as mãos compridas do rapaz diminuem, encolhem, e de novo Betinho é um bebê de quatro meses que acaba de fazer uma descoberta maravilhosa: as suas mãos... Deitado no berço, com os dedinhos meio murchos diante dos olhos parados, ele contempla aquela coisa misteriosa, solta gluglus de espanto, mexe os dedos dos pés, com os olhos sempre fitos nas mãos...

De novo D. Margarida volta ao triste passado. Lembra-se daquele horrível quarto que ocupavam no inverno de 1915. Foi naquele ano que o Inocência começou a beber. O frio foi a desculpa. Depois, o coitado estava desempregado... Tinha perdido o lugar na fábrica. Andava caminhando à toa o dia inteiro. Más companhias. "Ó Inocência, vamos tomar um traguinho?" Lá se iam, entravam no primeiro boteco. E vá cachaça! Ele voltava para casa fazendo um esforço desesperado para não cambalear. Mas mal abria a boca, a gente sentia logo o cheiro de caninha. "Com efeito, Inocência! Você andou bebendo outra vez!" Ah, mas ela não se abatia. Tratava o marido como se ele tivesse dez anos e não trinta. Metia-o na cama. Dava-lhe café bem forte sem açúcar, voltava apara a Singer, e ficava pedalando horas e horas. Os galos já estavam cantando quando ela ia deitar, com os rins doloridos, os olhos ardendo. Um dia...

De súbito os sons do piano morrem. A luz se acende. Aplausos. D. Margarida volta ao presente. Ao seu lado Inocência bate palmas, sempre de boca aberta, os olhos cheios de lágrimas, pescoço vermelho e pregueado, o ar humilde... Gilberto faz curvaturas para o público, sorri, alisa os cabelos. ("Que lindos cabelos tem o meu filho, queria que a senhora visse, comadre, crespinhos, vai ser um rapagão bonito".)

A escuridão torna a submergir a plateia. A luz fantástica envolve pianista e piano. Algumas notas saltam, como projéteis sonoros.

Navarra.

Embalada pela música (esta sim, a gente entende um pouco), D. Margarida volta ao passado.

Como foram longos e duros aqueles anos de luta! Inocência sempre no mau caminho. Gilberto crescendo. E ela pedalando, pedalando, cansando os olhos; a dor nas costas aumentando, Inocência arranjava empreguinhos de ordenado pequeno. Mas não tinha constância, não tomava interesse. O diabo do homem era mesmo preguiçoso. O que queria era andar na calaçaria, conversando pelos cafés, contando histórias, mentindo...

— Inocência, quando é que tu crias juízo?

O pior era que ela não sabia fazer cenas. Achava até graça naquele homenzinho encurvado, magro, desanimado, que tinha crescido sem jamais deixar de ser criança. No fundo o que ela tinha era pena do marido. Aceitava a sua sina. Trabalhava para sustentar a casa, pensando sempre no futuro de Gilberto. Era por isso que a Singer funcionava dia e noite. Graças a Deus nunca lhe faltava trabalho.

Um dia Inocência fez uma proposta:

— Escuta aqui, Margarida. Eu podia te ajudar nas costuras...

— Minha Nossa! Será que tu queres fazer casas ou pregar botões?

— Olha, mulher. (Como ele estava engraçado, com sua cara de fuinha, procurando falar a sério!) Eu podia cobrar as contas e fazer a tua escrita.

Ela desatou a rir. Mas a verdade é que Inocêncio passou a ser o seu cobrador. No primeiro mês a cobrança saiu direitinho. No segundo mês o homem relaxou... No terceiro, bebeu o dinheiro da única conta que conseguira cobrar.

Mas D. Margarida esquece o passado. Tão bonita a música que Gilberto está tocando agora... E como ele se entusiasma! O cabelo lhe cai sobre a testa, os ombros dançam, as mãos dançam... Quem diria que aquele moço ali, pianista famoso, que recebe os aplausos de toda esta gente, doutores, oficiais, capitalistas, políticos... o diabo! — é o mesmo menino da rua da Olaria que andava descalço brincando na água da sarjeta, correndo atrás da banda de música da Brigada Militar...

De novo a luz. As palmas. Gilberto levanta os olhos para o camarote da mãe e lhe faz um sinal breve com a mão, ao passo que seu sorriso se alarga, ganhando um brilho particular. D. Margarida sente-se sufocada de felicidade. Mexe alvoroçadamente com os dedos do pé, puro contentamento. Tem ímpetos de erguer-se no camarote e gritar para o povo: "Vejam, é o meu filho! O Gilberto. O Betinho! Fui eu que lhe dei de mamar! Fui eu que trabalhei na Singer para sustentar a casa, pagar o colégio para ele! Com estas mãos, minha gente. Vejam! Vejam!"

A luz se apaga. E Gilberto passa a contar em terna surdina as mágoas de Chopin.

No fundo do camarote Inocêncio medita. O filho sorriu para a mãe. Só para a mãe. Ele viu... Mas não tem direito de se queixar... O rapaz não lhe deve nada. Como pai ele nada fez. Quando o público aplaude Gilberto, sem saber está aplaudindo também Margarida. Cinquenta por cento das palmas devem vir para ela. Cinquenta ou sessenta? Talvez sessenta. Se não fosse ela, era possível que o rapaz não desse para nada. Foi o pulso de Margarida, a energia de Margarida, a fé de Margarida que fizeram dele um grande pianista.

Na sombra do camarote, Inocêncio sente que ele não pode, não deve participar daquela glória. Foi um mau marido. Um péssimo pai. Viveu na vagabundagem, enquanto a mulher se matava no trabalho. Ah! Mas como ele queria bem ao rapaz, como ele respeitava a mulher! Às vezes, quando voltava para casa, via o filho dormindo. Tinha um ar tão confiado, tão tranquilo, tão puro, que lhe vinha vontade de chorar. Jurava que nunca mais tornaria a beber, prometia a si mesmo emendar-se. Mas qual! Lá vinha um outro dia e ele começava a sentir aquela sede danada, aquela espécie de cócegas na garganta. Ficava com a impressão de que se não tomasse um traguinho era capaz de estourar. E depois havia também os maus companheiros. O Maneca. O José Pinto. O Bebe-Fogo. Convidavam, insistiam... No fim de contas ele não era nenhum santo.

Inocêncio contempla o filho. Gilberto não puxou por ele. A cara do rapaz é bonita, franca, aberta. Puxou pela Margarida. Graças a Deus. Que belas coisas lhe reservará o futuro? Daqui para diante é só subir. A porta da fama é tão difícil, mas uma vez que a gente consegue abri-la... adeus! Amanhã decerto o rapaz vai aos Estados Unidos... É capaz até de ficar por lá... esquecer os pais. Não. Gilberto nunca esquecerá a mãe. O pai, sim... E é bem-feito. O pai nunca teve vergonha. Foi um patife. Um vadio. Um bêbedo.

Lágrimas brotam nos olhos de Inocêncio. Diabo de música triste! O Betinho devia escolher um repertório mais alegre.

No atarantamento da comoção, Inocêncio sente necessidade de dizer alguma coisa. Inclina o corpo para a frente e murmura:

— Margarida...

A mulher volta para ele uma cara séria, de testa enrugada.

— Chit!

Inocêncio recua para a sua sombra. Volta aos seus pensamentos amargos. E torna a chorar de vergonha, lembrando-se do dia em que, já mocinho Gilberto lhe disse aquilo. Ele quer esquecer aquelas palavras, quer afugentá-las, mas elas lhe soam na memória, queimando como fogo, fazendo suas faces e suas orelhas arderem.

Ele tinha chegado bêbedo em casa. Gilberto olhou-o bem nos olhos e disse sem nenhuma piedade:

— Tenho vergonha de ser filho dum bêbedo!

Aquilo lhe doeu. Foi como uma facada, dessas que não só cortam as carnes como também rasgam a alma. Desde esse dia ele nunca mais bebeu.

No saguão do teatro, terminado o concerto, Gilberto recebe cumprimentos dos admiradores. Algumas moças o contemplam deslumbradas. Um senhor gordo e alto, muito bem vestido, diz-lhe com voz profunda:

— Estou impressionado, impressionadíssimo. Sim senhor! Gilberto enlaça a cintura da mãe:

— Reparto com minha mãe os aplausos que eu recebi esta noite... Tudo que sou, devo a ela.

— Não diga isso, Betinho!

D. Margarida cora. Há no grupo um silêncio comovido. Depois rompe de novo a conversa. Novos admiradores chegam.

Inocência, de longe, olha as pessoas que cercam o filho e a mulher. Um sentimento aniquilador de inferioridade o esmaga, toma-lhe conta do corpo e do espírito, dando-lhe uma vergonha tão grande como a que sentiria se estivesse nu, completamente nu ali no saguão.

Afasta-se na direção da porta, num desejo de fuga. Sai. Olha a noite, as estrelas, as luzes da praça, a grande estátua, as árvores paradas... Sente uma enorme tristeza. A tristeza desalentada de não poder voltar ao passado... Voltar para se corrigir, para passar a vida a limpo, evitando todos os erros, todas as misérias...

O porteiro do teatro, um mulato de uniforme cáqui, caminha dum lado para outro, sob a marquise.

— Linda noite! — diz Inocência, procurando puxar conversa.

O outro olha o céu e sacode a cabeça, concordando.

— Linda mesmo.

Pausa curta.

— Não vê que sou o pai do moço do concerto...

— Pai? Do pianista?

O porteiro pára, contempla Inocência com um ar incrédulo e diz:

— O menino tem os pulsos no lugar. É um bicharedo.

Inocência sorri. Sua sensação de inferioridade vai-se evaporando aos poucos.

— Pois imagine como são as coisas — diz ele. — Não sei se o senhor sabe que nós fomos muito pobres... Pois é. Fomos. Roemos um osso duro. A vida tem coisas engraçadas. Um dia... o Betinho tinha seis meses... umas mãozinhas assim deste tamanho... nós botamos ele na nossa cama. Minha mulher dum lado, eu do outro, ele no meio. Fazia um frio de rachar. Pois o senhor sabe o que aconteceu? Eu senti nas minhas costas as mãozinhas do menino e passei a noite impressionado, com medo de quebrar aqueles dedinhos, de esmagar aquelas carninhas. O senhor sabe, quando a gente está nesse dorme-não-dorme, fica o mesmo que tonto, não pensa direito. Eu podia me levantar e ir dormir no sofá. Mas não. Fiquei ali no duro, de olho mal e mal aberto, preocupado com o menino. Passei a noite inteira em claro, com a metade do corpo para fora da cama. Amanheci todo dolorido, cansado, com a cabeça pesada. Veja como são as coisas... Se eu tivesse esmagado as mãos do Betinho hoje ele não estava aí tocando essas músicas difíceis... Não podia ser o artista que é.

Cala-se. Sente agora que pode reclamar para si uma partícula da glória do seu Gilberto. Satisfeito consigo mesmo e com o mundo, começa a assobiar baixinho. O porteiro contempla-o em silêncio. Arrebatado de repente por uma onda de ternura, Inocência tira do bolso das calças uma nota amarrotada de cinquenta mil-réis e mete-a na mão do mulato.

— Para tomar um traguinho — cochicha.

E fica, todo excitado, a olhar para as estrelas.

Texto publicado no livro "Contos", Editora Globo — Rio de Janeiro, 1983, e posteriormente em "Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século", por Ítalo Moriconi, Editora Objetiva — Rio de Janeiro, 2000, pág. 173.

ANEXO D

Conto (Categoria 2)



CONTO SELECIONADO PARA A ETAPA FINAL DO 1º SOLETRANDO/ 2019
CATEGORIA 2 (8º e 9º anos)

O homem que sabia javanês*Lima Barreto*

Em uma confeitaria, certa vez, ao meu amigo Castro, contava eu as partidas que havia pregado às convicções e às respeitabilidades, para poder viver.

Houve mesmo, uma dada ocasião, quando estive em Manaus, em que fui obrigado a esconder a minha qualidade de bacharel, para mais confiança obter dos clientes, que afluíam ao meu escritório de feiticeiro e adivinho. Contava eu isso.

O meu amigo ouvia-me calado, embevecido, gostando daquele meu Gil Blas vivido, até que, em uma pausa da conversa, ao esgotarmos os copos, observou a esmo:

—Tens levado uma vida bem engraçada, Castelo!

—Só assim se pode viver... Isto de uma ocupação única: sair de casa a certas horas, voltar a outras, aborrece, não achas? Não sei como me tenho aguentado lá, no consulado!

—Cansa-se; mas, não é disso que me admiro. O que me admira, é que tenhas corrido tantas aventuras aqui, neste Brasil imbecil e burocrático.

—Qual! Aqui mesmo, meu caro Castro, se podem arranjar belas páginas de vida. Imagina tu que eu já fui professor de javanês!

—Quando? Aqui, depois que voltaste do consulado?

—Não; antes. E, por sinal, fui nomeado cônsul por isso.

—Conta lá como foi. Bebes mais cerveja?

—Bebo.

Mandamos buscar mais outra garrafa, enchemos os copos, e continuei:

—Eu tinha chegado havia pouco ao Rio estava literalmente na miséria. Vivia fugido de casa de pensão em casa de pensão, sem saber onde e como ganhar dinheiro, quando li no *Jornal do Commercio* o anúncio seguinte:

"Precisa-se de um professor de língua javanesa. Cartas, etc."

Ora, disse cá comigo, está ali uma colocação que não terá muitos concorrentes; se eu capiscasse quatro palavras, ia apresentar-me. Saí do café e andei pelas ruas, sempre a imaginar-me professor de javanês, ganhando dinheiro, andando de bonde e sem encontros desagradáveis com os "cadáveres". Insensivelmente dirigi-me à Biblioteca Nacional. Não sabia bem que livro iria pedir; mas, entrei, entreguei o chapéu ao porteiro, recebi a senha e subi. Na escada, acudiu-me pedir a *Grande Encyclopédie*, letra J, a fim de consultar o artigo relativo a Java e a língua javanesa. Dito e feito. Fiquei sabendo, ao fim de alguns minutos, que Java era uma grande ilha do arquipélago de Sonda, colônia holandesa, e o javanês, língua aglutinante do grupo maleo-polinésico, possuía uma literatura digna de nota e escrita em caracteres derivados do velho alfabeto hindu.

A *Encyclopédie* dava-me indicação de trabalhos sobre a tal língua malaia e não tive dúvidas em consultar um deles. Copiei o alfabeto, a sua pronúncia figurada e saí. Andei pelas ruas, perambulando e mastigando letras.

Na minha cabeça dançavam hieróglifos; de quando em quando consultava as minhas notas; entrava nos jardins e escrevia estes calungas na areia para guardá-los bem na memória e habituar a mão a escrevê-los.

À noite, quando pude entrar em casa sem ser visto, para evitar indiscretas perguntas do encarregado, ainda continuei no quarto a engolir o meu "a-b-c" malaio, e, com tanto afinco levei o propósito que, de manhã, o sabia perfeitamente.

Convenci-me que aquela era a língua mais fácil do mundo e saí; mas não tão cedo que não me encontrasse com o encarregado dos alugueis dos cômodos:

—Senhor Castelo, quando salda a sua conta?

Respondi-lhe então eu, com a mais encantadora esperança:

—Breve... Espere um pouco... Tenha paciência... Vou ser nomeado professor de javanês, e...

Por aí o homem interrompeu-me:

—Que diabo vem a ser isso, Senhor Castelo?

Gostei da diversão e ataquei o patriotismo do homem:

—É uma língua que se fala lá pelas bandas do Timor. Sabe onde é?

Oh! alma ingênua! O homem esqueceu-se da minha dívida e disse-me com aquele falar forte dos portugueses:

—Eu cá por mim, não sei bem; mas ouvi dizer que são umas terras que temos lá para os lados de Macau. E o senhor sabe isso, Senhor Castelo?

Animado com esta saída feliz que me deu o javanês, voltei a procurar o anúncio. Lá estava ele. Resolvi animosamente propor-me ao professorado do idioma oceânico. Redigi a resposta, passei pelo *Jornal* e lá deixei a carta. Em seguida, voltei à biblioteca e continuei os meus estudos de javanês. Não fiz grandes progressos nesse dia, não sei se por julgar o alfabeto javanês o único saber necessário a um professor de língua malaia ou se por ter me empenhado mais na bibliografia e história literária do idioma que ia ensinar.

Ao cabo de dois dias, recebia eu uma carta para ir falar ao doutor Manuel Feliciano Soares Albernaz, Barão de Jacuecanga, à Rua Conde de Bonfim, não me recordo bem que número. É preciso não te esqueceres que entrementes continuei estudando o meu malaio, isto é, o tal javanês. Além do alfabeto, fiquei sabendo o nome de alguns autores, também perguntar e responder "como está o senhor?" - e duas ou três regras de gramática, lastrado todo esse saber com vinte palavras do léxico.

Não imaginas as grandes dificuldades com que lutei, para arranjar os quatrocentos réis da viagem! É mais fácil - podes ficar certo - aprender o javanês... Fui a pé. Cheguei suadíssimo; e, com maternal carinho, as anosas mangleiras, que se perfilavam em alameda diante da casa do titular, me receberam, me acolheram e me reconfortaram. Em toda a minha vida, foi o único momento em que cheguei a sentir a simpatia da natureza...

Era uma casa enorme que parecia estar deserta; estava mal tratada, mas não sei por que me veio pensar que nesse mau tratamento havia mais desleixo e cansaço de viver que mesmo pobreza. Devia haver anos que não era pintada. As paredes descascavam e os beirais do telhado, daquelas telhas vidradas de outros tempos, estavam desguarnecidos aqui e ali, como dentaduras decadentes ou mal cuidadas.

Olhei um pouco o jardim e vi a pujança vingativa com que a tiririca e o carrapicho tinham expulsado os tinhorões e as begônias. Os crótons continuavam, porém, a viver com a sua folhagem de cores mortíferas. Bati. Custaram-me a abrir. Veio, por fim, um antigo preto africano, cujas barbas e cabelo de algodão davam à sua fisionomia uma aguda impressão de velhice, doçura e sofrimento.

Na sala, havia uma galeria de retratos: arrogantes senhores de barba em colar se perfilavam enquadrados em imensas molduras douradas, e doces perfis de senhoras, em bandós, com grandes leques, pareciam querer subir aos ares, enfunadas pelos redondos vestidos à balão; mas, daquelas velhas coisas, sobre as quais a poeira punha mais antiguidade e respeito, a que gostei mais de ver foi um belo jarrão de porcelana da China ou da Índia, como se diz. Aquela pureza da louça, a sua fragilidade, a ingenuidade do desenho e aquele seu fosco brilho de luar, diziam-me a mim que aquele objeto tinha sido feito por mãos de criança, a sonhar, para encanto dos olhos fatigados dos velhos desiludidos...

Esperei um instante o dono da casa. Tardou um pouco. Um tanto trôpego, com o lenço de alcobaça na mão, tomando veneravelmente o simonte de antanho, foi cheio de respeito que o vi chegar. Tive vontade de ir-me embora. Mesmo se não fosse ele o discípulo, era sempre um crime mistificar aquele ancião, cuja velhice trazia à tona do meu pensamento alguma coisa de augusto, de sagrado. Hesitei, mas fiquei.

—Eu sou, avancei, o professor de javanês, que o senhor disse precisar.

—Sente-se, respondeu-me o velho. O senhor é daqui, do Rio?

—Não, sou de Canavieiras.

—Como? fez ele. Fale um pouco alto, que sou surdo,

—Sou de Canavieiras, na Bahia, insisti eu.

—Onde fez os seus estudos?

—Em São Salvador.

—E onde aprendeu o javanês? indagou ele, com aquela teimosia peculiar aos velhos.

Não contava com essa pergunta, mas imediatamente arquitetei uma mentira. Conte-lhe que meu pai era javanês. Tripulante de um navio mercante, viera ter à Bahia, estabelecera-se nas proximidades de Canavieiras como pescador, casara, prosperara e fora com ele que aprendi javanês.

—E ele acreditou? E o físico? perguntou meu amigo, que até então me ouvira calado.

—Não sou, objetei, lá muito diferente de um javanês. Estes meus cabelos corridos, duros e grossos e a minha pele *basané* podem dar-me muito bem o aspecto de um mestiço de malaio... Tu sabes bem que, entre nós, há de tudo: índios, malaios, taitianos, malgaches, guanches, até godos. É uma comparsaria de raças e tipos de fazer inveja ao mundo inteiro.

—Bem, fez o meu amigo, continua.

—O velho, emendei eu, ouviu-me atentamente, considerou demoradamente o meu físico, pareceu que me julgava de fato filho de malaio e perguntou-me com doçura:

—Então está disposto a ensinar-me javanês?

—A resposta saiu-me sem querer: — Pois não.

—O senhor há de ficar admirado, aduziu o Barão de Jacuecanga, que eu, nesta idade, ainda queira aprender qualquer coisa, mas...

—Não tenho que admirar. Têm-se visto exemplos e exemplos muito fecundos...

—O que eu quero, meu caro senhor....?

—Castelo, adiantei eu.

—O que eu quero, meu caro Senhor Castelo, é cumprir um juramento de família. Não sei se o senhor sabe que eu sou neto do Conselheiro Albernaz, aquele que acompanhou Pedro I, quando abdicou. Voltando de Londres, trouxe para aqui um livro em língua esquisita, a que tinha grande estimação. Fora um hindu ou siamês que lho dera, em Londres, em agradecimento a não sei que serviço prestado por meu avô. Ao morrer meu avô, chamou meu pai e lhe disse: "Filho, tenho este livro aqui, escrito em javanês. Disse-me quem mo deu que ele evita desgraças e traz felicidades para quem o tem. Eu não sei nada ao certo. Em todo o caso, guarda-o; mas, se queres que o fado que me deitou o sábio oriental se cumpra, faze com que teu filho o entenda, para que sempre a nossa raça seja feliz." Meu pai, continuou o velho barão, não acreditou muito na história; contudo, guardou o livro. Às portas da morte, ele mo deu e disse-me o que prometera ao pai. Em começo, pouco caso fiz da história do livro. Deitei-o a um canto e fabriquei minha vida. Cheguei até a esquecer-me dele; mas, de uns tempos a esta parte, tenho passado por tanto desgosto, tantas desgraças têm caído sobre a minha velhice que me lembrei do talismã da família. Tenho que o ler, que o compreender, se não quero que os meus últimos dias anunciem o desastre da minha posteridade; e, para entendê-lo, é claro, que preciso entender o javanês. Eis aí.

Calou-se e notei que os olhos do velho se tinham orvalhado. Enxugou discretamente os olhos e perguntou-me se queria ver o tal livro. Respondi-lhe que sim. Chamou o criado, deu-lhe as instruções e explicou-me que perdera todos os filhos, sobrinhos, só lhe restando uma filha casada, cuja prole, porém, estava reduzida a um filho, débil de corpo e de saúde frágil e oscilante.

Veio o livro. Era um velho calhamaço, um *in-quarto* antigo, encadernado em couro, impresso em grandes letras, em um papel amarelado e grosso. Faltava a folha do rosto e por isso não se podia ler a data da impressão. Tinha ainda umas páginas de prefácio, escritas em inglês, onde li que se tratava das histórias do príncipe Kulanga, escritor javanês de muito mérito.

Logo informei disso o velho barão que, não percebendo que eu tinha chegado aí pelo inglês, ficou tendo em alta consideração o meu saber malaio. Estive ainda folheando o cartapácio, à laia de quem sabe magistralmente aquela espécie de vasconço, até que afinal contratamos as condições de preço e de hora, comprometendo-me a fazer com que ele lesse o tal alfarrábio antes de um ano.

Dentro em pouco, dava a minha primeira lição, mas o velho não foi tão diligente quanto eu. Não conseguia aprender a distinguir e a escrever nem sequer quatro letras.

Enfim, com metade do alfabeto levamos um mês e o Senhor Barão de Jacuecanga não ficou lá muito senhor da matéria: aprendia e desaprendia.

A filha e o genro (penso que até aí nada sabiam da história do livro) vieram a ter notícias do estudo do velho; não se incomodaram. Acharam graça e julgaram a coisa boa para distraí-lo.

Mas com o que tu vais ficar assombrado, meu caro Castro, é com a admiração que o genro ficou tendo pelo professor de javanês. Que coisa Única! Ele não se cansava de repetir: "É um assombro! Tão moço! Se eu soubesse isso, ah! onde estava!"

O marido de Dona Maria da Glória (assim se chamava a filha do barão) era desembargador, homem relacionado e poderoso; mas não se pejava em mostrar diante de todo o mundo a sua admiração pelo meu javanês. Por outro lado, o barão estava contentíssimo. Ao fim de dois meses, desistira da aprendizagem e pedira-me que lhe traduzisse, um dia sim outro não, um trecho do livro encantado. Bastava entendê-lo, disse-me ele; nada se opunha que outrem o traduzisse e ele ouvisse. Assim evitava a fadiga do estudo e cumpria o encargo. Sabes bem que até hoje nada sei de javanês, mas compus umas histórias bem tolas e impingi-as ao velhote como sendo do crônicon. Como ele ouvia aquelas bobagens!...

Ficava extático, como se estivesse a ouvir palavras de um anjo. E eu crescia aos seus olhos!

Fez-me morar em sua casa, enchia-me de presentes, aumentava-me o ordenado. Passava, enfim, uma vida regalada.

Contribuí muito para isso o fato de vir ele a receber uma herança de um seu parente esquecido que vivia em Portugal. O bom velho atribuiu a cousa ao meu javanês; e eu estive quase a crê-lo também.

Fui perdendo os remorsos; mas, em todo o caso, sempre tive medo que me aparecesse pela frente alguém que soubesse o tal patuá malaio. E esse meu temor foi grande, quando o doce barão me mandou com uma carta ao Visconde de Caruru, para que me fizesse entrar na diplomacia. Fiz-lhe todas as objeções: a minha fealdade, a falta de elegância, o meu aspecto tagalo. —"Qual! retrucava ele. Vá, menino; você sabe javanês!" Fui. Mandou-me o visconde para a Secretaria dos Estrangeiros com diversas recomendações. Foi um sucesso.

O diretor chamou os chefes de secção: "Vejam só, um homem que sabe javanês - que portento!"

Os chefes de secção levaram-me aos oficiais e amanuenses e houve um destes que me olhou mais com ódio do que com inveja ou admiração. E todos diziam: "Então sabe javanês? É difícil? Não há quem o saiba aqui!"

O tal amanuense, que me olhou com ódio, acudiu então: "É verdade, mas eu sei canaque. O senhor sabe?" Disse-lhe que não e fui à presença do ministro.

A alta autoridade levantou-se, pôs as mãos às cadeiras, concertou o *pince-nez* no nariz e perguntou: "Então, sabe javanês?" Respondi-lhe que sim; e, à sua pergunta onde o tinha aprendido, contei-lhe a história do tal pai javanês. "Bem, disse-me o ministro, o senhor não deve ir para a diplomacia; o seu físico não se presta... O bom seria um consulado na Ásia ou Oceania. Por ora, não há vaga, mas vou fazer uma reforma e o senhor entrará. De hoje em diante, porém, fica adido ao meu ministério e quero que, para o ano, parta para Bâle, onde vai representar o Brasil no Congresso de Linguística. Estude, leia o Hovelacque, o Max Müller, e outros!"

Imagina tu que eu até aí nada sabia de javanês, mas estava empregado e iria representar o Brasil em um congresso de sábios.

O velho barão veio a morrer, passou o livro ao genro para que o fizesse chegar ao neto, quando tivesse a idade conveniente e fez-me uma deixa no testamento.

Pus-me com afã no estudo das línguas maleo-polinésicas; mas não havia meio!

Bem jantado, bem vestido, bem dormido, não tinha energia necessária para fazer entrar na cachola aquelas coisas esquisitas. Comprei livros, assinei revistas: *Revue Anthropologique et Linguistique*, *Proceedings of the English-Oceanic Association*, *Archivio Glottologico Italiano*, o diabo, mas nada! E a minha fama crescia. Na rua, os informados apontavam-me, dizendo aos outros: "Lá vai o sujeito que sabe javanês." Nas livrarias, os gramáticos consultavam-me sobre a colocação dos pronomes no tal jargão das ilhas de Sonda. Recebia cartas dos eruditos do interior, os jornais citavam o meu saber e recusei aceitar uma turma de alunos sequiosos de entenderem o tal javanês. A convite da redação,

escrevi, no *Jornal do Commercio* um artigo de quatro colunas sobre a literatura javanesa antiga e moderna...

—Como, se tu nada sabias? interrompeu-me o atento Castro.

—Muito simplesmente: primeiramente, descrevi a ilha de Java, com o auxílio de dicionários e umas poucas de geografias, e depois citei a mais não poder.

—E nunca duvidaram? perguntou-me ainda o meu amigo.

—Nunca. Isto é, uma vez quase fico perdido. A polícia prendeu um sujeito, um marujo, um tipo bronzado que só falava uma língua esquisita. Chamaram diversos intérpretes, ninguém o entendia. Fui também chamado, com todos os respeitos que a minha sabedoria merecia, naturalmente. Demorei-me em ir, mas fui afinal. O homem já estava solto, graças à intervenção do cônsul holandês, a quem ele se fez compreender com meia dúzia de palavras holandesas. E o tal marujo era javanês - uf!

Chegou, enfim, a época do congresso, e lá fui para a Europa. Que delícia! Assisti à inauguração e às sessões preparatórias. Inscreveram-me na secção do tupi-guarani e eu abalei para Paris. Antes, porém, fiz publicar no *Mensageiro de Bâle* o meu retrato, notas biográficas e bibliográficas. Quando voltei, o presidente pediu-me desculpas por me ter dado aquela secção; não conhecia os meus trabalhos e julgara que, por ser eu americano brasileiro, me estava naturalmente indicada a secção do tupi-guarani. Aceitei as explicações e até hoje ainda não pude escrever as minhas obras sobre o javanês, para lhe mandar, conforme prometi.

Acabado o congresso, fiz publicar extratos do artigo do *Mensageiro de Bâle*, em Berlim, em Turim e Paris, onde os leitores de minhas obras me ofereceram um banquete, presidido pelo Senador Gorot. Custou-me toda essa brincadeira, inclusive o banquete que me foi oferecido, cerca de dez mil francos, quase toda a herança do crédulo e bom Barão de Jacuecanga.

Não perdi meu tempo nem meu dinheiro. Passei a ser uma glória nacional e, ao saltar no cais Pharoux, recebi uma ovação de todas as classes sociais e o presidente da república, dias depois, convidava-me para almoçar em sua companhia.

Dentro de seis meses fui despachado cônsul em Havana, onde estive seis anos e para onde voltarei, a fim de aperfeiçoar os meus estudos das línguas da Malaia, Melanésia e Polinésia.

—É fantástico, observou Castro, agarrando o copo de cerveja.

—Olha: se não fosse estar contente, sabes que ia ser?

— Quê?

— Bacteriologista eminente. Vamos?

— Vamos.

Texto publicado em "Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século", por Ítalo Moriconi, Editora Objetiva — Rio de Janeiro, 2000, pág. 55.